



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL-RIO-GRANDENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ALINE DA ROCHA RODRIGUES

**A PRESENÇA DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL)
CÂMPUS CHARQUEADAS NA REGIÃO CARBONÍFERA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O IMPACTO DO INSTITUTO NA VIDA DE EGRESSOS**

Charqueadas
Setembro, 2025

ALINE DA ROCHA RODRIGUES

**A PRESENÇA DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL)
CÂMPUS CHARQUEADAS NA REGIÃO CARBONÍFERA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O IMPACTO DO INSTITUTO NA VIDA DE EGRESSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Charqueadas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Daniela Medeiros de Azevedo Prates

Charqueadas
Setembro, 2025

R696p

Rodrigues, Aline da Rocha

A presença do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas na Região Carbonífera: um estudo de caso sobre o impacto do Instituto na vida de egressos. / Aline da Rocha Rodrigues. – Charqueadas, RS, – 2025.

202 f.

Dissertação – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Câmpus Charqueadas, Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT).

“Orientadora: Profa Dra Daniela Medeiros de Azevedo Prates”

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Egressos. 3. Ensino Médio Integrado. 4. Institutos Federais. I. Título.

CDU 377

Catálogo na Publicação:
Bibliotecário Fernando Scheid - CRB 10/1909

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ALINE DA ROCHA RODRIGUES

**A PRESENÇA DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL)
CÂMPUS CHARQUEADAS NA REGIÃO CARBONÍFERA: UM ESTUDO DE CASO
SOBRE O IMPACTO DO INSTITUTO NA VIDA DE EGRESSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 30 de setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniela Medeiros de Azevedo Prates
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense -
Orientadora
(ProfEPT/IFSul)

Prof.^a Dr.^a Rochele da Silva Santaiana
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
(PPGEdu/UERGS)

Prof.^a Dr.^a Luciana Neves Loponte
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense
(ProfEPT/IFSul)

Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Martiarena
Instituto Federal do Rio Grande do Sul
(ProfEPT/IFRS)

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ALINE DA ROCHA RODRIGUES

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM EPT: RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em dia 30 de setembro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniela Medeiros de Azevedo Prates
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense –
Orientadora
(ProfEPT/IFSul)

Prof.^a Dr.^a Rochele da Silva Santaiana
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
(PPGEdu/UERGS)

Prof.^a Dr.^a Luciana Neves Loponte
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense
(ProfEPT/IFSul)

Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Martiarena
Instituto Federal do Rio Grande do Sul
(ProfEPT/IFRS)

Dedico este trabalho à pessoa que eu mais amo no mundo: minha mãe, Lúcia, por ter me ensinado, desde pequena, a nunca desistir. Foram pequenas ações cotidianas que se tornaram grandes, pois se refletem no hoje. Sempre que eu pensava em desistir de algo, “porque não iria conseguir”, você estava lá, “me obrigando” a insistir e me mostrando, do seu jeito, que eu devia sempre perseverar, pois sou capaz.

Ensinaamentos que transbordam no hoje e sempre. Obrigada pelas orações, pelas vezes em que me fez companhia de madrugada para que eu não dormisse e pudesse seguir pesquisando. Quando o sono e o cansaço se faziam presentes, você também estava presente, oferecendo-me apoio.

Obrigada pelas vezes que me levou almoço e lanche no quarto, porque eu estava tão concentrada que não via as horas passarem e esquecia de me alimentar; mas você estava lá, lembrando-me e se fazendo presente de inúmeras formas.

Obrigada por ser meu apoio, por ser meu braço direito e esquerdo, por me incentivar sempre, por acreditar em mim e comemorar cada conquista minha como se fosse sua, porque, aliás, ela é. Eu não teria conseguido me dedicar ao mestrado se não fosse todo o seu suporte para isso.

Te amo, mãe! Meu amor e minha gratidão por você são eternos, assim como seus ensinamentos!

AGRADECIMENTOS

Acredito que, na vida, não construímos nada sozinhos, então há muitas pessoas a quem agradecer. Primeiramente, agradeço a minha mãe pela parceria antes e durante o mestrado, que foi essencial para chegar aonde cheguei, assim como os meus amados Pompom e Estela Maria, pois passaram muitas madrugadas frias, acordados ao meu lado, me proporcionando desfrutar de suas companhias e, com o seu amor puro, mesmo sem dizer uma palavra, me proporcionaram um ambiente calmo e tranquilo. A mamãe ama vocês!

Agradeço à professora Michele Schmitt, por ter me incentivado a tentar o mestrado. Você foi a primeira pessoa a me incentivar e acreditou em mim, antes que eu mesma acreditasse.

Minha jornada no Mestrado começou cinco meses antes, com estudos para o processo seletivo, portanto, agradeço ao professor Paulo César Rocha, que, por meio de suas aulas, abriu um mundo novo à minha frente e foi essencial para essa aprovação.

Agradeço a Eloisa Braga, por permitir que o sonho se tornasse real.

Agradeço a Prof. Daniela por todas as orientações, por ter me apresentado ao mundo da pesquisa, por ter me ensinado tanto e por não ter desistido de mim, mesmo diante de tantos desafios que é me orientar. Você foi incrível!

Agradeço a todas as pessoas que fizeram esse mestrado acontecer: aos meus colegas da turma de 2023 do ProfEPT por dividirem essa incrível jornada de dois anos comigo e aos professores por todos os momentos vividos durante nossas aulas no mestrado e por compartilharem tanto conhecimento.

Agradeço aos egressos participantes da pesquisa e do documentário, por toda disponibilidade para ajudar no desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço as personalidades entrevistadas que colaboraram para que a história do IFSul Câmpus Charqueadas fosse contada.

Agraço a Pérsida Silva, presente que o mestrado me deu, por toda paciência e atenção ao longo desses anos. Sua parceria e, principalmente, paciência foram essenciais para mim, foi muito importante poder contar com você! Obrigada por tudo!

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram com essa pesquisa/dissertação: à comissão examinadora que estiveram comigo na banca de qualificação e na defesa e que trouxer importantes contribuições: Prof.^a Rochele

Santaiana, Prof.^aMaria Augusta Martiarena e Prof.^a Luciana Loponte. Vocês são ótimas, e ter a oportunidade de aprender com vocês é incrível! Agradeço às colegas do GEPEJE CNPq/IFSul por todos os encontros e contribuições para essa pesquisa.

Agradeço a Claudio da Silva Costa, Darling Geruza Rio de Souza, Magda Margareth Scarpatti e Marcos Roberto Prietto Schvant pela disponibilização das fotos que enriqueceram a dissertação e o documentário.

Agradeço ao Rodrigo Ruiz. Sem você, esse documentário não teria saído do papel. Obrigada pela parceria e por toda sua ajuda.

A todos vocês que, de uma forma ou de outra, ajudaram-me a chegar aonde cheguei, meu muito obrigada!

“[...] E, se der medo, vai com medo mesmo.”
(Alpheu Mattos)

RESUMO

Esta dissertação constitui-se em uma investigação de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), na Linha de Pesquisa 1, Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), e Macroprojeto 2, Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT. Este estudo problematiza como a presença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas impacta na vida de egressos do Ensino Médio Integrado. Trata-se de um tema relevante, considerando-se que a realização de pesquisa com egressos possibilita a Instituição uma maior compreensão do papel do Ensino Médio Integrado para a melhoria da qualidade de vida dos estudantes da Região Carbonífera, servindo também como instrumento de avaliação do curso pela Instituição. Tal empreendimento ancora-se às interlocuções dos referenciais teóricos sobre Educação Profissional (Cunha 2000, 2008 e 2014; Frigotto e Maria Ciavatta, 2003; Frigotto, Ciavatta e Ramos, 2005; Moura, 2007 e 2016; entre outros), em diálogo às concepções sobre a Rede Federal de Educação Profissional e papel dos Institutos Federais na Formação Humana e Integral (Pacheco, 2011; Cembranel, Sandri, 2016; Castro, Plácido, Medeiros, 2019; Moura, 2007; Saviani, 2007; Ramos, 2014), articulando a investigações já realizadas sobre egressos (Einsfeld, 2022; Oliveira, 2019; Torres, 2020; Botelho, 2020; Silva, 2022). A investigação possui abordagem qualitativa e foi inicialmente realizado uma análise documental no Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos do IFSul e no Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos do IFSul Câmpus Charqueadas, seguido de dois movimentos. Em um primeiro movimento, buscou-se mapear o perfil dos egressos dos cursos Técnicos Integrados em Informática e Mecatrônica, entre os anos de 2016 e 2022. Para tanto, partiu-se de dados da Coordenadoria de Registros Acadêmicos (CORAC) para posterior localização e convite a participarem de questionário, o que contou com a participação de 57 egressos respondentes. Em seguida, realizou-se a seleção de sete perfis heterogêneos para participarem de uma entrevista semiestruturada, buscando reconhecer as trajetórias dos sujeitos em relação às oportunidades de estudos e à inserção no mundo do trabalho. A partir da análise de conteúdo, a investigação encontra-se organizada considerando as seguintes categorias: trajetória de vida, experiência formativa e mundo do trabalho. A pesquisa permite inferir que os egressos percebem que ter cursado o Ensino Médio Integrado no IFSul foi uma oportunidade de transformação em sua realidade, constituindo-se como uma “virada de chave” para melhoria de suas condições de vida e ampliação de “visão de mundo”. Também foi necessário, para a pesquisa, reconhecer a própria trajetória da constituição do Campus na região, o que inclui uma revisão bibliográfica e também de entrevistas com personalidades que estiveram à frente da luta pela construção de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas. A partir das análises, desenvolveu-se como Produto Educacional o documentário intitulado “Práticas Educativas em EPT: relatos e experiências” que permite reconhecer o impacto da presença do IFSul na Região Carbonífera através das trajetórias formativas e de trabalho de egressos dos cursos técnico integrados, considerando a perspectiva de formação humana e integral vivenciada no Ensino Médio Integrado.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica. Egressos. Ensino Médio Integrado. Institutos Federais. ProfEPT.

ABSTRACT

This dissertation is a Master's degree investigation developed in the Postgraduate Program in Professional and Technological Education (ProfEPT), in Research Line 1, Educational Practices in Professional and Technological Education (EPT), and Macroproject 2, Inclusion and diversity in formal and non-formal teaching spaces at EPT. This study problematizes how the presence of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFSul) Câmpus Charqueadas impacts the lives of graduates from Integrated High School. This is a relevant topic, considering that carrying out research with graduates allows the Institution a greater understanding of the role of Integrated High School in improving the quality of life of students in the Coal Region, also serving as an instrument for evaluating the course by the Institution. This undertaking is anchored in the interlocutions of theoretical references on Professional Education (Cunha 2000, 2008 and 2014; Frigotto and Maria Ciavatta, 2003; Frigotto, Ciavatta and Ramos, 2005; Moura, 2007 and 2016; among others), in dialogue with the conceptions about the Federal Professional Education Network and the role of Federal Institutes in Human and Integral (Pacheco, 2011; Cembranel, Sandri, 2016; Castro, Plácido, Medeiros, 2019; Moura, 2007; Saviani, 2007; Ramos, 2014), articulating investigations already carried out on graduates (Einsfeld, 2022; Oliveira, 2019; Torres, 2020; Botelho, 2020; Silva, 2022). The investigation has a qualitative approach and a documentary analysis was initially carried out on the Annual Monitoring Report of IFSul Graduates and the Annual Monitoring Report of Graduates of IFSul Câmpus Charqueadas, followed by two movements. In a first step, we sought to map the profile of graduates of the Integrated Technicians in IT and Mechatronics courses, between the years 2016 and 2022. To do so, we used data from the Academic Records Coordination (CORAC) for subsequent location and invitation to participate in a questionnaire, which included the participation of 57 responding graduates. Next, seven heterogeneous profiles were selected to participate in a semi-structured interview, seeking to recognize the subjects' trajectories in relation to study opportunities and insertion into the world of work. Based on content analysis, the investigation is organized considering the following categories: life trajectory, educational experience and world of work. The research allows us to infer that graduates realize that having attended Integrated High School at IFSul was an opportunity to transform their reality, constituting a "key turning point" for improving their living conditions and expanding their "world view". It was also necessary, for the research, to recognize the trajectory of the establishment of the Campus in the region, which includes a bibliographical review and also interviews with personalities who were at the forefront of the fight for the construction of a Federal Technical School in Charqueadas. Based on the analyses, a documentary was developed as an Educational Product that briefly tells the history of IFSul in the Carboniferous Region and presents testimonies from graduates talking about their experience at IFSul and its importance for their professional and personal training. Based on the analyses, the documentary entitled "Educational Practices in EPT: reports and experiences" was developed as an Educational Product, which allows us to recognize the impact of IFSul's presence in the Coal Region through the training and work trajectories of graduates of integrated technical courses, considering the perspective of human and integral training experienced in Integrated High School.

Keywords: Professional and Technological Education. Graduates. Integrated High School. Federal Institutes. ProfEPT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – IFSul Câmpus Charqueadas	32
Figura 2 – Oficina de tingimento de tecidos	59
Figura 3 – Protesto do grupo dos excludentes contra o acordo MEC/USAID	69
Figura 4 - Instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica	83
Figura 5 – Obras da Escola Técnica Municipal – Anos 90	88
Figura 6 – CEFET/Charqueadas – 2006	90
Figura 7 – Banner de Acompanhamento de Egressos	94
Figura 8 – Banner de Acompanhamento de Egressos	95
Figura 9 - Algumas respostas dos egressos sobre o impacto do IFSul em suas vidas	116
Figura 10 – Bastidores dos Egressos	177
Figura 11 – Bastidores Participantes	178

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Movimentos Metodológicos	27
Quadro 2 – Documentos	31
Quadro 3 - Localização e contato dos egressos.....	35
Quadro 4 - Localização do nome dos egressos respondentes	36
Quadro 5 – Categorias de Análises	41
Quadro 6 – Banco de Teses e Dissertações da CAPES	51
Quadro 7 – Observatório ProfEPT	55
Quadro 8 – Articulação entre Ensino Médio e Técnico	75
Quadro 9 – Distribuição dos novos Campus dos Institutos Federais	81
Quadro 10 - Idade de formação x número de alunos	102
Quadro 11 - Trabalho	103
Quadro 12 – Cidade/Distância/Tempo de deslocamento/Gastos	106
Quadro 13 - Avaliação da Instituição.....	110
Quadro 14 - Participação em atividades de Ensino, Pesquisa e/ou Extensão	112
Quadro 15 - Vivências no IFSul	114
Quadro 16 – Locomoção	168
Quadro 17 - Datas, horários e locais das gravações	174
Quadro 18 – Fases da produção do documentário	175
Quadro 19 – Roteiro do documentário	176
Quadro 20 – Comentários sobre o produto educacional	179

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gênero/Curso	99
Gráfico 2 – Motivação	160
Gráfico 3 – Curso	163
Gráfico 4 – Participação em eventos	165
Gráfico 5 – Cidade	168
Gráfico 6 – Estudos	170
Gráfico 7 – Trabalho	171

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APL - Arranjos Produtivos Locais

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEB – Câmara de Educação Básica

CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNCT - Catálogo Nacional de Cursos Técnicos

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNS - Conselho Nacional de Saúde

COIS - Coordenadoria de Interação com a Sociedade

CONSUP - Conselho Superior

CORAC – Coordenadoria de Registros Acadêmicos

DEGAE – Departamento de Gestão de Assistência Estudantil

ETF e EAF - Escolas Técnicas e Agrotécnicas

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EMI - Ensino Médio Integrado

ENCOMPIF – Encontro Nacional de Computação dos Institutos Federais

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EP - Educação Profissional

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

FIC - Formação Inicial e Continuada

FUNDACOR - Fundação Educacional Comunitária Regional

GEPEJE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventude e Educação

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IERGS - Instituto Educacional do Rio Grande do Sul

IF - Instituto Federal

IFCE - Instituto Federal do Ceará

IFPE - Instituto Federal do Pernambuco

IFRN - Instituto Federal do Rio Grande do Norte

IFSUL - Instituto Federal Sul-rio-grandense

IFTM - Instituto Federal do Triângulo Mineiro

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC - Ministério da Educação

MPE - Mestrados Profissionais em Educação

PAEG - Política de Acompanhamento de Egressos

PcD - Pessoa com Deficiência

PE - Produto Educacional

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PNAES - Programa Nacional de Assistência Estudantil

PNE – Plano Nacional de Educação

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação

PPI - Projeto Pedagógico Institucional

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PROEX - Pró-reitoria de Extensão e Cultura

PL – Projeto de Lei

ProfEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

ProUni - Programa Universidade para Todos

PUC - Pontifícia Universidade Católica

RFEPCT - Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

RELEIA - Repositório Leituras Abertas

SMED – Secretaria Municipal de Educação

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

SINASEFE – Sindicato Nacional dos Servidores Federais de Educação Básica e Profissional

TAE - Técnicos Administrativos em Educação

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TSI - Tecnologia em Sistemas para Internet

UNED - Unidade de Ensino Descentralizada

UNICEF – Fundos das Nações Unidas para a Infância

UT - Universidades Tecnológicas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 PROBLEMA	23
1.2 OBJETIVOS	24
1.2.1 Objetivo Geral	24
1.2.2 Objetivos Específicos	24
2 METODOLOGIA	26
2.1 LUGAR DA PESQUISA	31
2.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	33
2.2.1 Da localização dos egressos	33
2.2.2 Da aplicação dos questionários	36
2.2.3 Da aplicação das entrevistas	37
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA	37
2.3.1 Jovens-egressos	38
2.3.2 Personalidades que fizeram história na luta pela implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas	38
2.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	38
2.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO	40
2.5.1 CATEGORIA DE ANÁLISE	41
3 ESTADO DO CONHECIMENTO	50
4 PANORAMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL E O PAPEL DOS INSTITUTOS FEDERAIS	57
4.1 A história da Educação Profissional no Brasil	57
4.2 A Rede Federal de Educação Profissional e os Institutos Federais	81
4.3 Anos 90: Primeira proposta de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas	86
5 ANÁLISE DOS DADOS	91
5.1 ANÁLISE DOCUMENTAL: RELATÓRIO ANUAL DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS DO IFSUL	91
5.2 ANÁLISE DO RELATÓRIO ANUAL DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS DO IFSUL CÂMPUS CHARQUEADAS	96
5.3 MAPEANDO PERFIS: QUEM SÃO OS EGRESSOS DO IFSUL CÂMPUS CHARQUEADAS?	98
5.4 (RE) ABRINDO O DIÁLOGO: EGRESSOS EM CENA	117

5.4.1 Trajetória da Lívia	118
5.4.2 Trajetória do Matheus.....	125
5.4.3 Trajetória da Carolina	128
5.4.4 Trajetória do Pedro Henrique.....	134
5.4.5 Trajetória da Amanda	140
5.4.6 Trajetória da Tainá	147
5.4.7 Trajetória da Fernanda.....	154
5.5 (RE) CONSTRUINDO EVIDÊNCIAS: O PAPEL DO INSTITUTO FEDERAL NA VIDA DOS EGRESSOS	159
6 PRODUTO EDUCACIONAL	172
6.1 O DOCUMENTÁRIO COMO INSTRUMENTO DE NARRATIVA DOS EGRESSOS	174
6.1.1 Informações adicionais sobre a elaboração do documentário	174
6.2 AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	179
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	182
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	194
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE RECONHECIMENTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	197
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	198
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	202

1 INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar egressos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) do Câmpus Charqueadas surgiu após presenciar o desenvolvimento pessoal e profissional dos filhos (as) de conhecidos e observar que, por conhecer suas histórias de vida, muitos não teriam as mesmas oportunidades se não fosse através do IFSul. Ao observar essa realidade em suas vidas, logo vêm-me à mente lembranças de um passado não muito distante, de quando terminei o Ensino Fundamental. Naquela época, em Charqueadas, havia poucas oportunidades de estudos para seus moradores, a cidade contava somente com duas opções de escolas de nível médio, sendo uma pública e outra privada. A falta de oportunidades de estudo teve um impacto significativo não apenas na minha vida, mas na vida de vários amigos e conhecidos e hoje ao nos depararmos com o IFSul em nossa cidade, inúmeras vezes comentamos o quanto ele teria feito diferença na nossa trajetória, se estivesse presente na época em que cursamos o Ensino Médio.

Foi observando o desenvolvimento de vários jovens conhecidos que despertou em mim o interesse em descobrir histórias de que não tenho conhecimento. Afinal, por onde andam os egressos do Ensino Médio Integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022¹, no IFSul Câmpus Charqueadas? Qual o impacto que o IFSul teve em suas vidas? Quais caminhos percorreram até a sua entrada no mundo do trabalho?

Para obter tais respostas, foi realizado um questionário on-line, que tinha como objetivo mapear o perfil dos egressos. Em seguida, ocorreu uma entrevista semiestruturada que permitiu reconhecer os caminhos percorridos pelos egressos em relação às oportunidades de estudos e à inserção no mundo do trabalho, bem como reconhecer a importância da instituição nas suas vidas, por meios das oportunidades que ela oferece. Mas, afinal, quem pode ser considerado egresso?

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra egresso significa afastamento,

¹ Escolhi esse recorte temporal, pois abrange o recorte adotado pela pesquisa já desenvolvida por Victória Einsfeld (2022), sobre a temática Egressos no Câmpus Charqueadas, que possui o recorte temporal de 2016 a 2020 e que amplo para os últimos dois anos, buscando abranger também as pesquisas mais recentes. Meu intuito é tomar como referência os caminhos percorridos nesta investigação e trazer os dois anos posteriores para comparação.

saída, aquele que já não faz mais parte de um grupo (Michaelis, 2023), sua origem advém do latim *egressus*, que significa saída, escape. Conforme a Pesquisa Nacional de egressos dos cursos Técnicos da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (2009, p.12), egresso significa “o aluno que efetivamente concluiu os estudos regulares, estágios e outras atividades previstas no plano de curso e está apto a receber ou já recebeu o diploma”.

Francisco Oliveira (2019), traz o seguinte conceito de egresso: “aquele que efetivamente concluiu seus estudos, estando apto a ingressar no mercado de trabalho ou dar prosseguimento aos estudos” (Brasil, 2009, p.12). Portanto, na área educacional o termo egresso refere-se ao aluno que já concluiu algum curso e está capacitado para o mercado de trabalho. A realização de pesquisa com egressos é de grande importância para as Instituições de Ensino, pois serve como ferramenta de autoavaliação, buscando tanto avaliar a qualidade do curso, quanto compreender seu desempenho e relevância na realidade local na qual a Instituição está inserida. Oliveira (2019, p.49), afirma que:

[...] a pesquisa com egressos pode possibilitar uma avaliação profícua acerca da organização da instituição, de sua infraestrutura, seus professores e das relações interpessoais que, de modo geral, permeiam o ambiente escolar [...].

Através dos egressos é possível obter informações como percepções sobre a experiência vivida no curso, realização pessoal e profissional, empregabilidade dentro e fora da região, entre outros. Portanto, através dessas informações busca-se, caso necessário, realizar intervenções para melhorar a qualidade do ensino, assim como realizar modificações necessárias para adequar o curso ao que a realidade local exige, visando aprimorar as atividades na Instituição. Em sua dissertação, Oliveira (2019), afirma que a pesquisa com egressos pode colaborar para a melhoria das políticas institucionais de acompanhamento dos mesmos, que constantemente acabam por ser colocados em segundo plano em relação as demais demandas dos campus. Portanto, justifica-se a importância da realização de pesquisa com egressos como instrumento de avaliação dos cursos pela Instituição, possibilitando assim orientar os caminhos a serem seguidos para possíveis intervenções que possam cooperar com sua melhoria, bem como reconhecer a relevância da presença do Instituto na região e das oportunidades delas advindas.

Segundo o relatório da Pesquisa Nacional de Egressos dos cursos Técnicos de Nível Médio da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT):

[...] os egressos das instituições de ensino se revelam como atores potencializadores de articulação com a sociedade, fonte de informações que possibilita retratar a forma como a sociedade em geral, percebe e avalia estas instituições [...]. (Brasil, 2009, p.10).

Portanto, ao proporcionar a aproximação da instituição com os egressos é possível compreender suas percepções quanto a formação recebida em relação às demandas do mundo do trabalho e conseqüentemente, analisar a importância dos seus cursos, proporcionando assim, possíveis melhorias na qualidade do ensino e nos cursos ofertados.

Esta pesquisa situa-se na Linha de Pesquisa 1, Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) estando articulado ao Macroprojeto 2, inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT. A Linha de Pesquisa 1 aborda os fundamentos da prática educativa e do desenvolvimento curricular na Educação Profissional e Tecnológica, nas suas diferentes formas de ofertas, com ênfase nas estratégias transversais e interdisciplinares, que assegurem uma formação integral e significativa (ProfEPT/IFES, 2024). O que é apresentado nas falas dos egressos, pois, por meio de práticas educativas realizadas em espaços formais ou não formais — como pesquisas, desenvolvimento de projetos, feiras científicas, gincanas, jogos, entre outras — é possível proporcionar ao estudante seu pleno desenvolvimento, preparando-o para o mundo do trabalho por meio da articulação entre teoria e prática, o que torna a aprendizagem relevante e significativa.

1.1 PROBLEMA

Como a presença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas impacta na vida de egressos do Ensino Médio Integrado?

1.2 OBJETIVOS

Para responder ao problema de pesquisa, delineei um objetivo geral, que apresento na seção 1.2.1, que se desdobrou em três objetivos específicos, os quais apresento na seção. 1.2.2.

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o impacto da presença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas na vida de egressos do Ensino Médio Integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022.

Como desdobramento do objetivo geral, foram definidos três objetivos específicos, sendo eles:

1.2.2 Objetivos Específicos

- Mapear o perfil dos egressos do Ensino Médio Integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022, considerando marcadores sociais de diferença como idade, raça/cor, classe social, sexo, identidade de gênero, religião, escolaridade, moradia, entre outros;
- Reconhecer trajetórias percorridas pelos egressos em relação às oportunidades de estudo e inserção no mundo do trabalho;
- Elaborar um produto educacional, em formato de documentário, permita reconhecer o impacto da presença do IFSul na Região Carbonífera através das trajetórias formativas e de trabalho de egressos dos cursos técnico integrados em Informática e Mecatrônica, considerando a perspectiva de formação humana e integral vivenciada no Ensino Médio Integrado.

No capítulo introdutório, apresentei a temática, o problema e os objetivos da pesquisa. Agora passo a situar como foi organizada esta dissertação. No segundo capítulo, intitulado “Metodologia”, explico os movimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, como: mapeamento de perfis dos egressos realizado por meio de um questionário e entrevistas semiestruturadas. No capítulo

dois, intitulado “Metodologia”, apresento os sujeitos da pesquisa: jovens-egressos e um grupo de quatro personalidades que estiveram à frente da luta pela construção de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas. No terceiro capítulo, intitulado “Estado do Conhecimento”, apresento o movimento que buscou reconhecer as pesquisas já realizadas sobre a temática Egressos do Ensino Médio Integrado e que colaboraram para a elaboração desta pesquisa. No quarto capítulo, apresento um panorama da Educação Profissional no Brasil e a Rede Federal de Educação Profissional e o papel dos Institutos Federais. Apresento, ainda, a trajetória da primeira proposta de implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas, no início dos anos 90, e como se deu a articulação para a efetiva instalação da instituição em 2006 (CEFET/RS). No capítulo cinco, intitulado “Análise de dados: resultados e discussões”, realizo a análise dos dados produzidos, através do mapeamento do perfil dos egressos e da análise das trajetórias de sete egressos. No capítulo seis, intitulado “Produto Educacional”, discorro sobre a elaboração do produto educacional e sua avaliação. E por fim, apresento no capítulo sete, intitulado “Considerações finais”, discorrendo sobre os resultados alcançados na pesquisa.

2 METODOLOGIA

A pesquisa teve como objetivo investigar o impacto da presença do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas na vida dos egressos do Ensino Médio Integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022. Buscou-se, ainda, reconhecer a relevância do Instituto na Região Carbonífera, através de suas oportunidades educacionais e formativas, com vistas ao desenvolvimento de um produto educacional no formato de documentário. Portanto, utilizou-se como abordagem a pesquisa qualitativa, pois de acordo com Cecília Minayo (2007, p. 21), “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

A pesquisa qualitativa possibilita reconhecer e explorar os significados que os sujeitos atribuem as suas vivências, portanto conforme Minayo (2010), são mais adequadas para as investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, e que possam apresentar histórias sociais sob a ótica dos atores, fato evidenciado nas entrevistas semiestruturadas e que podem ser vistas no documentário. Corroborando com Minayo, Robert Yin (2016, p. 29), afirma que “a pesquisa qualitativa difere por sua capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes de um estudo”.

Já a metodologia utilizada foi um estudo de caso. Conforme Antônio Carlos Gil (2002, p.54), o estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”.

Apresento a seguir as etapas dos movimentos metodológicos utilizados para contemplar os objetivos desta pesquisa.

Quadro1 – Movimentos Metodológicos

Etapa/Procedimentos	Objetivos Específicos	Critérios
1º Estado do Conhecimento	Reconhecer as pesquisas realizadas sobre a temática Egressos do Ensino Médio Integrado.	Pesquisas realizadas entre os anos de 2016 e 2022 no site da CAPES e Observatório ProfEPT.
2º Localização e contato com os Egressos	Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), localizar egressos através das redes sociais para posterior contato e envio do questionário	Egressos dos cursos de Ensino Médio Integrado em Informática e Mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas, dos anos de 2016 a 2022.
3º Questionário	Mapear o perfil de egressos dos cursos de Ensino Médio Integrado em Informática e Mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas, considerando os marcadores sociais de diferença como sexo, identidade de gênero, cor, classe social, entre outros.	Egressos dos cursos de Ensino Médio Integrado em Informática e Mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas, dos anos de 2016 a 2022.
4º Entrevista Semiestruturada	Reconhecer trajetórias percorridas pelos egressos em relação às oportunidades de estudo e inserção no mundo do trabalho.	Egressos dos cursos de Ensino Médio Integrado em Informática e Mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas, dos anos de 2016 a 2022, selecionados após a aplicação do questionário, considerando marcadores sociais de diferenças como gênero, cor, classe, entre outros.
5º Análise de Dados	Analisar as entrevistas semiestruturadas buscando compreender as percepções dos egressos sobre o impacto do Instituto na sua formação profissional e em sua vida.	Análise de Conteúdo.
6º Produto Educacional	Elaborar, implementar e avaliar um produto educacional, em formato de documentário.	Elaborar um produto educacional, em formato de documentário, permita reconhecer o impacto da presença do IFSul na Região Carbonífera através das trajetórias formativas e de trabalho de egressos dos cursos técnico integrados em Informática e Mecatrônica, considerando a perspectiva de formação humana e integral vivenciada no Ensino Médio Integrado.

Fonte: Adaptado do Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e Educação
(GEPEJE/CNPq/IFSul).

O primeiro movimento da pesquisa remete ao reconhecimento do que vem sendo produzido sobre a temática através do Estado do Conhecimento, que foi anteriormente apresentado no capítulo dois e que foi aprofundado a partir do exame dos conceitos e teorizações centrais que a pesquisa tratou ao longo da investigação.

O segundo movimento foi a localização dos egressos, que ocorreu após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, ocorrida em 26 de julho de 2024. A partir do exame da literatura, em especial a partir da pesquisa desenvolvida junto a egressos do IFSul Câmpus Charqueadas por Victória Einsfeld (2022), é possível constatar a dificuldade de localização de egressos a partir de dados institucionais, no caso desta pesquisa, pelos dados fornecidos pela Coordenadoria de Registros Acadêmicos (CORAC), considerando que informações como telefone e e-mail estão geralmente desatualizadas. Neste sentido, a pesquisa adotou como estratégia o contato com egressos a partir da busca de seus perfis via redes sociais como Instagram e Facebook², o que mostrou grande êxito na investigação de Victória Einsfeld (2022).

Entendo que cada egresso localizado foi um potencial informante para o contato com demais sujeitos, seja mediante dados públicos presentes em suas redes de “amigos” ou “seguidores” ou através de informações diretamente compartilhadas com a pesquisadora. O que se assemelha a técnica bola de neve³. Na seção 2.2, “Procedimentos da Pesquisa”, subseção 2.2.1, apresento como foram localizados os egressos participantes desta pesquisa.

Após a localização, contato e apresentação da investigação, os egressos interessados em participarem da pesquisa receberam um link e foram encaminhados para responderem um questionário on-line (Apêndice B), que foi aplicado através da plataforma Google Forms, conforme apresento na seção 2.2, “Procedimentos da Pesquisa”, subseção 2.2.2, “da aplicação do questionário”.

Conforme Antônio Carlos Gil (2002, 2008), o questionário é um conjunto de questões respondidas pelo pesquisado e sua utilização apresenta inúmeras vantagens, como baixo custo e facilidade em englobar um número maior de pessoas

² Instagram: rede social de compartilhamento de fotos. Facebook: rede social que conecta usuário de várias partes do mundo.

³ A técnica bola de neve utiliza cadeias de referências, onde uma pessoa passa o contato de outras e assim sucessivamente.

não importando a sua localização geográfica. Portanto, o terceiro movimento metodológico foi a aplicação de um questionário, que permitiu que fosse realizado o mapeamento do perfil desses egressos. Após o reconhecimento dos perfis, foram selecionados sete participantes com perfis heterogêneos para participarem de uma entrevista semiestruturada, que foi o quarto movimento metodológico desta pesquisa.

A entrevista semiestruturada, compreende um modelo de entrevista flexível e que conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 72), permite que o pesquisador organize:

[...] um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal.

As entrevistas semiestruturadas tiveram como objetivo reconhecer as trajetórias percorridas em relação às oportunidades de estudo e inserção no mundo do trabalho pelos egressos participantes e resultaram em um documentário intitulado: “Práticas Educativas em EPT: relatos e experiências”, que é o produto educacional. Seis entrevistas foram realizadas através da plataforma VDO.ninja e uma foi realizada presencial, nas dependências do IF Sul Câmpus Charqueadas, conforme apresento na seção 2.2, “Procedimentos da Pesquisa”, subseção 2.2.3, “da aplicação das entrevistas”.

Foram entrevistados também personalidades que estiveram à frente da luta pela vinda de uma Escola Técnica Federal para Charqueadas, o que serviu para compreender melhor a trajetória do Câmpus Charqueadas. As personalidades entrevistadas são apresentadas na seção 2.2, “Procedimentos da Pesquisa”, subseção 2.3.2, “Personalidades que fizeram história na luta pela implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas”.

O quinto movimento foi a análise dos dados obtidos através da entrevista semiestruturada e que foi realizada através da análise de conteúdo, técnica de análise de dados qualitativos. Conforme Laurence Bardin (1977), o foco da análise de conteúdo é a palavra, ou seja, o aspecto individual que se manifesta no ato da linguagem. A partir desse aspecto, a análise de conteúdo, então, “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” (Bardin, 1977, p. 44), o que apresento na seção 2.5, “Análise de Conteúdo”, subseção 2.5.1, “Análise de Conteúdo”.

Por fim, o sexto e último movimento foi a elaboração de um produto educacional em formato de documentário que contou brevemente a história do IFSul na Região Carbonífera e que apresenta relatos de egressos contando sobre o impacto do Instituto na sua formação profissional e em sua vida. O documentário teve como objetivo evidenciar a importância do Instituto na região através das oportunidades delas advindas, conforme apresento no capítulo seis “Produto Educacional”.

Conforme dito anteriormente, a realização de pesquisa com egressos é de suma importância, pois possibilita que a Instituição obtenha informações que possibilitarão reconhecer o resultado de suas práticas educativas, bem como oportuniza que a Instituição possa realizar as mudanças necessárias buscando melhoria na qualidade de seus cursos. Maria Dazzani e José Lordelo (2012), consideram os egressos uma fonte privilegiada de informações que possibilitam compreender como avaliações de programas, políticas e práticas educacionais se vinculam à sociedade, assim como os alcances, efeitos e consequências de uma ação educativa. Para Rosália Duarte (2009), as pesquisas com egressos configuram-se como um rico e complexo recurso metodológico devido às especificidades dessa categoria, como, por exemplo, a localização dos sujeitos e a disposição de tempo para participar. Corroborando com os autores supracitados, Lélis Espartel (2008, p. 104) afirma que os egressos:

[...] (1) têm uma maior maturidade e conseguem ter uma visão mais ampla, quando o processo já está encerrado; e (2) são capazes de verificar, de forma pragmática, a contribuição que o curso trouxe a sua atuação profissional.

Logo conclui-se que pesquisar egressos, apesar de apresentar algumas dificuldades, torna-se relevante, pois os mesmos são portadores de significativas informações que colaboram com o aperfeiçoamento do curso frequentado.

Diversas Instituições de ensino adotam como forma de avaliação a Política de Acompanhamento de Egressos. No Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), por exemplo, existe a Política de Acompanhamento de Egressos (PAEG), que visa contribuir na melhoria do planejamento e execuções de ações na área do Ensino, Pesquisa e Extensão, buscando melhorar a formação do aluno e contribuir para ações de permanência e êxito (IFES, 2023).

Sendo o público alvo desta pesquisa egressos do IFSul Câmpus Charqueadas, considerei importante reconhecer o que já foi realizado no IFSul sobre a temática, onde localizei no site da Instituição dois relatórios de acompanhamento de egressos, os quais faço uma breve apresentação. Sendo eles:

Quadro 2 – Documentos

Documento	Função	Páginas	Ano
Resolução nº 059/2018	Institui a Política de Acompanhamento de Egressos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense	1	2018
Política de Acompanhamento de Egressos do IFSul	Reconhece as políticas institucionais de egressos	8	2018
Relatório de Acompanhamento de Egressos – 2018	Que haja a reflexão das estratégias de contato com os egressos e dos instrumentos metodológicos	20	2019

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A análise documental sobre o relatório anual de acompanhamento de egressos esta apresentada na seção 5, “Análise de dados (resultados e discussões), subseção 5.1, “Análise documental: análise do relatório anual de acompanhamento de egressos”.

2.1 LUGAR DA PESQUISA: IFSUL CÂMPUS CHARQUEADAS

O IFSul Câmpus Charqueadas, localiza-se na cidade de Charqueadas, na Região Carbonífera⁴, no estado do Rio Grande do Sul. A cidade possui 40.789 habitantes (MEC/SETEC/IFSUL/PDI, 2019), sendo que 1.514 cursam o Ensino Médio Integrado.

⁴ As nove cidades que constituem a Região Carbonífera são: Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo.

O Câmpus Charqueadas faz parte da primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e teve sua unidade inaugurada em 13 de outubro de 2006. Segundo o site da MEC/SETEC/IFSUL/PDI (2019 p. 33) foi criado como uma “Unidade Descentralizada do CEFET-RS e localiza-se nas antigas instalações da Fundação Comunitária Regional (FUNDACOR), firmando com a região carbonífera um compromisso de transformação na vida da comunidade”. Conforme (Einsfeld, 2022, p. 56), a Instituição teve início “com alguns prédios que estavam abandonados” e sua restauração ocorreu aos poucos devido a limitações financeiras. Portanto, o Campus teve início contando apenas com dois prédios: o de salas de aula e o administrativo, onde funcionava também a enfermaria e a assistência de alunos. Hoje o Campus possui 51.097,41m² e conta com 20 salas de aula e desenho, 21 laboratórios e 19 instalações administrativas. Possui também biblioteca e videoteca, coordenadorias, sala de docentes e ferramentarias, oficinas, sanitários, praça de alimentação, cantina e refeitório, serviço ambulatorial, quadra poliesportiva coberta e descoberta, auditório e mini auditório, sala de servidores e sala de reuniões, passagem coberta, área de lazer, hall, saguão e área de convivência entre estudantes, garagem, almoxarifado, estacionamento, entre outros. (MEC/SETEC/IFSUL/PDI, 2019).

Figura 1 – IFSul Câmpus Charqueadas



Fonte: Página Institucional do Campus. (2024).

Para a escolha do curso, Victória Einsfeld (2022, p. 56), afirma que “[...] foi

designada uma Comissão para acompanhar a implantação da unidade e também o processo de definição das áreas dos cursos que a Instituição se direcionaria”. Logo, foram feitas pesquisas sobre Arranjos Produtivos Locais (APL), mundo e mercado de trabalho, vagas de emprego, etc. tendo sido escolhido o curso de Informática como o primeiro a ser ofertado pelo Campus. Portanto, em sua inauguração, o Campus contava apenas com o curso técnico integrado em Informática. Hoje o IFSul Câmpus Charqueadas possui cursos como técnico integrado em Informática e Mecatrônica, Curso Técnico Integrado em Fabricação Mecânica (PROEJA), Curso Superior de Tecnologia em Sistemas para Internet (TSI), Engenharia de Controle e Automação e Pedagogia, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede (ProfEPT). (IFSul, 2024). É importante destacar que o Instituto conta também com 1.514 discentes, 63 docentes e 39 técnicos-administrativos.

2.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Nesta seção apresento como foram realizados os procedimentos desta pesquisa. Na subseção 2.2.1 “da localização dos egressos”, explico como foram localizados os egressos que foram convidados a participarem da pesquisa. Já na subseção 2.2.2, “da aplicação dos questionários”, relato como foi realizado a aplicação do questionário e na subseção 2.2.3 “da aplicação das entrevistas”, explico como foram realizadas as entrevistas semiestruturadas. Já na seção 2.3 apresento os participantes da pesquisa, divididos em: 2.3.1 “Jovens-egressos” e 2.3.2 “Personalidades que fizeram história na luta pela implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas”. Em 2.4 falo sobre os aspectos éticos que circundam a pesquisa e em 2.5 abordo a análise de conteúdo e na subseção 2.5.1 apresento as categorias de análises.

2.2.1 Da localização dos egressos

Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), ocorrida no dia 26 de julho de 2024, foi solicitado pela professora/orientadora Dr^a. Daniela Medeiros de Azevedo Prates, no dia 20 de agosto de 2024, a Coordenadoria de Registros Acadêmicos (CORAC), os dados dos egressos do Ensino Médio Integrado dos cursos técnico em Informática e Mecatrônica, entre os anos de 2016 a 2022. Os

dados foram recebidos no dia 21 de agosto de 2024 e entre outras informações, continha a data de conclusão dos cursos⁵.

Os dados disponibilizados foram referentes aos anos de 2017, 2018, 2021 e 2022, sendo que os egressos que concluíram os cursos em 2016, 2019 e 2020 não tiveram seus nomes divulgados na lista enviada pela CORAC. A lista enviada continha um total de 150 nomes de egressos, sendo 35 do ano de 2017, um do ano de 2018, 33 do ano de 2021 e 81 do ano de 2022.

Como houve uma lacuna referente a três anos solicitados (2016, 2019 e 2020), realizei uma pesquisa independente que pudesse apontar possíveis pistas de egressos, portanto, registrei os nomes de alunos que estavam em variados quadros de formandos dos cursos técnico integrado em informática e mecatrônica, dispostos no saguão do IFSul e também solicitei a Victoria Einsfeld, egressa do Mestrado ProfEPT (que também realizou uma pesquisa com egressos do IFSul Câmpus Charqueadas entre os anos de 2016 e 2020), auxílio para confirmação desses egressos. Através dessa pesquisa foi possível obter um total de 185 nomes de alunos⁶. Em seguida foi enviado um e-mail a CORAC solicitando a confirmação daqueles que eram considerados egressos e como resposta foram confirmados 145 nomes. Os 40 nomes de alunos que não se caracterizavam como egressos, foram assim classificados: 23 não terminaram o curso (entre as justificativas estavam abandono do curso/evasão⁷, a não entrega de relatório de estágio⁸, transferência externa⁹ e cancelamento de matrícula¹⁰), oito eram egressos de anos não abrangidos por esta pesquisa (2016 a 2022) e nove nomes não foram identificados (nomes incompletos). Quanto aos anos de conclusão foram localizados em 2016 (um egresso), 2017 (quatro egressos), 2018 (39 egressos), 2019 (48 egressos), 2020 (29

⁵ Para a CORAC, a data de conclusão pode se dar junto com o término do ano letivo, caso o aluno já tenha realizado o estágio obrigatório durante o curso; ou então, para aqueles que entregam o relatório de estágio após a integralização das disciplinas do 4º ano, a data de conclusão fica sendo a data de aprovação do relatório de estágio.

⁶ Aqui utilizei a nomenclatura “alunos”, pois ainda não havia confirmados se todos os nomes provenientes da pesquisa que realizei de forma independente eram ou não egressos.

⁷ É considerado abandono de curso e/ou evadido o aluno que “possui mais de 25% de faltas não justificadas e não há mais nenhuma possibilidade de voltar a frequentar as aulas”. (Staats, 2021, p. 38).

⁸ Conforme informações da CORAC a não entrega do relatório de estágio configura-se como não conclusão do Ensino Médio.

⁹ Para que haja transferência externa é necessário que o aluno solicite formalmente a troca de Instituição. (Staats, 2021).

¹⁰ É considerado cancelamento de matrícula quando o aluno solicita formalmente este pedido. Após ele é considerado “desligado”. (Staats, 2021).

egressos), 2021 (15 egressos) e em 2022 (nove egressos), ou seja, através dessa pesquisa que realizei de forma independente foi possível localizar um número significativo de egressos dos anos de 2018, 2019 e 2020 (na lista disponibilizada pela CORAC o ano de 2018 continha o nome de somente um egresso e os anos de 2019 e 2020 não constavam na lista). Destes, 28 responderam ao questionário (porém, seis respostas foram desconsideradas, pois os alunos não se caracterizavam como egressos, ficando com 22 respostas válidas), o que demonstra a importância de não ter ficado limitada aos dados enviados pela CORAC e que a pesquisa que realizei de forma independente se tornou significativa. No total, havia uma lista com o nome de 295 egressos e destes foram localizados 223.

Sobre a forma de contato e sua localização apresento uma quadro para melhor compreensão:

Quadro 3: Localização e contato dos egressos



(Fonte: Elaborado pela autora. 2025).

No quadro sete é possível perceber que a soma de egressos localizados resulta em 389, porém é importante esclarecer que um mesmo egresso pode ter sido localizado e contatado por diferentes meios, como, por exemplo, e-mail e instagram, WhatsApp e e-mail, facebook, instagram e e-mail, entre outros, por isso foram realizados 389 contatos de diferentes formas, totalizando 223 egressos.

Sobre a localização e contato com os egressos respondentes:

Quadro 4: Localização do nome dos egressos respondentes

Onde estavam seus nomes
35 – dados enviados pela CORAC
16 – lista de contatos enviados pela egressa do ProfEPT Victoria Einsfeld
6 – quadros de formando do IFSul

(Fonte: Elaborado pela autora. 2025).

Portanto, é possível perceber que os 57 egressos respondentes tiveram seus nomes localizados de diferentes formas, o que faz com que toda a busca realizada para sua localização tenha sido de grande importância para esta pesquisa.

2.2.2 Da aplicação dos questionários

Conforme Marina Marconi e Eva Lakatos (2003, p. 200), o “questionário é um instrumento de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”, portanto o questionário de egressos foi aplicado de forma on-line através da plataforma Google Forms e teve como objetivo levantar dados quali-quantitativos para que fosse realizada a caracterização dos alunos que frequentam os cursos técnico integrado em informática e mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas, bem como obter informações sobre suas experiências e percepções quanto ao aprendizado ofertado pelo Campus, para tanto, foram analisados seus dados pessoais, bem como seus percursos formativos e profissionais. Esteve aberto do dia 30 de janeiro de 2025 ao dia 12 de março de 2025, totalizando 42 dias, possui dez categorias (identificação, perfil do egresso, formação, trabalho, renda, moradia, região carbonífera, IFSul, pandemia e enchente e acompanhamento de egressos), e um total de 76 perguntas, sendo 50 objetivas e 26 discursivas.

No dia do seu fechamento, o questionário contava com 63 respostas, porém, seis delas foram desconsideradas, pois seus respondentes não enquadravam nos requisitos necessários para serem considerados egressos¹¹. Portanto, o questionário

teve um retorno de 57 respostas válidas.

2.2.3 Da aplicação das entrevistas

Após a realização e análise do perfil dos egressos respondentes do questionário, foram selecionados sete egressos para a realização de uma entrevista semiestruturada que resultou no produto educacional desta pesquisa: um documentário. A seleção foi realizada levando em conta marcadores sociais de diferença como idade, raça/cor, classe social, sexo, identidade de gênero, religião, escolaridade, moradia, entre outros.

Todos os egressos selecionados foram contatados via WhatsApp e prontamente aceitaram participar da entrevista. Aos mesmos foi enviado o Termo de uso de imagem e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após a sua devolução devidamente assinado, foram agendadas as entrevistas, sendo uma presencial (nas dependências do IFSul Câmpus Charqueadas) e seis on-line na plataforma VDO.ninja.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta seção apresento os sujeitos da pesquisa que são egressos que concluíram os cursos técnicos integrados em Informática e Mecatrônica, entre os anos de 2016 e 2022. Foram localizados 295 egressos, aos quais foram enviados um questionário via Google Forms. A partir desse questionário, foram selecionados sete egressos que participaram de uma entrevista semiestruturada que resultou em um documentário denominado “Práticas Educativas em EPT: Relatos e experiências”. Como critério de inclusão para participarem da entrevista semiestruturada foram observados marcadores sociais de diferença como sexo, raça, classe social, entre outros, buscando por um grupo mais heterogêneo possível, bem como foi buscado equilíbrio entre os cursos de Informática e Mecatrônica.

¹¹ Para a CORAC, é considerado egresso todo aluno que tenha preenchido todos os requisitos necessários para a finalização do curso.

2.3.1 Jovens-egressos

Os jovens participantes da entrevista semiestruturada são egressos do Ensino Médio Integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022 do IFSul Câmpus Charqueadas e foram selecionados a partir de um questionário, no qual foram observados marcadores sociais de diferença como idade, raça/cor, classe social, sexo, identidade de gênero, religião, escolaridade, moradia, entre outros. Dos sete participantes, seis participaram da entrevista de forma on-line, através da plataforma VD.ninja e um presencial nas dependências do IFSul Câmpus Charqueadas. As entrevistas estão apresentadas na seção 5, de “Análise de dados”, subseção 5.4, “(RE) abrindo o diálogo: egressos em cena”.

2.3.2 Personalidades que fizeram história na luta pela implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas

Para falar sobre o IFSul Câmpus Charqueadas foi necessário compreender a própria trajetória da Instituição, o que busquei através da revisão bibliográfica e de entrevistas com personalidades que estiveram à frente da luta pela vinda de uma Escola Técnica Federal para Charqueadas, o que apresento no Capítulo 4 “Panorama da Educação Profissional no Brasil e o papel dos Institutos Federais”, subseção 4.3 “Anos 90: Primeira proposta de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas”.

2.4 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Toda pesquisa que envolva seres humanos necessita atender a padrões éticos e garantir a proteção dos direitos de todos os participantes. Conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS):

“[...] a pesquisa em ciências humanas e sociais exige respeito e garantia do pleno exercício dos direitos dos participantes, devendo ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos participantes”.

Durante a realização das pesquisas foram tomados cuidados com os princípios éticos, porém no questionário foi necessário que o egresso colocasse o nome completo, para que fosse possível confirmar com a CORAC se o mesmo se enquadrava nos requisitos necessários para ser considerado egresso. Os egressos receberam uma mensagem explicando o porquê da necessidade de assinar o nome completo e assegurando que a informação ficaria sob sigilo da pesquisadora. Foi assegurado anonimato e todo cuidado com armazenamento de dados para participantes das fases de mapeamento de perfis através da CORAC e de aplicação de questionário. Os participantes das entrevistas assinaram termo de uso de imagem e voz autorizando serem identificados na dissertação e no produto final documentário sendo assegurado o cuidado para que não haja informações que possam lhe causar qualquer dano material ou imaterial, conforme Resolução CNS nº 510/2016.

Para a realização da entrevista semiestruturada (que resultou em um documentário), os participantes tiveram a opção de escolher não aparecer, tendo sua imagem e voz modificados. Os egressos receberam todas as informações necessárias para que pudessem participar da pesquisa de forma segura e tranquila. Os participantes também poderiam, a qualquer momento, desistir de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Os riscos identificados na pesquisa são mínimos. Há o risco de origem psicológica, pois ao lembrar acontecimentos de sua trajetória é possível que o participante sinta desconforto, estresse e ansiedade, devido a alguma lembrança que possa causar sofrimento. Conforme Alistair Thomson (2001), evitamos memórias de vivências que ainda causam dores porque elas não se ajustam à nossa atual realidade ou porque seus traumas nunca foram completamente resolvidos. Caso isso acontecesse, os egressos foram informados que poderiam ocorrer pausas, tendo o participante o direito de decidir se desejava prosseguir a entrevista em outro momento ou não. É importante destacar que “[...] o bem estar do entrevistado sempre antecede os interesses da pesquisa” (Thomson, 2001, p. 5). A pesquisadora fez o possível para manter o sigilo em relação às informações, as quais serão tidas como confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos. Também foi feito o possível para que a realização das entrevistas semiestruturadas ocorressem em um ambiente que proporcione privacidade durante a coleta de dados, que contou com uma abordagem humanizada, optando por uma escuta atenta e pelo acolhimento do participante, obtendo apenas as informações

necessárias para a pesquisa. Caso o entrevistado ainda tenha alguma dúvida, poderá entrar em contato com a pesquisadora para maiores esclarecimentos a qualquer momento.

Em relação aos benefícios, a pesquisa com egressos pode proporcionar aos mesmos uma reflexão sobre suas trajetórias, seus momentos de desafios e superação pessoal, fazendo com que ao recordar esses fatos possam servir de inspiração para outras pessoas. Os egressos também contribuíram com a Instituição de ensino, pois conforme Victória Einsfeld (2022, p. 17), os egressos podem compartilhar informações fundamentais “[...] para a gestão e planejamento dos Institutos, tanto para repensar sua relevância interna - sua missão - quanto externa, os impactos na sociedade, na região de contexto e na vida de quem estão formando”.

2.5 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Esta pesquisa utilizou a análise de conteúdo de Laurence Bardin e teve como objetivo analisar as entrevistas semiestruturadas buscando compreender as percepções dos egressos sobre o impacto do Instituto na sua formação profissional e em sua vida. A análise de conteúdo é uma metodologia utilizada nas pesquisas qualitativas e tem como objetivo examinar e entender o conteúdo de documentos, entrevistas, discursos, etc. Para Moraes (1999), através da análise de conteúdo é possível haver uma nova interpretação das mensagens sendo possível compreender seus significados em um nível que vai além de uma simples leitura, ou seja, através desta metodologia é possível entender além do que o entrevistado diz em sua fala, sendo possível compreender aspectos subjetivos através de seus gestos, expressões, movimentos corporais, entonação, etc. Laurence Bardin (2011, p. 50), afirma que a análise de conteúdo “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”.

Segundo Laurence Bardin (2011), existem diferentes fases da análise de conteúdo e estas organizam-se em torno de três polos cronológicos, sendo eles: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Conforme explica Laurence Bardin (2011, p.125), a pré-análise “[...] possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação de hipótese e dos objetivos e a elaboração de indicadores que

fundamentam a interpretação final”, ou seja, é na pré-análise que será realizada a preparação para a realização das próximas etapas. Após, é realizada a exploração do material, momento em que será colocado em prática o que foi planejado na pré-análise, ou seja, neste momento será realizado o tratamento do material selecionado na fase anterior, material que conforme Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021), será transformado em dados que serão analisados posteriormente.

Na última etapa da análise de conteúdo, é realizado o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. A análise do material pesquisado levará à enumeração e a organização das características de seus itens, o que resultará em um texto para cada categoria, contendo explicações sobre os significados presentes nas suas análises. Conforme Bardin (2011), o analista, obtendo resultados significativos e fiéis, poderá propor um resultado, adiantando assim interpretações sobre os objetivos previstos ou sobre descobertas inesperadas.

Por fim, realizada todas as etapas da análise de conteúdo, os resultados obtidos podem servir de base para a realização de uma nova investigação, realizada mediante outras técnicas ou a partir de outras teorias.

2.5.1 CATEGORIA DE ANÁLISE

Quadro 5 – Categorias de Análises

Categorias	Subcategorias	Narrativas
Trajetórias de Vida antes do IFSul	Experiência no Ensino Fundamental	“Então, eu sempre gostei de estudar, eu nunca reprovei nenhuma matéria. Minha mãe e meu pai sempre me incentivaram bastante.” (Carolina) “Questão de evento pelas escolas, eu sempre, era mais evento cultural, nenhum evento assim muito científico. Máximo que tinha era uma visita à feira do livro, alguma coisa do tipo. Ah, eu era incentivado pela minha mãe, eu vivo com a minha mãe, eu vivo com meu pai. Ah, ela sempre me incentivou, ela me ajudou bastante para eu entrar no IF e também para estudar no ensino fundamental.” (Pedro Henrique) “Eu sempre fui muito participativa, assim, nessa parte de ser representante dos alunos em conselho, de ser líder de turma, sabe? Toda minha jornada, participei das coisas assim [...]” (Amanda)

Trajetórias de Vida antes do IFSul		“Eu lembro que ingressar no colégio já foi um uma coisa que eu queria muito, porque eu vi ela (irmã) falando sobre estudar, sobre fazer magistério, sobre ser professora. Então, eu gostava muito. Foi algo que me deixou muito feliz na época que eu ingressei na escola. E apesar desses desafios, eu sentia muito o apoio dos meus pais sim para estudar. Então era como se o estudo fosse a prioridade, né? O restante vinha depois, a gente ia ajeitando.” (Tainá) “Foi uma trajetória disciplinar muito positiva, mas ao mesmo tempo eu me dava bem com os colegas, mas eu não me sentia pertencente [...] era uma turma bastante competitiva, uma turma dolorosa, complicada, muito complicada.” (Lívia) “Eu estudava muito para as provas e tal. Eventos nunca cheguei a participar muito no fundamental, porque raramente tinha, mas quando tinha eu participava. E meus pais me incentivavam muito a estudar, a procurar meios de aprender, meios diferentes aprender. E eu acho que é isso, só isso.” (Matheus) “Eu tenho algumas lembranças de brincadeiras no prézinho e eu ainda não sabia ler nessa época, eu fui aprender a ler e escrever no primeiro ano do ensino fundamental. Nesse ano a gente também aprendeu a fazer cálculos e para mim me alfabetizar foi mais fácil do que fazer cálculo.” (Fernanda)
		“Aí todo mundo sonhava em entrar no IFSul, pelo ensino, que todo mundo dizia que era muito bom, era muito puxado, mas o ensino era maravilhoso e tudo mais. Então, eu fiz a prova com todo como todo mundo fez.” (Carolina) “[...] acho que no oitavo ano, eu pensava em continuar na minha escola estadual. Eu não conhecia o IF, aí pensava em terminar o ensino médio, fazer uma faculdade de audiovisual, alguma coisa de marketing de propaganda ou cinema [...] (Pedro Henrique) “Então, (o IF) foi sempre muito bem recomendado para mim, tanto pelos meus

	Perspectivas e motivações para cursar o Ensino Médio Integrado no IFSul	pais, professores ou por aqueles que estudavam lá. Eu tive um vizinho que me incentivou bastante, ele era muito próximo de alguns professores e ele disse que eu ia me encaixar bastante.” (Amanda) “Eu tinha essa expectativa de que fazer o ensino médio com um curso de informática seria algo muito importante para aquele momento, da realidade da sociedade mesmo. De que seria uma coisa em ascensão. Então eu adorava mexer nas redes sociais, na internet e tudo mais e eu entendia que a informática poderia me ajudar naquele aspecto. Então eu tinha essa expectativa de que ter o ensino médio numa instituição federal, né?” (Tainá) “Então já tinha filhos de algumas colegas que já estudavam no IF. A gente conhecia como estrutura, né? Porque o IF é bastante divulgado no território nacional, pela qualidade, pela formação técnica. Então a gente conhecia mais assim ‘boca a boca’ [...] É tudo novo também, eu tinha muita ansiedade de ‘ai meu Deus, quem vai tá lá’? Por que tu vai fazer uma prova, quando cheguei lá era muita gente esperando para fazer a prova e eu pensava: ‘Meu Deus, quem é que vai ser meus colegas? Como é que é essa instituição?’” (Lívia) “No meu último ano de fundamental, meu pai começou a comentar sobre escolher uma escola de ensino médio. E ele recomendou o IF por questões de curso técnico, seria muito bom para minha carreira de trabalho. [...] Eu pensava que eu ia estudar com os meus colegas e que iria ser fácil relativamente, sim, o ensino médio, mas se provou bem desafiador, porque como era um curso técnico, tinha muitas coisas que era novo para mim, matérias que eu nunca tive e outras matérias que mudaram totalmente, assim, do ensino fundamental e pro médio. Achei bem desafiador.” (Matheus) “Eu acredito que por causa dos filmes eu tinha muito aquele cenário de HSM na cabeça e de todo mundo unido, dando dançando, animado, aquele cenário bem norte-americano mesmo e no final não foi bem assim, né? Porque são culturas diferentes, mas eu tinha uma imagem meio idealizada assim do ensino médio.” (Fernanda)
--	--	--

Experiências Formativas no Ensino Médio Integrado	Experiência com pesquisa e atividades extraclasse: a Formação Humana e Integral	“[...] eu acho que o que eu fiz que mais me marcou foi as feiras de ciências. Porque lá a gente passava pela pressão de ter que apresentar o teu trabalho para orientador que tu nunca viu na vida de outro campus. [...] Indo para feira de ciência fora, os orientadores de lá são pessoas que tu nunca viu na vida, que não tem o porquê dele não chegar te criticando se ele vê alguma coisa errada no teu trabalho. Então, tu já ia com esse medo de ‘ai meu Deus e se eu falo alguma coisa errada.’” (Carolina) “Com as pesquisas eu conheci muito da parte da parte prática da programação, né? Porque eram projetos que não eram trabalhinho da escola, era o mais complexo. Então, o IF me proporcionou isso.” (Pedro Henrique) “[...] os projetos de ciência que tinha, a Mocitec que era muito legal! A gente participava da feira de ciências. Na época que eu fazia o fundamental não tinha a feira de ciências, então também poder na Mocitec reencontrar meus professores do fundamental, com os novos alunos, foi muito legal.” (Amanda) “Eu participei de projeto de pesquisa, eu participei no terceiro e no quarto ano desenvolvendo um projeto, participando de feiras científicas, tanto a Mocitec quanto outras da rede do IFSul, né? E tanto outras feiras maiores que a gente foi como a Mostratec [...] Nos primeiros anos antes de ter projeto, eu participava das prospecções de alunos de outras escolas na Mocitec. [...] Então, eu tenho para mim como uma experiência extremamente positiva e que eu saí daqui recomendando para todo mundo, assim, né?” (Tainá) “Eu, Thiago, a Rafa, nós tínhamos muita essa sede por pesquisa, porque elas passavam de forma muito rasa no nosso ensino fundamental [...] E a gente tinha vontade de afundar aquilo, a gente tinha muita vontade de conhecer sobre pesquisa e então desde o primeiro ano a gente acabou entrando numa pesquisa, era da parte da história. O professor Charles, ele gosta de trabalhar bastante com os alunos no primeiro ano. [...] Aí depois, eu tive a oportunidade de conhecer um pouco mais da Dani e o que o trabalho que ela efetivava na instituição, na parte da pesquisa com os jovens e cultura juvenil e
--	--	---

Experiências Formativas no
Ensino Médio Integrado

eu sempre gostei muito, de tanto ser jovem quanto olhar esse ter esse olhar de dentro da ser o jovem e olhar os jovens assim, analisar os caminhos que perpassavam. [...] Tu vai se aprofundando, tu vai se aprofundando no assunto, na escrita, se elaborando e tendo sempre um olhar investigativo, então aquele olhar que eu tinha inicialmente de o que que tá acontecendo aqui, qual é a conjuntura, como é que esse espaço se manifesta, ele se perpetuou e eu e eu pude aprimorar ele cada vez mais, escrever sobre, então foi muito interessante. [...] Não, e a e a visão do mundo muda, a questão crítica e a questão investigativa, assim, tu olha para aí começa a olhar para as coisas e até hoje eu carrego muito, sabe?” (Lívia)

“Pesquisa de extensão, eu poderia dizer meu artigo científico. Artigo, no caso, de história que eu tive que me aprofundar mais em questões de uma escrita mais aprofundadas para conhecer mais a história do que era mais focado no Brasil. Então, eu dei uma grande focada em livros artigos de outras pessoas para poder se basear e fazer o meu próprio artigo. E isso foi uma pesquisa que eu tive no caso. Sim. É legal, né?” (Matheus)

“Foi uma experiência muito boa, tiveram seus desafios, tanto técnicos quanto de relacionamentos em geral. Eu sinto que eu evolui muito durante esse tempo[...] No segundo ano eu decidi que eu queria construir currículo dentro do IF, então foi quando eu comecei a participar de projetos científicos, das feiras e foi um ano em que eu aprendi muito também, porque eu me desenvolvi nessa parte extracurricular, né? Além de todo o ensino das disciplinas propostas no currículo. Então, eu sinto que eu cresci bastante nesse sentido de me desenvolver como pesquisadora, de questionar as verdades absolutas, de criar hipóteses, pesquisar, é, até escrever mesmo, né? Um artigo científico que é uma oportunidade que muitos só vão ter na graduação e os estudantes do IF já tem no ensino médio.” (Fernanda)

	Contribuições do IFSul para o desenvolvimento pessoal e acadêmico	“Hoje, depois de mais velha, mais madura, eu vejo como foi maravilhoso ter feito isso(artigo). [...] Eu tenho colegas que tem, sei lá, 19, 20 anos. E às vezes eles chegam ali e até hoje não sabem como que é uma escrita científica e tudo mais. Eu fico pensando, eu noto essa diferença, sabe?” (Carolina) “Sobre a relação com as pessoas. Quando eu entrei no IF, eu era uma pessoa talvez muito introvertida e eu tinha um outro jeito de pensar. Eu saí do campus de outra maneira.” (Pedro Henrique) “[...] eu consegui, digamos assim, para minha vida acadêmica, consegui trabalhar em grupo. Acho que isso é uma das coisas que o IF preza muito, de ensinar os alunos. E é algo que a gente leva, assim, tanto na vida pessoal ou acadêmica.” (Amanda) “Eu cheguei na universidade tendo uma noção sobre pesquisa muito maior do que os meus colegas que estavam chegando naquele momento, porque não é algo comum da gente ter acesso no ensino médio, por exemplo. Então, formatação na ABNT, estruturação de metodologia de pesquisa, apresentação de cartazes, de pôster que a gente acaba fazendo na faculdade, eu já tinha experiência do IF. Então, naquele aspecto acadêmico ali, isso me facilitou muito nos primeiros semestres.” (Tainá) “Eu acho que tu chega muito mais preparado para uma faculdade, né? Tanto na forma de escrever, quando a forma de se posicionar, na forma de estudar, na forma de ver, visualizar o mundo. Eu creio que algumas disciplinas hoje visualizando eram bastante difíceis para a idade que a gente tinha, né? A gente não tinha tanta maturidade para ter algumas disciplinas, eu penso. Mas elas foram importantes de certa forma, apesar de ter uma dedicação muito mais extrema, em alguns momentos, mas, elas fizeram elas fizeram parte da formação e eu sou muito grata, assim, eu acho que elas me ajudam hoje, sempre quando eu vou escrever, sempre quando eu vou pensar, sempre quando eu vou me posicionar e academicamente pensando assim, de forma efetiva elas fizeram toda diferença na graduação.” (Lívia)
--	--	--

		“[...] isso me moldou bastante assim, em questão de responsabilidade, de estudo, me moldou, como é que eu vou dizer? Quem eu era antes não me define quem sou agora, porque sou uma pessoa totalmente diferente, mais focada no meus estudos, mais responsável.” (Matheus) “Antes do IF, eu não tinha um direcionamento do que eu queria e quando eu tava lá dentro, eu me via muito como uma pesquisadora, eu realmente me reconhecia como uma cientista e é até engraçado, porque eu era bem novinha, entrei com 16 anos, então, tu já conseguisse enxergar essa forma, eu acho é um grande privilégio. E foi a partir do IF que eu descobri os meus gostos, porque quando eu participei do meu projeto em engenharia, que era na área de engenharia biomédica, eu vi que sim, que eu realmente gostava ali da parte de matemática, de eletrônica, mas eu gostava mesmo era da parte médica do projeto e foi que fez eu me interessar pela área da medicina, que é agora que eu tô tentando cursar, que eu tô prestando vestibular, enquanto eu tô cursando administração.” (Fernanda)
Mundo do Trabalho	Contribuições do IFSul para o desenvolvimento profissional	“Eu acho que se eu não tivesse participado de tudo que eu participei na época do ensino médio, hoje no mundo do trabalho ou até interagindo com as com pessoas, seria totalmente diferente.” (Carolina) “Muito do que eu aprendi foi a parte de relatar as coisas, escrever os documentos, isso ajudou bastante a como fazer como fazer pesquisa. Hoje no meu trabalho, eu basicamente trabalho com isso, então fazer questão de prova de conceito, a gente tem que analisar os dados, verificar se as provas são válidas. E isso tudo vem por causa do IF.” (Pedro Henrique) “[...] foi ali que eu aprendi também como me comportar em ambiente de trabalho. A diferença do que tu vai falar com os teus amigos, do que tu vai falar com o teu chefe. Que nem ali no IF, quando eu trabalhei primeiramente na parte como secretária. Tu muda um pouco a comunicação do que tu tem no dia a dia [...] Por que utilizar uma palavra, às vezes, não cai muito bem no setor público. Então, tive muito aprendizado nessa questão e a visão de mundo, que é algo que para mim foi muito grande.” (Amanda)

		“[...] As disciplinas de sociologia, de filosofia, de história, eram disciplinas bem marcantes, a gente ia muito além do básico assim, então eu acho que me auxiliaram a ter uma visão crítica, né? Uma visão mais de alguma forma politizada da nossa experiência em sociedade. Então, isso também me auxilia muito na minha vida pessoal e profissional também, porque a psicologia, ela não se distancia disso. Ah, e eu acho que nasceu muito aqui nesse sentido também, de poder aprimorar essa visão crítica em sociedade. [...] Na época que eu fiz estágio na COEX, no setor administrativo. Ali tive o meu primeiro contato mais sério com o trabalho, assim, com uma rotina de trabalho, de cumprir horário todos os dias, cumprir as funções, ter um relacionamento com chefes, com colegas. Então, ali também já me trouxe muitos aprendizados sobre a vida de trabalhador mesmo. Então, eu acho que todas as experiências que eu tive aqui no IF me trouxeram algum aprendizado no sentido de habilidade, assim.” (Tainá) “A comunicação, como o trabalhar em grupo, o compreender a conjuntura das coisas, como funcionavam, sabe? Ter essa curiosidade também de buscar antes. O IF tem muita essa coisa, ele não te entrega mastigada as coisas, ele te incentiva a tu ir lá, buscar, pesquisar e formar a tua questão crítica, tu quer a questão investigativa sobre aquilo. Então, eu acho que foi fundamental, sabe?” (Lívia) “Eu tô trabalhando em uma área que o curso de mecatrônica me proporcionou estar nessa área, que é a que eu estou atualmente trabalhando numa empresa de usinagem. É, estou como auxiliar eletrônico na área de manutenção e posso dizer que o curso me proporcionou essa vaga.” (Matheus) “A formação que eu tive no IF, me abriu muitas portas, muitas oportunidades e eu acredito que hoje eu sou uma pessoa que sei me comunicar melhor, sei escrever melhor, sei me relacionar melhor por causa do IF. Isso tem um impacto nas diferentes áreas e principalmente na área profissional.” (Fernanda)
--	--	---

Fonte: (Elaborado pela autora. Adaptado de Pérsida Silva, 2023).

A abordagem das categorias de análise busca responder às questões da pesquisa e evidenciar os aspectos da realidade social em estudo, fazendo a interlocução entre Trajetórias de Vida, Experiências Formativas na EPT e Mundo do Trabalho.

Após a apresentação da metodologia adotada na pesquisa, passo a apresentar, no capítulo 3, intitulado “O estado do Conhecimento”, movimento fundamental do qual busquei o reconhecimento do estado atual da literatura sobre a temática dos egressos no Ensino Médio Integrado.

3 ESTADO DO CONHECIMENTO

Para trabalhar a temática Egressos do Ensino Médio Integrado, foi necessário partir da revisão de literatura e analisar o que vem sendo pesquisado sobre o tema, portanto iniciei a pesquisa como “Estado do Conhecimento” que é o reconhecimento, apontamento e classificação de pesquisas científicas já realizadas sobre um determinado tema e período, as quais são basilares para novas investigações. Segundo Marília Morosini e Cleoni Fernandes (2014, p. 158):

O Estado de Conhecimento possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida.

Nesta direção, foi realizada uma busca por pesquisas que já tratavam sobre o tema egressos do Ensino Médio Integrado, compreendendo que, ao olhar para aquilo que já foi produzido, tem-se a oportunidade de avaliar experiências e verificar como podem contribuir para a nova pesquisa que está sendo realizada.

A pesquisa a respeito do Estado do Conhecimento sobre a temática foi realizada entre os meses de julho e setembro de 2023, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), opção que justifico por se tratar de um repositório de abrangência nacional. Também considerei importante reconhecer o que já foi produzido no próprio Programa em que desenvolvo a investigação através da consulta no Observatório de Educação Profissional e Tecnológica.

Em ambas pesquisas foram utilizados o descritor “egressos”. A opção por utilizar apenas um descritor deu-se porque a palavra “egressos” abrange o núcleo da pesquisa, portanto não houve a necessidade de utilizar outros descritores.

A primeira pesquisa foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, onde foram localizados 5.686 trabalhos entre teses e dissertações. Em virtude desta abrangência, houve a necessidade da aplicação dos seguintes filtros: ano, nível acadêmico e áreas de conhecimento. Assim utilizei o filtro nível acadêmico, Doutorado, Mestrado e Mestrado Profissional. E por fim, utilizei o filtro áreas de conhecimento Educação e Ensino, escolhi educação por abranger variados cursos e ensino pelo fato do mestrado ProfEPT ser da área de ensino. A aplicação

desses filtros resultou em 1.288 trabalhos. Após, analisei seus títulos buscando por trabalhos que se assemelham a investigação pretendida, no caso, voltada a egressos de cursos do Ensino Médio Integrado. Assim, foram excluídos resultados que versam sobre egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), egressos do sistema prisional e do Ensino Superior, entre outros. A análise resultou em seis pesquisas, as quais fiz a leitura e analisei seus resumos, resultando na seleção de quatro pesquisas cujas temáticas se aproximam das discussões que trouxe na minha pesquisa: egressos do Ensino Médio Integrado e suas percepções sobre as oportunidades que a presença do Instituto trouxe para estudantes da sua região.

Sobre as duas dissertações excluídas, ambas tratavam sobre egressos do Ensino Médio Integrado, porém uma era sobre bolsistas e outra sobre orientação de pesquisa com egressos, portanto, não foram selecionadas por se tratarem de objetivos muito distintos do que pesquisei. Todas as dissertações selecionadas foram realizadas no programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), e estão dispostas no Quadro 6.

Quadro 6 – Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Título	Pesquisador (a)	Ano/Produção	Instituição	Objetivo	Produto
Marcas do EMI à Educação Profissional nas trajetórias de vida dos egressos do IFCE evidenciadas em um documentário	Francisco das Chagas Torres de Oliveira	2019 - Dissertação	Instituto Federal do Ceará – Câmpus Fortaleza	Averiguar a relevância social do EMI à EPT, assim como evidenciar os sentidos que os egressos atribuem à sua formação e a importância que esta assume para a sua melhoria de vida e autorrealização.	Documentário sobre as trajetórias de vida profissional e acadêmica dos egressos, identificando os sentidos que eles atribuem à formação recebida e a importância dela para a melhoria de suas condições materiais de vida e para sua autorrealização.
Experiência formativa e inserção no mundo do trabalho de egressos do EMI	Caroline da Silva Torres	2020 – Dissertação	Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Câmpus Salgueiro	Estabelecer um perfil dos egressos, bem como investigar sua experiência formativa e o seu processo de inserção no mundo do trabalho.	Aplicativo para dispositivos móveis (GEIF), elaborado para facilitar a aproximação dos egressos com a instituição formadora, melhorar a qualidade do ensino e ampliar as oportunidades de inserção no mundo do trabalho.
Boletim do egresso: proposta de acompanhamento de egressos do EMI do IFTM	Deliane Gomes Botelho	2020 – Dissertação	Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Câmpus Uberaba Parque Tecnológico	Propor uma estratégia de acompanhamento de egressos com o intuito de analisar os itinerários formativos, seu perfil profissional e compreender a percepção dos mesmos sobre o curso.	Página da internet nomeada “Boletim do Egresso”, que possibilita a instituição a realizar o acompanhamento de egressos de forma periódica.

Trajetórias de jovens- alunos egressos do IFSul Câmpus Charqueadas	Victória Einsfeld	2022- Dissertação	Instituto Federal Sul-rio- grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas	Analisar trajetórias de formação e inserção no mundo do trabalho de egressos, assim como compreender as experiências e percepções dos mesmos acerca da formação recebida.	Histórias em quadrinhos criada a partir das narrativas dos egressos, oportunizando a visibilidade de suas histórias e trajetórias formativas e profissionais, evidenciando opiniões sobre a Região Carbonífera e o papel do IFSul em suas vidas.
--	-------------------	----------------------	---	---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em sua pesquisa, Francsico Oliveira (2019), realizou um estudo de caso de natureza quali-quantativa, exploratória e que teve como objetivo evidenciar os sentidos que os egressos atribuem a sua formação e a importância que esta assume para a sua melhoria de vida e autor realização. Os egressos participantes cursaram Ensino Médio Integrado aos cursos Técnico em Química, Mecânica Industrial e Telecomunicações e se formaram entre os anos de 2013 e 2018. A pesquisa foi realizada com egressos do Instituto Federal do Ceará (IFCE) Câmpus Fortaleza e os resultados mostraram que os egressos entendem a formação adquirida como muito importante para suas trajetórias acadêmicas e profissionais, sendo ela “um divisor de água em suas vidas”.

A proximidade da dissertação de Francisco Oliveira (2019), com minha pesquisa ocorre através da busca por informações sobre os egressos, visando conhecer suas trajetórias e percepções sobre a formação oferecida pelo Instituto Federal. Outra proximidade acontece quando o pesquisador trata da dualidade estrutural na educação, bem como apresenta a história da Educação Profissional e Tecnológica, duas temáticas que também estão presentes na minha pesquisa. A contribuição da investigação remete aos procedimentos metodológicos adotados, na qual o pesquisador descreveu com riqueza de detalhes, fazendo com que as informações sobre o desenvolvimento da pesquisa ficassem claras e objetivas. Por fim, acrescento a proximidade da pesquisa nos referenciais teóricos sobre Educação Profissional e Tecnológica, valendo-se de autores como Marise Ramos, Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta e Dante Henrique Moura.

A pesquisa de Caroline Torres (2020), configurou-se como um estudo quanti-qualitativo, em que foi realizada uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo e teve como objetivo estabelecer um perfil dos egressos, bem como investigar a

experiência formativa e o processo de inserção no mundo do trabalho na perspectiva dos egressos. A pesquisa foi realizada com egressos do Ensino Médio Integrado aos cursos Técnicos em Administração, Informática e Eletrotécnica, que concluíram os cursos entre os anos de 2014 e 2018-2019, no Instituto Federal do Piauí (IFPI) Câmpus Picos e demonstrou grande relevância para a Instituição, pois ao trazer relatos dos seus egressos, possibilitou a mesma realizar uma análise da oferta e qualidade de ensino, podendo buscar por melhorias, assim como seguir investindo no que deu certo. Sua contribuição para minha pesquisa ocorrerá através das referências bibliográficas utilizadas para falar sobre o mundo do trabalho, como Dante Henrique Moura.

Deliane Botelho (2020), apresenta em sua dissertação uma pesquisa descritiva de abordagem quali-quantitativa, que teve como objetivo propor uma estratégia de acompanhamento de egressos do Ensino Médio Integrado e que possa ser aplicada aos seus diversos cursos da modalidade. Os egressos participantes das pesquisas cursaram Ensino Médio Integrado aos cursos Técnico em Manutenção e Suporte em Informática e concluíram o curso entre 2013 e 2018. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) Câmpus Avançado Uberaba Parque Tecnológico e teve como um de seus resultados a elaboração de um produto educacional chamado “Boletim do Egresso”, que visa auxiliar a gestão do Campus a proporcionar melhorias nos planejamentos dos cursos.

A pesquisa de Deliane Botelho aproxima-se da minha ao trazer a contextualização do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e apresentar o Instituto Federal através da história da Educação Profissional no Brasil. A pesquisa ainda apresenta dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), para analisar o desempenho do Ensino Médio ofertado pelos Institutos Federais Câmpus Triângulo Mineiro, bem como apresenta dados do desempenho dos estudantes dos Câmpus do Instituto Federal do Triângulo Mineiro no Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

Já a pesquisa de Victória Einsfeld (2022), possui abordagem qualitativa e teve como objetivo analisar as trajetórias de formação e inserção no mundo do trabalho de egressos, problematizando o papel da Instituição no desenvolvimento regional. Os egressos participantes cursaram Ensino Médio Integrado aos cursos de Informática e Mecatrônica e suas formações ocorreram entre os anos de 2016 a 2020. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus

Charqueadas e apresentou como resultado que para os egressos, o IFSul foi considerado a melhor opção educacional da Região Carbonífera, onde a escolha por essa Instituição veio no sentido de buscarem por um ensino de qualidade, estando os conhecimentos específicos da área técnica em posição secundária. Embora alguns afirmem ter sido uma decisão pessoal o ingresso no campus, a família representa para os egressos uma fonte de apoio e incentivo aos estudos.

A proximidade de sua pesquisa com a minha ocorre das seguintes formas: primeiramente, através da Instituição de ensino e dos cursos que investiguei que são os mesmos. Também, ambas apresentam a história dos Institutos Federais e do IFSul na Região Carbonífera e a análise da trajetória formativa e de inserção no mundo do trabalho dos egressos. Porém, é importante ressaltar, que as pesquisas ocorrem em períodos diferentes, sendo a pesquisa de Victória, realizada com egressos entre os anos de 2016 e 2020 e esta pesquisa é uma continuidade, sendo realizada com egressos entre os anos de 2016 e 2022. Há também um distanciamento entre as pesquisas, pois não abordo temáticas como desenvolvimento regional e arranjos produtivos locais.

A contribuição de sua contribuição se dará através do referencial teórico que traz para explicar a criação dos Institutos Federais, através de autores como Eliezer Pacheco, assim como ao tratar sobre a dualidade na educação, Victória Einsfeld apresenta uma forte contribuição ao trazer concepções de Gaudêncio Frigotto, Maria Ciavatta, Marise Ramos e Demerval Saviani, pois será um tema que, inevitavelmente, estará presente em meu trabalho. Outra contribuição se dará através dos procedimentos metodológicos, pois ao explicar os caminhos que traçou para localizar 178 egressos, Victória Einsfeld aponta caminhos que tornam sua localização mais rápida e otimiza tempo. Portanto, sua dissertação demonstra ser uma das que mais contribuirá para minha pesquisa.

Posteriormente, fiz o levantamento de pesquisas no Observatório de Educação Profissional e Tecnológica e a pesquisa foi realizada ano a ano. Os anos de 2016 e 2017 não apresentaram nenhuma pesquisa sobre a temática “egressos no Ensino Médio Integrado”. Em relação às pesquisas realizadas nos anos de 2018 e 2019, foram localizadas uma e cinco pesquisas, respectivamente, sendo todas descartadas por não estarem alinhadas com o tema da minha pesquisa, que trata especificamente sobre egressos do Ensino Médio Integrado. Em 2020, foram localizadas oito pesquisas, sendo duas já selecionadas anteriormente no repositório

da CAPES e as demais foram descartadas porque seus temas não estavam próximos a minha pesquisa. O ano de 2021 trouxe 12 pesquisas, das quais nove foram descartadas por incompatibilidade de tema. Duas dissertações seriam utilizadas, porém, não foi possível, pois o link disponível não abria nas dissertações e outra pesquisa compatível já havia sido selecionada no site da CAPES (Victória Einsfeld). Por fim, a pesquisa de 2022 apresentou seis dissertações, apenas uma foi selecionada e será apresentada no quadro 2. As pesquisas descartadas tratavam de temas como: egressos do sistema prisional, aperfeiçoamento de currículos, permanência e êxito, egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), egressos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), entre outros.

Quadro 7 – Observatório ProfEPT

Título	Pesquisador (a)	Ano/Produção	Instituição	Objetivo	Produto
O EMI e a construção dos projetos de vida da juventude egressa do IFAM Câmpus Presidente Figueiredo	Juliana Pinheiro da Silva	2022 - Dissertação	Instituto Federal do Amazonas – Câmpus Manaus Cento	Compreender as contribuições do EMI para a construção dos projetos de vida dos egressos do IFAM.	Modelo de site intitulado “Portal do Egresso”. Uma sugestão para a construção de sites voltados para egressos.

Fonte: Elaborada pela autora.

A dissertação de Juliana Silva (2022), foi realizada no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica e trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza básica, cujo objetivo é compreender as contribuições do Ensino Médio Integrado para a construção dos projetos de vida. Os egressos participantes cursaram Eletrotécnica no Ensino Médio Integrado e o recorte temporal abrange os anos de 2012 a 2016. A pesquisa foi realizada no Instituto Federal do Amazonas (IFAM) Câmpus Presidente Figueiredo. O resultado aponta que a relação dos alunos com o Ensino Médio Integrado é capaz de alterar realidades de vida já esperadas, pois amplia sua visão de mundo, abrindo um universo de possibilidades até então não cogitadas.

A proximidade da dissertação de Juliana Silva (2022), com a minha pesquisa ocorre através do interesse de compreender sobre a importância das oportunidades

que cursar o Ensino Médio Integrado oferece. Tanto a cidade de Presidente Figueiredo (AM) quanto Charqueadas (RS), são cidades do interior que apresentavam poucas opções de escolas com Ensino Médio, portanto, os Institutos Federais chegaram trazendo oportunidades que antes não existiam nas regiões e ambas pesquisas buscaram reconhecer essas oportunidades. Outra proximidade acontece quando a pesquisadora trata sobre a história da Educação Profissional no Brasil, temática que também está presente nesta pesquisa.

Após apresentar o que as pesquisas selecionadas no estado do conhecimento contribuíram para minha pesquisa, apresento na próxima seção a história da educação profissional no Brasil, apresento a Rede Federal de Educação Profissional e os Institutos Federais, evidenciando os CEFETs e a transformação em Institutos Federais.

4 PANORAMA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL E O PAPEL DOS INSTITUTOS FEDERAIS

Neste capítulo, apresento um panorama sobre a Educação Profissional e Tecnológica e o papel dos Institutos Federais. Ele é dividido em três seções: na seção 4.1, abordo a história da educação profissional no Brasil, na seção 4.2, discuto a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica e os Institutos Federais; e, por fim, na seção 4.3, retomo a primeira proposta de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas.

Em relação ao referencial teórico, para falar sobre Educação Profissional e Tecnológica utilizo conceitos de Francisco Oliveira (2019); Dante Henrique Moura (2007) e Ana Margarida Campello (2007)². Para falar sobre Ensino Médio Integrado trouxe as concepções de Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta e Marise Ramos (2005); Júlio Garcia (2017) e Gaudêncio Frigotto (2005). As concepções de Formação Humana Integral deram-se a partir de Gaudêncio Frigotto; Maria Ciavatta e Marise Ramos (2005); Josiane Cembranel e Simone Sandri (2016) e Paulo Freire (1982). Ao falar sobre a dualidade na educação destaco as concepções de Dante Henrique Moura (2007); Marise Ramos (2014) e Demerval Saviani (2007). No capítulo sobre a Rede Federal de Educação apresento documentos do Ministério da Educação (MEC). Ao abordar a temática egressos, destaco as concepções de Francisco Oliveira (2019); Maria Dazzani e José Lordelo (2012) e Marisa Duarte (2009).

Ao falar sobre os Institutos Federais, entendo ser necessário trazer o contexto histórico que o envolve. Portanto, apresento a história da educação profissional no país, que teve seu primeiro movimento com a chegada da família real portuguesa no Brasil, em 1808 e a criação dos cursos técnicos, como o colégio das fábricas.

4.1 A história da Educação Profissional no Brasil

A vinda da família real portuguesa para o Brasil ocorreu entre os anos de 1807 e 1808 e está relacionada diretamente a diversas situações ocorridas durante a Revolução Francesa¹² e também durante o período napoleônico¹³.

¹² Ciclo revolucionário que ocorreu na França entre 1789 e 1799 e foi inspirada nas ideias do

Conforme Daniel Silva (2025), em 1806, ainda sem conseguir invadir a Inglaterra, Bonaparte determina o bloqueio continental¹⁴ em todos os países da Europa, porém Portugal não aderiu ao bloqueio, o que fez com que o país recebesse uma advertência: que aceitasse uma série de exigências contra a Inglaterra, porém como Portugal não aceitou, Napoleão ordenou sua invasão.

Fugindo das tropas de Napoleão, a família real portuguesa embarcou para o Brasil em novembro de 1807, chegando em Salvador em 22 de janeiro de 1808 e posteriormente desembarcaram no Rio de Janeiro em 8 de março de 1808 e assim inaugurou-se no país o período Joanino¹⁵ (Silva, 2025). Nesse período, o Rio de Janeiro passou a ser a capital do país e visando seu desenvolvimento tecnológico e industrial, o príncipe regente D. João VI criou diversos empreendimentos como a imprensa régia, Banco do Brasil, Jardim Botânico, entre outros. Foi nesse período que surgiram também os cursos técnicos e de ensino superior, como a Escola de Medicina em 1808 e o Colégio das Fábricas em 1809, que visava formar profissionais em artes mecânicas. A finalidade era:

[...] formarem trabalhadores capacitados para a instalação de atividades manufatureiras e a construção de novas máquinas, que seriam remetidas para as províncias. O empreendimento tinha por objetivo evitar a dispersão da mão de obra de origem portuguesa e promover a abertura de manufaturas no Brasil [...] (Dilma Cabral, 2011, s.p.).

Iluminismo, tendo sido motivada pela crise que a França vivia no final do século XVIII.

¹³ Período em que a França foi governada por Napoleão Bonaparte (1799 a 1815).

¹⁴ Ato elaborado por Napoleão Bonaparte que tinha como objetivo prejudicar a economia da Inglaterra. Os países dominados pela França estavam proibidos de comercializar produtos ingleses, e seus portos não podiam receber navios vindos da Inglaterra.

¹⁵ Época da história do Brasil colonial iniciada com a vinda de D. João VI e a corte portuguesa em 1808. Período em que o Brasil sofreu uma série de alterações para dar suporte ao abrigo da corte, que permaneceu na colônia até 1821.

Figura 2 – Oficina de tingimento de tecidos



Fonte: Arquivo Nacional (2025).

Essa separação existente entre ensino propedêutico (destinado a formar futuros dirigentes) e o ensino profissionalizante (destinado a formar mão de obra técnica) é o que reconhecemos como dualidade na educação. Conforme Dante Henrique Moura (2007), a educação brasileira sempre foi marcada pela dualidade, evidenciando o confronto existente entre projetos sociais distintos, em que a educação básica (de caráter propedêutico) é destinada às elites e a educação técnica tem como objetivo formar mão de obra para o suprir as demandas do mercado de trabalho.

Embora não seja objeto desta investigação, é importante ressaltar que a dualidade na educação já estava presente desde a educação promovida pelos jesuítas, que sob a orientação do Padre Manoel da Nóbrega tornaram-se responsáveis pela educação e catequização dos habitantes, entretanto, existia uma segregação no ensino, pois as aulas para os indígenas eram realizadas em escolas transitórias e as aulas para os filhos dos donos da terra eram lecionadas em colégios tradicionais e com estrutura adequada. Essa situação se intensifica a partir do período joanino, que durante 13 anos e trouxe significativos avanços para o país, porém também fortaleceu a dualidade na educação quando criou para a elite cursos superiores como medicina, matemática, ciências, física e engenharia, entre outros e para a população em geral o colégio das fábricas, que servia para “abrigar os órfãos da Casa Pia de Lisboa, trazidos na frota que transportou a família real e sua comitiva

para o Brasil” (Cunha, 2000, p. 91). Estes aprendiam com artesãos a realização de trabalhos manuais e a construir máquinas.

De acordo com Cabral (2025), o Decreto de 31 de outubro de 1811, transferiu a responsabilidade do Colégio das Fábricas para a Real Junta da Agricultura, Comércio, Fábricas e Navegação, porém, futuramente, o Tribunal da Junta de Comércio recomendou a D. João VI que não continuasse mantendo o Colégio das Fábricas, pois considerava ser necessário que fosse ordenado que não se estabelecesse o Colégio das Fábricas, enquanto não fosse concluído as obras realizadas na praça do comércio. Cabral (2012), nos esclarece que essa situação culminou na extinção do Colégio das Fábricas em 1812, que após dispensou ou encaminhou seus funcionários para trabalharem em outros setores.

Em abril de 1821 D. João volta para Portugal, deixando seu filho D. Pedro de Alcântara como príncipe regente. Conforme Josimeire Melo (2012), o retorno da Família Real a Portugal e as modificações políticas, econômicas, sociais e educacionais realizadas por D. João VI, fizeram com que a camada social dominante do país constataste a possibilidade de realizar a emancipação do país. Sofrendo constantes pressões do grupo social dominante, D. Pedro I proclama, em sete de setembro de 1822, a independência do Brasil, dando início ao período denominado de Brasil Império que durou 67 anos (1822 a 1889).

A educação no período imperial esteve dividida entre aprendizado para trabalhos manufatureiros e aprendizados no âmbito militar. Conforme Cunha:

O ensino de ofícios manufatureiros se desenvolveu na medida da ampliação e diferenciação do aparato administrativo, judiciário, fiscal e militar, embora o Estado promovesse, paralelamente, a formação da força de trabalho manufatureira destinada a um circuito aberto, isto é, para além do uso de seu próprio aparelho (Cunha, 2000, p. 109-110).

Cunha (2000), afirma que após a Independência do Brasil houve um significativo crescimento dos efetivos militares, o que resultou na ampliação dos arsenais de guerra existentes. Em 1834, o Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro tinha 200 alunos com idades entre oito e 12 anos que aprendiam diferentes ofícios como ferraria, serraria, carpintaria, entre outros, além de desenhos e letras. Segundo Cunha (2000), era utilizado uma metodologia chamada de “ensino mútuo” ou “método Lancaster” que consistia em colocar como professores alunos que fossem mais adiantados, trabalhando de modo semelhante a professores. As atividades

eram supervisionadas por um pedagogo que recebia auxílio de um guarda e dois serventes e era composta por grupos de 50 alunos. Quando completavam 21 anos, após a finalização da aprendizagem do ofício, os alunos eram certificados como mestres na especialidade cursada, portanto, podiam ser contratados de maneira efetiva e passavam a receber soldo¹⁶ Cunha (2000).

Entre 1840 e 1856, dez províncias¹⁷ criaram as “Casas de Educandos e Artífices” e utilizavam o método de aprendizagem existente na esfera militar. Em 1842, a aprendizagem era realizada geralmente, até os 18 anos, pois após os artífices eram incorporados às forças armadas através da entrada no serviço militar, onde prestavam pelo menos, oito anos de serviço. Conforme explica (2000), os soldados recebiam salários, porém havia descontos de despesas como instrução e manutenções existentes durante sua aprendizagem e o que “sobrava” era depositado em uma conta para ser utilizada futuramente.

Com o tempo a formação de artífices para os arsenais de guerra passou a ter objetivo ideológico, pois consideravam a aprendizagem de ofícios uma caridade para os necessitados. Conforme afirma Cunha (2000, p. 111), “[...] os aprendizes deveriam ser órfãos, indigentes, expostos da Santa Casa de Misericórdia ou filhos de pais reconhecidamente pobres”.

Cunha (2000), explica que após três décadas (1875), foi criado, no Rio de Janeiro, o “Asilo dos Meninos Desvalidos”. Inaugurado pelo ministro do Império, João Alfredo Corrêa de Oliveira, era destinado a meninos entre seis e 12 anos que “encontrados em tal estado de pobreza que, além da falta de roupa adequada para frequentar escolas comuns, vivessem na mendicância” (Cunha, 2000, p. 91). Nesse local, eles recebiam instrução primária e aprendiam ofícios como serralheria, marcenaria, alfaiataria, entre outros. Ao finalizar a aprendizagem, permaneciam no local por três anos, trabalhando para pagarem por seu aprendizado e juntarem dinheiro, que recebiam no fim desses três anos (Cunha, 2000).

Durante o período imperial é possível perceber o forte caráter assistencialista presente na educação brasileira, porém enquanto as Instituições Governamentais utilizavam-se de miseráveis para formar mão de obra manufatureira, iniciativas particulares tinham como objetivo o aprimoramento dos demais trabalhadores. (Cunha,

¹⁶ Vencimento de militar. Pagamento por trabalho.

¹⁷ Nome de cada uma das partes que formam a divisão territorial de certos Estados.

2000).

Foi no início do século XX (1909), dentro do contexto social da Primeira República, que o então presidente Nilo Peçanha promulgou o Decreto Federal nº 7.566, que trouxe como justificativa:

[...] que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos uteis a Nação. (Brasil, 1909).

Foi então que, sob a jurisdição do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, foram criadas nas capitais (exceto Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul)¹⁸, 19 Escolas de Aprendizizes e Artífices (MEC, 2009). Possuindo caráter meramente assistencialista, as escolas ofereciam ensino profissional e primário gratuito aos “desvalidos da sorte” (MEC, 2009). Conforme Lenise Montandon (2021), as escolas procuravam educar jovens das classes desfavorecidas com a finalidade de evitar que se tornassem criminosos e apresentassem riscos à sociedade.

Foi na década de 30, mais precisamente em 1937, que através da Lei nº 378, no período conhecido como Segunda República, na segunda fase do governo de Getúlio Vargas, que a nova Constituição Brasileira oficializou a transformação das escolas de Aprendizizes e Artífices em Liceus¹⁹. Em sua Seção III, Artº 37 declara que:

A Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz e as escolas de aprendizes artífices, mantidas pela União, serão transformadas em Liceus, destinados ao ensino profissional, de todos os ramos e graus. (Brasil, 1937) E em seu Parágrafo único, acrescenta que: Novos Liceus serão instituídos, para propagação do ensino profissional, dos vários ramos e graus, por todo o território do país. (Brasil, 1937).

¹⁸ Cada capital recebeu a implantação de uma escola de Aprendizizes e Artífices, com exceção do Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS), pois ambas já possuíam escolas profissionalizantes, porém a Escola de Campos (RJ) e o Instituto Parobé (RS), passaram a ser mantidas pelo governo federal como “Escola de Aprendizizes e Artífices”.

¹⁹ Liceu é uma Instituição de ensino que oferece educação secundária, geralmente para estudantes entre 15 e 18 anos. O termo “Liceu” tem origem na Grécia Antiga, onde era utilizado para se referir a uma escola de ensino médio. No entanto, ao longo dos anos, o conceito de Liceu evoluiu e se adaptou às diferentes culturas e sistemas educacionais ao redor do mundo.

Conforme Clarissa Lima e Jacqueline Alves (2015), durante a terceira fase do governo Vargas, conhecida como Estado Novo (governo ditatorial instaurada por Getúlio Vargas entre os anos de 1937 a 1945), houve destaque para o ensino profissional. Dentro desse período (1939–1945), o mundo vivia o contexto da 2ª Guerra Mundial e a conjuntura econômica apresentava recuo dos principais fornecedores mundiais (Estados Unidos e Inglaterra), momento em que o Brasil teve a oportunidade de aumentar suas exportações, o que, conseqüentemente, fez com que houvesse maior demanda de mão de obra técnica. De acordo com Cunha:

Outro fator determinante da organização do ensino técnico-industrial seria a tendência de estruturação da educação escolar em um sistema. Na época do Estado Novo, os graus e ramos de ensino não estavam articulados segundo um critério nacional de continuidade e divisão do trabalho educativo, o que contrariava a orientação centralista vigente. (Cunha, 1977, p. 58 *apud* Lima e Alves, 2015, p. 30).

Moura (2007), explica que nesse período o Ensino Técnico tinha como objetivo suprir as demandas que surgiram com as exportações, bem como as demandas de uma sociedade que se industrializava e caminhava rumo ao processo de urbanização. Após a industrialização e as novas formas de relação de produção, foi necessário um posicionamento das camadas dirigentes em relação à educação nacional. Como consequência dessas demandas foram promulgados, em 1941, vários Decretos Lei²⁰ para formalizar a estrutura da educação no país. Esse conjunto de decretos ficou conhecido como Reforma Capanema, nome do então Ministro da Educação, Gustavo Capanema e seu principal objetivo era remodelar o ensino no país (Moura, 2007).

Com essa nova estrutura educacional “[...] foram criados os cursos médios de 2º ciclo, científico e clássico, com duração de três anos, com o objetivo de preparar os estudantes para o ingresso no ensino superior “(Clarice Escott & Márcia Moraes, 2012, p. 1495).

A partir desse momento, a Educação Profissionalizante tornou-se parte final do ensino secundário e era formada pelos cursos normal, industrial técnico, comercial técnico e agrotécnico, que possuíam a mesma duração e nível de do colegial, porém não permitiam o ingresso no ensino superior (Escott & Márcia Moraes, 2012).

²⁰ Ato normativo com força de lei, editado pelo chefe do Poder Executivo em situações excepcionais.

No ano seguinte, em 1942, através do Decreto Lei nº 4.048, é criado o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que deu origem ao que hoje se conhece como Sistema “S”. Conforme explica Lisboa (2020), o Sistema “S” é composto por nove Instituições prestadoras de serviços que são administradas de forma independente por federações e confederações empresariais dos principais setores da economia. Apesar de prestarem serviços de interesse público, essas entidades não são ligadas a nenhuma das esferas do governo (Lisboa, 2020). Fazem parte do Sistema “S” o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Serviço Social da Indústria (SESI), Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Nacional de Aprendizado Rural (SENAR), Serviço Nacional de Transporte (SEST/SENAT), Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Em 30 de janeiro do mesmo ano, foi criada a Lei Orgânica Industrial, que através do Decreto Lei nº 4.073 traz em Art 1º que a lei:

[...] estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial, que é o ramo de ensino, de segundo grau, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais, e ainda dos trabalhadores dos transportes, das comunicações e da pesca. (Brasil, 1942).

Através dessa lei, há a separação das modalidades de ensino: as escolas industriais destinavam-se aos menores de idade, que não trabalhavam e buscavam capacitação profissional. Já o serviço de aprendizagem era destinado aos adultos que trabalhavam nas indústrias. Conforme Clarissa Lima e Jacqueline Alves (2015, p. 31) “Com essas medidas o ensino profissional se consolidou no Brasil, embora ainda continuasse a ser preconceituosamente considerado como uma educação de segunda categoria”. Em fevereiro o Decreto nº 4.127 transformou os Liceus Industriais em Escolas Industriais e Técnicas (EITs), passando a oferecer formação profissional em nível equivalente ao secundário e tendo permanecido assim até 1959, ano em que o então presidente Juscelino Kubitschek, promulgou a Lei nº 3.552 e transformou as Escolas Técnicas Industriais em Escolas Técnicas Federais (ETFs), tornando-as uma autarquia, assim passando a ter autonomia administrativa e pedagógica.

Conforme é possível observarmos, durante este período houve o fortalecimento da dualidade educacional, porém em 1945, após o fim do Estado Novo, houve a retomada da vida política e volta dos educadores liberais (liderados por Anísio Teixeira ou inspirados por suas ideias) ao aparelho do Estado, momento que a dualidade educacional começou a ser desfeita (Cunha, 2014).

Entretanto, é importante ressaltar que conforme Cátia Guimarães (2000, p. 20), “Nada disso, no entanto, se deu sem tensões ou disputas”, ou seja, houve conflitos. Segundo Guimarães (2000), Maria Ciavatta afirma que os empresários pressionavam para que o ensino industrial continuasse, porém intelectuais e a população desejavam uma educação que permitisse estudar disciplinas como português, matemática, história e geografia e não apenas se limitasse ao ensino técnico, mas para ter acesso a essas disciplinas seria necessário o acesso ao ensino secundário (Guimarães, 2000).

Conforme explica Guimarães (2000), durante a década de 50, foram promulgadas três leis de equivalência (nº 1.076, de 1950, nº 1.821, de 1953 e nº 3.552, de 1959) que materializaram essa mudança. Através dessas leis houve o reconhecimento dos cursos profissionalizantes como forma de acesso ao segundo ciclo secundário (atual Ensino Médio) e ao ensino superior. Maria Ciavatta é mencionada como alguém que considera que especialmente o acesso ao ensino superior representou um “movimento contra-hegemônico²¹” que foi estimulado por “setores progressistas da sociedade” e pelo Ministério da Educação (MEC), no entanto é importante ressaltar que cada escola criava um conselho dirigente e nele estava incluído os empresários, que segundo Maria Ciavatta sempre estiveram pressionando pelas suas necessidades pelos seus interesses (Guimarães, 2000). (Grifo da autora).

Conforme argumenta Ramos (2014) a este respeito, é possível percebermos a forte mudança ocorrida ao longo dos anos na Educação Profissional, passando de uma educação de caráter meramente assistencialista para uma Educação Instrumental, cujo objetivo era a qualificação da mão de obra para suprir as demandas econômicas oriundas do processo de industrialização e urbanização.

Em 20 de dezembro de 1961 foi promulgada a primeira Lei de Diretrizes e

²¹ A hegemonia é um conceito da ciência política que trata sobre os meios pelos quais um grupo domina outros grupos da sociedade, ou seja, ser contra-hegemônico significa ser contra a dominação realizada por grupos minoritários a outro grupo.

Bases da Educação (LDB), conforme Guimarães (2020, p. 20):

No que diz respeito à educação profissional, ela confirma e completa o objetivo das leis de equivalência, mas mantém três possibilidades para o colegial: o curso de formação de professores, o ensino técnico e o secundário. Isso significa que, legalmente, os concluintes de todos poderiam tentar uma vaga na universidade, mas, na prática, a diferença da estrutura curricular de cada um desses cursos garantia condições muito desiguais entre os concorrentes. (Grifo da autora).

É notório que a dualidade na educação, tão presente no contexto do mundo capitalista, se fazia presente na LDB através da diferença de grade curricular que poderia facilitar ou dificultar o ingresso na universidade, contudo o destaque para a dualidade educacional não parou por aí: conforme Guimarães (2000), a separação existente entre a educação geral e profissional também se refletia na formação de seus professores, ou seja, para lecionar disciplinas propedêuticas era necessário que os docentes fossem oriundos das Faculdades de Letras, Artes e Ciências, porém para lecionar disciplinas profissionalizantes era necessário ter realizado apenas cursos especiais de educação técnica.

Entretanto, Guimarães (2000), considera essas questões como “detalhes”, diante do que acredita ser:

A maior polêmica daquele momento: na verdade, a grande disputa da primeira LDB brasileira se deu em torno do substitutivo Lacerda, um texto alternativo apresentado pelo jornalista e então deputado Carlos Lacerda, cujo objetivo, na avaliação de grande parte dos historiadores da área, era garantir, em lei, recursos públicos para o ensino privado. E que saiu vitorioso. (Guimarães, 2020, p.21).

De acordo com Maria Machado e Cristiane Melo (2012), em janeiro de 1959, o “Substitutivo Lacerda” é apresentado à Câmara dos Deputados. O projeto estabelecia novas diretrizes para a educação, desencadeando assim debates relacionados ao papel do Estado no oferecimento de ensino à população. Conforme Taís Silva (2011), o Substitutivo apresentou em seu Título III um capítulo sobre liberdade de ensino, apresentando um veto em seu Art. 6: o Estado não poderia favorecer ou exercer monopólio²² do ensino e além disso, no seu Art. 7 destaca as

²² Privilégio que dá direito de uma indústria, de um atividade ou do comércio de um artigo ou serviço a apenas uma entidade ou a uma pessoa.

condições em que o Estado deveria oferecer igualdade de condições às escolas particulares e também as oficiais. Segundo Taís Silva:

O discurso de que o Estado não poderia de modo algum monopolizar o ensino, era a bandeira principal da Igreja e do setor privado (a máxima a ser protegida: a “liberdade a quem quiser ensinar”), que se colocavam não somente como opção, mas como uma opção que, reconhecida pelo Estado, poderia receber dele apoio financeiro. (Silva, 2011, p. 6).

De acordo com Maria Machado e Cristiane Melo (2012), o conteúdo apresentado no Substitutivo Lacerda contradizia os discursos dos educadores escolanovistas²³, que em 1932, através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova²⁴, exigiam uma maior participação do Estado na disseminação da escola.

Houve então uma divisão na sociedade, algumas pessoas defendiam o que estava apresentado no Substitutivo Lacerda e outras se contrapuseram a essa ideia. Assim, criou-se um movimento em defesa do ensino público, nele estavam “educadores da geração dos pioneiros da Escola Nova, professores, intelectuais e líderes sindicais”. (Machado e Melo, 2012, p.69).

Segundo Guimarães (2000), Angela Tamberlini comenta que tudo isso ocorreu em um período “extremamente fértil do ponto de vista dos movimentos sociais e políticos”, por exemplo, em 1962 foram criados os ginásios vocacionais, desenvolvidos em seis escolas em São Paulo e Guimarães (2020, p. 21) completa destacando que: “[...] esse modelo previa uma formação geral articulada com a formação profissional a partir das necessidades locais”. Conforme Guimarães (2000), Tamberlini corrobora com sua fala ao afirmar que: “Eles tinham uma proposta de educação ancorada na transformação social, com defesa da democracia e participação social”.

Guimarães (2000) destaca que um ano após a criação dos ginásios vocacionais, o governo de João Goulart sofre pressões de empresários e apoiado pelo Ministério do Trabalho, cria o Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra (Pipmo). Segundo Guimarães (2000, p.21), Maria Ciavatta afirma que o programa “defendia a capacitação nas empresas e a expansão das escolas industriais”.

²³ Escola Nova é um movimento que propôs mudanças no sistema de ensino, colocando o aluno no centro do processo de construção do conhecimento.

²⁴ É um documento que inclui conceitos da Escola Nova com adaptações ao contexto social do país na época. Reivindica a criação de um sistema de ensino mais adequado às necessidades brasileiras, que pudesse ser considerado um modelo educacional mais democrático.

Naquele momento, inúmeros conflitos estavam presentes na realidade do país e conforme Guimarães (2000), Ângela Tamberlini afirma que “do outro lado daquela mesma sociedade civil ‘extremamente fértil’, organizava-se também uma reação”. Esta reação que Tamberlini refere-se ocorreu no dia 1º de abril de 1964, o golpe empresarial-militar, corroborando com Tamberlini, Guimarães (2020, p. 22) afirma que: “o começo do fim de toda aquela efervescência”.

A nova Constituição de 1967, evidencia a falta de comprometimento do Estado em relação aos gastos com a educação pública e a promoção da privatização do ensino, pois apresenta em seu Art. 168, § 2º, que: “Respeitadas as disposições legais, o ensino é livre à iniciativa particular, a qual merecerá o amparo técnico e financeiro dos Poderes Públicos, inclusive bolsas de estudo”. Houve também a amenização da gratuidade do ensino, Conforme o Art. 168, § 3º: “Sempre que possível, o Poder Público substituirá o regime de gratuidade pelo de concessão de bolsas de estudo, exigido o posterior reembolso no caso de ensino de grau superior”.

No mesmo ano, através do Decreto nº 60.731, o Ministério da Agricultura é transferido para o Ministério da Educação e Cultura e as Fazendas Modelos passam a funcionar como Escolas Agrícolas. Neste mesmo período acontecia o movimento dos excedentes que era formado por estudantes que reivindicavam o direito de todos acessarem o ensino superior, mas o que era exatamente o movimento dos excedentes? Em 1968, ocorreram inúmeras manifestações de estudantes nas principais cidades brasileiras e seu objetivo era lutar por direito a mais vagas e mais verbas para a educação de nível superior público. Os estudantes envolvidos eram jovens que eram aprovados na universidade, porém, não conseguiam estudar, pois as vagas não existiam, por isso eram chamados de “excedentes”. O movimento foi considerado por muitos pesquisadores como um dos motivos para a criação da Lei nº 5.692/71, que foi considerada a principal mudança na educação profissional ocorrida no período da ditadura: a profissionalização universal e compulsória no que era equivalente ao atual ensino médio. Denominada Lei de Diretrizes e Bases do Ensino de 1º e 2º Graus, teve como objetivo a fusão dos ramos do 2º ciclo do ensino médio, ou seja, conforme Cunha (2014, p. 3 – 4):

[...] o ensino secundário, o ensino normal, o ensino técnico industrial, o

ensino técnico comercial e o ensino agrotécnico fundiram-se. Todas as escolas deveriam oferecer somente cursos profissionais – então chamados de profissionalizantes – destinados a formar técnicos e auxiliares técnicos para as mais diversas atividades econômicas. Os cursos exclusivamente propedêuticos, como o antigo colegial (clássico e científico), não teriam mais lugar nesse nível de ensino. (Grifo da autora).

Figura 3 – Protesto do grupo dos excludentes contra o acordo MEC/USAID²⁵.



Fonte: Site da Fiocruz (2020).

Conforme afirma Guimarães (2000), o movimento sofreu respostas do governo militar que apresentou reações contraditórias: por um lado houve repressão as manifestações, do outro foi realizada uma reforma universitária e com ela uma das modificações foi a criação do vestibular unificado que relacionava o direito à vaga, a nota e sua classificação. De acordo com Guimarães (2000), Maria Ciavatta afirma que: “A questão dos excedentes desapareceu, mas não resolveu o problema, naturalmente”. Mas, qual a relação das universidades com a educação profissional? Cátia Guimarães (2000), aponta que Tamberlini explica que:

²⁵ Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. Os acordos MEC-USAID tinham como proposta inicial avançar a agenda de privatização do ensino público, motivo pelo qual demandavam limitação dos investimentos do governo na educação. O acordo também previa a redução do ensino de ciências humanas.

A avaliação que se fazia era que, oferecendo uma profissionalização em nível de segundo grau e com caráter terminal, as classes populares se contentariam com uma formação profissional em nível médio e não pleiteariam mais as vagas para o ensino superior.

Foi uma tentativa de acabar com as lutas pelo direito ao ensino superior. Portanto, buscou-se uma formação para o trabalho na própria instituição de ensino. De acordo com Guimarães (2000), Cunha afirma que o Grupo de Trabalho escolhido para pensar na reforma universitária pensou em um ensino médio “distorcido” e acreditavam que ao preparar para o mercado de trabalho, diminuiria a procura pela universidade. O relatório feito pelo Grupo de Trabalho revelava a dualidade na educação ao afirmar que um número expressivo de alunos de cursos técnicos procuravam as universidades. Diante desse cenário foi aprovado, em 1971, a Lei nº 5.692, que Cunha considera “o grande, talvez o maior, fracasso da ditadura no campo educacional” e que Tamberlini considera como “[...] quase uma transposição da fábrica para a escola sem a mediação de que a educação necessita” (Grifos da autora). A Lei uniu o primário e o ginásio, criando assim o curso de 1º grau de oito anos e instituiu a profissionalização compulsória, portanto, o ensino técnico ao 2º grau tornou-se compulsório tanto para pobres, quanto para ricos, visando formar mão de obra devidamente qualificada para o mercado de trabalho. Porém, os alunos não aceitaram calmamente a profissionalização compulsória, conforme Cunha (2014, p. 11) “[...] eles reagiram à introdução de disciplinas profissionalizantes, por diminuírem a carga horária das que lhes interessavam para os exames vestibulares”. Suas reações se mostravam através do desinteresse pelos estudos, charges em jornais estudantis, discussões sobre essa nova realidade educacional.

Entretanto, essa medida aparentemente rompia com a dualidade na educação, pois oportunizava a todos (filhos de ricos e filhos da classe trabalhadora), o mesmo tipo de instrução, porém, Guimarães destaca que Tamberlini afirma que não foi o que de fato aconteceu, o que destaca dois fatores: primeiramente, o fim das disciplinas gerais afetou diretamente estudantes de baixa renda que só tinham a escola como fonte desse tipo de conhecimento e segundo porque a escola privada conseguia burlar as leis e mexer na grade curricular, na carga horária e nas disciplinas. Conforme Guimarães (2000), Ciavatta destaca que “Os meninos que estavam nas escolas privadas não estavam lá para aprender a ser mecânico, eletricista,

encanador. Eles estavam lá para ir para as universidades”. Portanto, estudantes da classe média que estudavam nas escolas públicas migraram para as privadas, o que conseqüentemente, fortaleceu o setor privado e diminuiu a qualidade das escolas públicas. Guimarães (2000) afirma que palavras de Tamberlini “O regime militar prestou esse desserviço à nação brasileira, fazendo com que a qualidade do ensino público caísse muito”. Corroborando com Tamberlini, Ciavatta completa: “O governo ditatorial nunca investiu efetivamente na educação da população, os recursos na educação foram reduzidos gradativamente. As escolas públicas estaduais não tinham recursos, não tinham professores, não tinham equipamentos”.

No início da década de 80 houve o fim da profissionalização compulsória, pois em 1982, foi promulgada a Lei nº 7.044, que em seu Art. 76 estabelecia que “a preparação para o trabalho, no ensino de 2º grau, poderia ensejar habilitação profissional, a critério do estabelecimento de ensino” e assim, chegava ao fim a profissionalização compulsória, porém, conforme Cunha (2008, p. 8):

Esse legado do regime militar consubstanciou-se na institucionalização da visão produtivista de educação. Esta resistiu às críticas de que foi alvo nos anos de 1980 e mantém-se como hegemônica, tendo orientado a elaboração da nova LDB, promulgada em 1996, e o Plano Nacional de Educação, aprovado em 2001.

Foi também nos anos 80, que a maioria dos países da América Latina foram atingidos por uma crise econômica e a década ficou conhecida como “década perdida”. Já no Brasil houve um fortalecimento da tecnologia associado a novos processos produtivos e foram realizados mais investimentos nas indústrias visando atender as demandas do mercado de trabalho (Mineiro e Lopes, 2020). Assim, houve a necessidade de novas concepções legislativas, portanto foram criadas normas para a educação nacional. Conforme afirmam Elaine Mineiro e Frederico Lopes (2020, p. 12): “Nesse contexto, a atual Constituição Federal de 1988 foi promulgada, na perspectiva de assegurar o Estado Democrático de Direito”.

Após o país viver 21 anos (1964-1985) sob o domínio de uma ditadura militar, no final dos anos 80 o país viveu um processo de redemocratização. A primeira eleição com voto direto para presidente (1989) trouxe como vencedor Fernando Collor de Mello (1990-1992), político que apresentava um discurso neoliberal²⁶, assim como seu vice Itamar Franco (1992-1995), que assumiu o cargo de presidente

em dezembro de 1992, após Collor sofrer um impeachment.

Porém, foi nos governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC) (1995-2002) que o neoliberalismo teve um maior aprofundamento. Em 1996, ocorreu no Congresso Nacional o processo que culminaria na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 9.394/96. A referida lei apresenta a Educação Profissional em um capítulo próprio. Conforme Gama e Araújo (2016) a nova LDB possuía caráter minimalista e desregulamentador, abrindo-se para uma política na área da educação que passava a ser regulamentada por Decretos, Portarias e Medidas Provisórias, que promoveram profundas mudanças na educação profissional. Garantido pela Constituição Federal e ratificado pela LDB, a iniciativa privada pôde atuar livremente em todos os níveis de educação.

Oliveira (2019, p. 37), afirma que a lei foi “aprovada em um cenário de grandes tensões políticas”. Corroborando com Oliveira, Moura (2007), destaca que naquele momento:

Ocorreram muitos embates entre forças progressistas e conservadoras engajadas na luta pela implantação de dois projetos distintos de sociedade e de desenvolvimento, resultando em uma LDB cheia de contradições, cujo teor tentava conciliar os interesses de ambas as partes conflitantes (educação pública versus privada), mas manteve o problema da dualidade do ensino, a partir de seu texto ambíguo [...] (Grifos da autora).

A LDB no seu Art. 40, Capítulo III estabelece que “a Educação Profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou por diferentes estratégias de educação continuada, em instituições especializadas ou no ambiente de trabalho” (Grifo da autora). Moura (2007, p. 13), ressalta que a redação “não é inocente e desinteressada” e afirma que traz como objetivo a separação do Ensino Médio da Educação Profissional, o que já era item do Projeto de Lei (PL) de iniciativa do poder executivo do governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso e que ficou conhecido como PL 1603. Portanto, conforme Gama e Araújo (2016, p. 1) “[...] a legislação em vigor desde a promulgação da Lei 5.692/71 cedeu lugar a uma nova legislação, resultado da nova LDB, a Lei 9.394/96 e, a partir dela, o decreto 2.208/97, bases da reforma da Educação Profissional”. Logo, no terceiro ano do governo de FHC foi promulgado o decreto nº 2.208/97, que tinha como objetivo estabelecer nor -

²⁶ Doutrina econômica que tem como princípio a mínima intervenção do Estado na economia.

mas para a educação profissional no Brasil através da regulamentação do “§ 2º do Art. 36 e os Artigos 39 a 42 da Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional” (Brasil, 1997). O decreto tinha como objetivo separar a educação geral (propedêutica) da educação profissional, fato que estava evidenciado no Art. 5º: “A educação profissional de nível técnico terá organização curricular própria e independente do ensino médio, podendo ser oferecida de forma concomitante ou sequencial a este” (Brasil, 1997). Portanto, após o decreto, os cursos técnicos de nível médio passaram a se desenvolver a partir do conceito de competências, visando formar um trabalhador que consiga se adequar às frequentes mudanças do mercado de trabalho e que foque seu esforço apenas em produzir, de maneira mecânica, sem que consiga ter compreensão da sociedade e do mundo de maneira reflexiva e crítica. Podemos dizer que o decreto 2.208/97, nos remete ao que Paulo Freire nomeou em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1968) como “educação bancária”, situação em que o aluno se torna um mero receptor de informações, não sendo estimulado a questionar o seu aprendizado, o mundo e sua realidade.

A reforma educacional que houve no governo FHC, segundo Frigotto e Ciavatta (2003, p. 119): “foi coerente com o ideário do liberalismo conservador em termos econômicos e sociais, tanto na concepção quanto na ação prática” e o decreto 2.208/97 é um exemplo disso. O decreto também regulamentou a Educação Profissional e criou o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP), que visa modernizar e expandir a Educação Profissional. A partir desse decreto o Ensino Médio retoma o seu caráter propedêutico e os cursos técnicos passaram a ser ofertados de forma concomitante ao Ensino Médio e de forma subsequente, destinado a quem já concluiu o Ensino Médio e o desenvolvimento da Educação Profissional poderá “[...] ser realizada em escolas do ensino regular, em instituições especializadas ou nos ambientes de trabalho” (Brasil, 1997). Através desse decreto é possível destacar o fortalecimento do caráter dualista da educação mediante a divisão entre Ensino Médio propedêutico e profissional, assim colaborando para o fortalecimento de divisão de classes no país. Em novembro do mesmo ano é promulgado o Decreto nº 2.406/97, que regulamenta a Lei nº 8.948/94 e modifica a essência dos CEFETs “transformando-os em “instituições especializadas de Educação Profissional” (Campello, 2007, p. 5), mantendo de sua criação, apenas o nome.

Em uma pesquisa realizada por Luciana Loponte (2006), é evidenciado a participação do Sindicato Nacional dos Servidores Federais de Educação Básica e Profissional (SINASEFE), em forte atuação contra a reforma da Educação Profissional. A partir de março de 1998, foram localizados documentos enviados ao Senado Federal, que conforme explica Loponte:

[...] tinham como objetivo promover reflexões a respeito do que estava ocorrendo com o ensino no país, em particular com o ensino técnico, e subsidiar ações futuras em prol dessa modalidade de ensino. (Loponte, 2006, p. 67).

Em 2000, o SINASEFE organizou uma greve na Rede Federal de Educação Profissional que segundo Loponte (2006), tinha cinco objetivos ²⁷, sendo o segundo a revogação do Decreto nº 2.208/97 e da Portaria nº 646/97²⁸.

Em 2003, no primeiro ano do primeiro mandato do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006), houve significativas discussões acerca do Decreto nº 2.208/97. De acordo com Loponte (2006), passaram a ocorrer reuniões mais abrangentes, contando com a participação de variadas entidades e em eventos promovidos pelo MEC, que tinham como objetivo “[...] refletir sobre a Educação Profissional, num trabalho coletivo”. (Loponte, 2006, p. 68), com destaque para a separação entre o Ensino Médio e Educação Profissional e como consequência houve inúmeras mobilizações dos setores educacionais relacionados à Educação Profissional como pesquisadores e sindicatos, retomando assim a discussão sobre a educação politécnica (Viamonte, 2011). Diante desse contexto, a escolha por uma formação universitária aconteceria somente após a conclusão da educação básica, ou seja, a partir dos 18 anos ou mais. Conforme Moura:

Tais reflexões e análises permitiram concluir que as características atuais da sociedade brasileira dificultam a implementação da politécnica ou educação

²⁷ Os cinco objetivos da greve realizada pelo SINASEFE em 2000, foram: 1) Garantia de Educação Pública, Gratuita e de Qualidade, em todos os níveis; 2) Revogação do Decreto 2.208/97 e Portaria 646/97; 3) Aprovação no Congresso Nacional do PNE; 4) Eleições diretas nas IFE's; 5) Aumento da oferta de vagas nos cursos de nível médio, permitindo sua continuidade nas IFE's.

²⁸ Portaria nº 646/97: Regulamenta a implantação do disposto nos artigos 39 a 42 da Lei Federal nº 9.394/96 e no Decreto Federal nº 2.208/97 e dá outras providências (trata da rede federal de educação tecnológica).

tecnológica em seu sentido original, uma vez que, dentre outros aspectos, a extrema desigualdade socioeconômica obriga grande parte dos filhos da classe trabalhadora a buscar a inserção no mundo do trabalho visando complementar o rendimento familiar, ou até mesmo a auto-sustentação, muito antes dos 18 anos de idade. Assim, a tentativa de implementar a politecnia de forma universal e unitária não encontraria uma base material concreta de sustentação na sociedade brasileira atual, uma vez que esses jovens não podem “se dar ao luxo” esperar até aos 20 anos ou mais para iniciar a trabalhar. (Moura, 2007, p.19).

Entre o ano de 2003 e julho de 2004, ocorreram diversos debates sobre a vinculação entre Ensino Médio e Educação Profissional que permitiram compreender que seria necessária uma solução transitória, um Ensino Médio que unisse conhecimentos científicos e Educação Profissional. Assim, volta à tona a discussão sobre a educação politécnica (MEC, 2007). É nos resultados desses debates que está a gênese do Decreto nº 5.154/04, promulgado em 23 de julho de 2004 pelo então presidente Lula, trouxe a possibilidade de articulação entre Ensino Médio e Ensino Técnico (Brasil, 2004), bem como manteve a opção de cursos técnicos concomitantes e subsequentes. O Art. 4º traz como se dará essa articulação, que será apresentada no quadro 3.

Quadro 8 – Articulação entre Ensino Médio e Técnico.

Modalidade	Forma
Integrada	Oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, contando com matrícula única para cada aluno.
Concomitante	Oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental ou esteja cursando o ensino médio, na qual a complementaridade entre a Educação Profissional técnica de nível médio e o ensino médio pressupõe a existência de matrículas distintas para cada curso.
Subsequente	Oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino médio.

Fonte: Elaborado pela autora. (Brasil, 2004).

O novo Decreto trouxe a possibilidade de um ensino que abrange a formação humana integral e que, sob a base de uma formação unitária, seja a condição

necessária para se fazer a “travessia” para uma nova realidade. (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005). Assim, o decreto teve como objetivo superar a dualidade histórica da educação, que desde os primórdios separa a educação geral do ensino técnico, corroborando para a perpetuação da divisão de classes no país.

Em junho de 2005, o Decreto nº 5.478, institui o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). O programa foi uma determinação do governo para atender as demandas de jovens e adultos pela disponibilização de Educação Profissional técnica de nível médio, da qual são geralmente excluídos, assim como em outras situações próprias Ensino Médio (MEC, 2024). Em novembro do mesmo ano, a Lei nº 11.195 em seu Art 1º § 5º, institui a expansão da oferta de Educação Profissional através da criação de novas unidades de ensino por parte da União, destacando que esta ocorrerá, preferencialmente, em parceria com Estados, Municípios, Distrito Federal, setor produtivo ou organizações não governamentais (Brasil, 2005). Assim, é lançada a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal que conta com a construção de 60 novas unidades de ensino pelo Governo Federal (MEC, 2024).

Em maio do ano seguinte, é promulgado o Decreto nº 5.773/06 que versa sobre o exercício da função de regulação de cursos sequenciais, entre outros do Sistema Federal de Ensino, assim como “É instituído, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) [...]” (MEC, 2024). O programa visa atender à crescente solicitação de acesso de jovens e adultos à Educação Profissional e Tecnológica.

Em 2007, é lançada a segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal. A Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), estipulou como meta a criação de 150 novas Instituições Federais de Educação Tecnológica em quatro 2024s. Até 2010 serão 354 unidades. (MEC, 2024). No mesmo ano o Decreto nº 6.302, institui o Programa Brasil Profissionalizado, que tem como objetivo:

[...] estimular o ensino médio integrado à Educação Profissional, enfatizando a educação científica e humanística, por meio da articulação entre formação geral e Educação Profissional no contexto dos arranjos produtivos e das vocações locais e regionais. (Brasil, 2007).

É também em 2007 que o MEC elabora o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Desenvolvido de maneira clara e objetiva o documento serve para a

consulta de estudantes frente à variedade de cursos ofertados. As informações disponíveis abarcam perfil profissional, possibilidades de atuação e estrutura mínima recomendada. (MEC, 2024). O Catálogo esteve disponível para consulta pública, por seis meses, período em que recebeu sugestões e críticas da sociedade. Entrou em vigência oficialmente em 2008, servindo de instrumento de divulgação de Cursos Técnicos por todo o Brasil. No final de 2008, mais precisamente em 29 de dezembro, é promulgada a Lei nº 11.892, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica²⁹. O ano de 2009 marca o centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN):

[...] deu início, já em 2006, a um projeto intitulado “A caminho do centenário”, cuja finalidade era apresentar às comunidades interna e externa a história de seus cem anos, destacando os principais acontecimentos que marcaram sua trajetória. (Moura, 2016, p.103).

Através desse projeto foi criado um museu virtual nomeado Portal da Memória, onde segundo Moura (2016, p.104) “os seus visitantes têm acesso a fatos que marcaram o funcionamento dessa instituição ao longo do século XX [...]”.

Em novembro de 2010, no último ano do segundo mandato do governo Lula (2006-2010), foram entregues 30 Escolas Federais de Educação Profissional e foram inaugurados 25 Campis associados a 15 Universidades Federais. A solenidade, realizada no Palácio do Planalto, em Brasília:

Marcou a conquista da meta prevista pelo plano de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e o avanço do Programa de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (Reuni). (MEC, 2010).

Já em 2011, a Lei nº 12.513, cria o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), ampliando a oferta de cursos de Educação Profissional e tecnológica (Vieira e Júnior, 2016, p.9). Há também o lançamento do buscando por oportunidades de melhoria de vida da população. (MEC, 2024) e o

²⁹ Historicamente a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, teve início em 1909, com a criação de 19 escolas de Aprendizes e Artífices pelo presidente Nilo Peçanha, porém é institucionalizada somente em 2008, com a promulgação da Lei nº 11.892.

Guia Pronatec de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC). No mesmo ano é lançado a terceira fase do Plano de Expansão da Rede Federal, que estabeleceu a criação de 208 novas unidades até 2014.

Em 2012 é homologada a Resolução nº 6, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, trazendo em seu Art. 2º parágrafo único que:

As instituições de Educação Profissional e Tecnológica, além de seus cursos regulares, oferecerão cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional para o trabalho, entre os quais estão incluídos os cursos especiais, abertos à comunidade, condicionando-se a matrícula à capacidade de aproveitamento dos educandos e não necessariamente aos correspondentes níveis de escolaridade. (Brasil, 2012).

No ano de 2013, a Lei nº 12.816 altera a Lei nº 12.513/11 e amplia o rol de beneficiários e ofertantes da Bolsa-Formação Estudante, no âmbito do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) (Brasil, 2013).

Em 2014, o Congresso Nacional aprova a Lei nº 13.005 que estabelece o Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência de dez anos e com a intenção de cumprir o disposto no Art. 214 da Constituição Federal. A lei traz em seu Art. 2º, inciso VII a: “promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País” (Brasil, 2014). A lei também apresenta 20 metas e estratégias para cumprir com o seu propósito. A Educação Profissional e técnica está evidenciada na Meta 11, que visa: “Triplicar as matrículas da Educação Profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público” (Brasil, 2014). São 14 estratégias para alcançar essa meta. Destaco aqui algumas:

- 11.1) expandir as matrículas de Educação Profissional técnica de nível médio na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, levando em consideração a responsabilidade dos Institutos na ordenação territorial, sua vinculação com arranjos produtivos, sociais e culturais locais e regionais, bem como a interiorização da Educação Profissional;
- 11.2) fomentar a expansão da oferta de Educação Profissional técnica de nível médio nas redes públicas estaduais de ensino;
- 11.3) fomentar a expansão da oferta de Educação Profissional técnica de nível médio na modalidade de educação a distância, com a finalidade de ampliar a oferta e democratizar o acesso à Educação Profissional pública e gratuita, assegurado padrão de qualidade;
- 11.4) estimular a expansão do estágio na Educação Profissional técnica de nível médio e do ensino médio regular, preservando-se seu caráter pedagógico integrado ao itinerário formativo do aluno, visando à formação de qualificações próprias da atividade profissional, à contextualização

curricular e ao desenvolvimento da juventude. (Brasil, 2014). (Grifo da autora).

Em setembro de 2016, no governo do então presidente Michel Temer, é adotado a Medida Provisória nº 746, que: “Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral [...] (Brasil, 2016), que traz em seu Art. 36 que: “

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos, a serem definidos pelos sistemas de ensino, com ênfase nas seguintes áreas de conhecimento ou de atuação profissional:

- I - linguagens;
- II - matemática;
- III - ciências da natureza;
- IV - ciências humanas; e
- V - formação técnica e profissional. (Brasil, 2016). (Grifo da autora).

No ano de 2017, a Medida Provisória nº 746/16 foi convertida na Lei nº 13.415 que ficou conhecida como a Reforma do Ensino Médio que altera a Lei nº 9.394/96 [...] e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral (Brasil, 2017). O discurso oficial do governo trazia como justificativa a ineficiência e a falta de flexibilidade da educação pública e atacava o Ensino Médio das redes estaduais, assim como a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Conforme afirmam Moura e Filho (2017, p. 119), “os principais argumentos justificadores são nitidamente de caráter ideológico e viés neoliberal [...], crítica ao assim denominado “currículo rígido” atual e, em consequência, na necessidade premente de sua substituição por outro “flexível [...]”.

No mesmo ano em 15 de dezembro de 2016, o Congresso Nacional aprova a Emenda Constitucional nº 95, que impõe o congelamento dos gastos em investimentos públicos por 20 anos. Tal fato aponta para um cenário de impossibilidade de alcance das metas estipuladas no Plano Nacional de Educação (PNE), pois para sua realização é necessário que haja aumento nos investimentos públicos (Oliveira, 2019). No artigo intitulado “Os ataques aos Institutos Federais: a restauração neoliberal radical no governo Temer”, escrito por San Segundo e Martins (2018) e publicado na Revista Eletrônica “Universidade e Sociedade”, os autores advertem que:

Com a Emenda Constitucional 95/2016 (EC 95), que congela os investimentos públicos pelos próximos vinte anos, as preocupações aumentam muito, pois consequências nefastas prejudicarão o bom funcionamento dos IFs. Precarização das condições de trabalho, sucateamento físico de prédios, laboratórios e outras estruturas importantes; estrangulamento salarial com todas as suas consequências, associado à supressão de direitos [...]. Outra consequência imediata da EC 95 será a impossibilidade de os IFs cumprirem ou auxiliarem no cumprimento das metas do Plano Nacional de Educação (PNE), que estão diretamente relacionadas com suas responsabilidades institucionais (San Segundo e Martins, 2018, p. 147). (Grifo da autora).

Portanto, compreende-se que a Emenda Constitucional faz parte de uma política neoliberal implantada pelo governo Temer. Para Firmino (2019), utilizando o argumento de retomar o crescimento econômico, limitaram-se os gastos públicos por 20 anos, diminuindo o Estado e impedindo que a proteção social atuasse de maneira apropriada às necessidades da população.

Em 2020, o Ministério da Educação lança a quarta Edição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), através da Resolução CNE/CEB nº 2. O objetivo é organizar a oferta de cursos de Educação Profissional técnica de nível médio visando informar estudantes e sociedade em geral sobre seus cursos. O conteúdo é atualizado periodicamente pelo MEC. (MEC, 2023).

No ano de 2023, no primeiro ano do terceiro mandato do governo Lula, é sancionada a Lei nº 14.645, que altera a Lei nº 9.394/96, para dispor sobre a Educação Profissional e tecnológica e articular a Educação Profissional técnica de nível médio com programas de aprendizagem profissional [...] (Brasil, 2023).

Em 12 de março de 2024, o governo federal lança o quarto Plano de Expansão da Rede Federal, contando com a criação de 100 novos Campi de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. A ação alcançará todas as Unidades da Federação e vai gerar 140 mil novas vagas em cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. O objetivo é criar oportunidades para jovens e adultos, especialmente os mais vulneráveis, conforme afirma o Ministro da Educação Camilo Santana em entrevista ao site Agência Brasil: “Nós não queremos perder nenhum jovem no ensino médio brasileiro. A escola é a porta para o futuro melhor, a educação transforma vidas, a educação é o grande caminho para transformar uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais humana, mais fraterna. E é isso que nós

precisamos”. Abaixo apresento no quadro quatro a distribuição dos 100 novos Campus:

Quadro 9 – Distribuição dos novos Campus dos Institutos Federais

Região	Número de Campus
Nordeste	38
Sudeste	27
Sul	13
Norte	12
Centro Oeste	10

Fonte: Elaborado pela autora com base no site Agência Brasil (2024)

Ao apresentar um panorama dos 116 anos de uma rede de escolas mantidas pela União, não tenho a intenção de esgotar o assunto ou mesmo de apresentar um histórico das leis, mas sim de situar o leitor nas principais mudanças ocorridas ao longo do século e que influenciam o presente momento. Assim, diante do que foi apresentado, é possível perceber que a dualidade na educação não é um fato atribuído a apenas um determinado período e sim algo que se atravessa ao longo da história da Educação Profissional, contribuindo para a divisão social do trabalho e consequentemente a divisão de classes, fatos tão fortemente presentes no contexto de mundo capitalista em que vivemos.

4.2 A Rede Federal de Educação Profissional e os Institutos Federais

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), foi criada pela Lei nº 11.892 em 29 de dezembro de 2008 e foi considerada um marco na “interiorização e diversificação da Educação Profissional e tecnológica no país” (MEC, 2024). É reconhecida por sua qualidade de ensino, variedade de cursos e importante atuação junto à população e às empresas, trabalhando no sentido de potencializar “o que cada região oferece de melhor em termos de trabalho, cultura e lazer” (MEC, 2024). Vinculado ao Ministério da Educação (MEC), a Rede Federal é constituída por Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Institutos Federais), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (Cefet-RJ) e

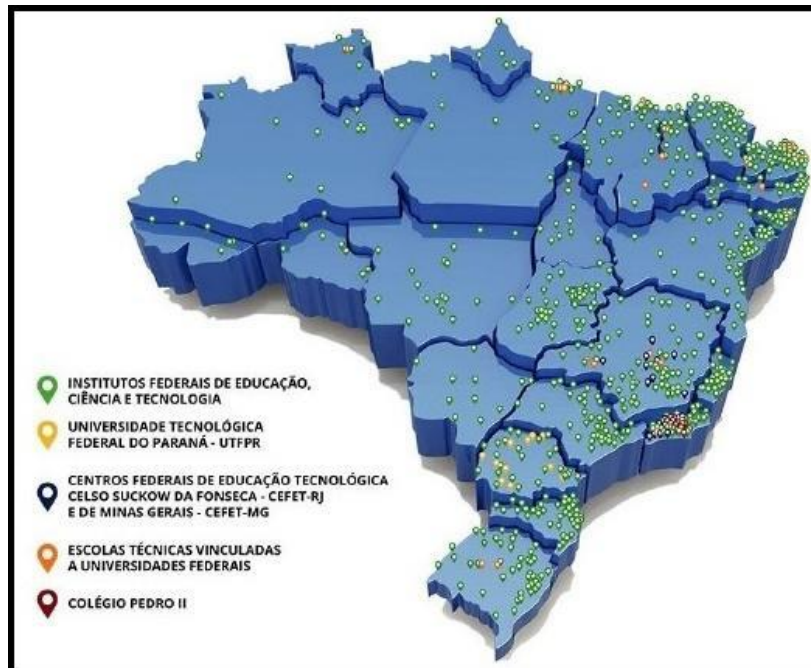
de Minas Gerais (Cefet-MG), Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e Colégio Pedro II. (MEC, 2024). Até 2019 a Rede Federal contava com 38 Institutos Federais, dois Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 22 Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e Colégio Pedro II. Segundo o Ministério da Educação (MEC, 2024), “Considerando os respectivos campi associados a estas instituições federais, tem-se ao todo 661 unidades distribuídas entre as 27 unidades federadas do país”.

Com o objetivo de abrir oportunidades de estudos para milhares de jovens e adultos, o governo Lula no seu primeiro ano (2003) estabeleceu políticas educacionais que conforme Pacheco (2011) se opõem às ideias neoliberais adotadas pelo governo anterior. Objetivando aumentar o acesso à educação e permanência, inúmeras medidas foram tomadas em todos os níveis de ensino e entre eles inclui-se a Educação Profissional e Tecnológica que até 2002 possuía apenas 140 unidades de ensino. Portanto, em 2005, o governo federal, por intermédio da Lei nº 11.195/2005, revogou a proibição da criação de novas escolas técnicas federais “previstas no § 5º do Art. 3º da Lei nº 8.948/94” (MEC, 2024). No final de 2005, deu-se início a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, que tinha como meta a instalação de 214 novas unidades de ensino visando atingir pelo menos 500 mil novos estudantes. Segundo Pacheco (2011) a perspectiva era de que as escolas colaborassem com os outros sistemas de ensino, para assim fortalecer a oferta de Educação Profissional e Tecnológica. No mesmo período (2008), a Rede Federal de Educação Técnica e Tecnológica foi reorganizada e também através da Lei nº 11.892, foram criados:

[...] os Institutos Técnicos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), que absorveram os CEFETs, as escolas técnicas federais vinculadas às universidades federais e as escolas agrotécnicas federais [...]”. (Castro, Plácido e Medeiros, 2019).

Para uma melhor compreensão apresento um mapa da distribuição das Instituições que compõe a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Figura 4 - Instituições que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica



Fonte: Revista Labor (2020).

Em um contexto que objetivava por desenvolvimento, distribuição de renda e acesso igualitário à educação em todos os níveis os Institutos Federais foram criados para “[...] atuarem na educação superior, básica e profissional, com natureza pluricurricular e multicampi, especialmente na oferta de Educação Profissional e Tecnológica nas diferentes modalidades de ensino [...]” (Oliveira *et al.*, 2020), ofertando cursos que vão desde a Educação Básica até o Mestrado Profissional, sendo especializados na oferta de Educação Profissional e Tecnológica (EPT). A escolha do território de implantação dos Institutos Federais confirmam a sua missão: intervir na região, identificar problemas e criar soluções para seu desenvolvimento. Conforme consta no Art.º 6º da Lei nº 11.892, os Institutos Federais têm por finalidade e características:

I - ofertar Educação Profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; II - desenvolver a Educação Profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais; III - promover a integração

e a verticalização da educação básica à Educação Profissional e educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão [...] (Brasil, 2008).

Assim, o Instituto Federal é considerado um modelo educacional inovador, e conforme Eliezer Pacheco (2011, p.12), são “[...] a síntese daquilo que de melhor a Rede Federal construiu ao longo de sua história e das políticas de educação profissional e tecnológica do governo federal”. Um dos fundamentos dos Institutos Federais é a verticalização do ensino, no qual, através dela, é possível que os docentes “atuem em diferentes níveis de ensino e que os discentes compartilhem espaços de aprendizagem [...]” (Pacheco, 2011). É visto como uma novidade na educação no país e também no âmbito mundial, não possuindo algo correspondente em nenhum outro país. Está alicerçada no ideário de uma integração que proporcione a formação plena do indivíduo, contrapondo a dualidade educacional que sempre esteve presente na Educação Profissional no Brasil, buscando uma formação flexível, voltada mais para o mundo do trabalho e menos para o mercado de trabalho, ou seja, busca formar cidadãos que possam atuar tanto como técnico, quanto como escritor ou mesmo, os dois e assim possa superar o preconceito de que, conforme Pacheco (2011, p. 11) “um trabalhador não pode ser um intelectual, um artista”. Segundo Ana Lúcia Oliveira *et al* (2020, p. 35):

Essa concepção contempla premissas de integração e articulação entre ciência, tecnologia, cultura e conhecimentos específicos indispensáveis ao desenvolvimento para o trabalho, com base na perspectiva de que essa integração e essa articulação favorecem o pleno exercício da cidadania.

Portanto, observa-se que a função principal dos Institutos Federais é contribuir para a formação de estudantes em diversos níveis e modalidades de ensino, formando indivíduos aptos a intervir na sociedade de maneira crítica e criativa, através da concepção de uma Formação Humana e Integral, que conforme Joisiane Cembranel e Simone Sandri (2016, p. 6) “contempla a totalidade do indivíduo, pois pressupõe o acesso a conhecimentos científicos historicamente produzidos e com isso amplia suas possibilidades em sociedade e no mundo do trabalho”. Ou seja, ao falar de totalidade, os autores referem-se à possibilidade do aluno desenvolver-se em todas as suas dimensões, sendo elas política, social, cultural, cognitiva, ética, psicológica, entre outras. Já Freire (1982) *apud* (Silva,

2022, p.27), atribui à educação integral à sua função humanizadora e o seu caráter político e de emancipação humana, que faculta ao ser o poder de recriar o mundo, pela reflexão e ação consciente e contextualizada. Nesta direção, Eliezer Pacheco (2011, p. 15) afirma que um dos objetivos fundamentais dos Institutos Federais é “derrubar as barreiras entre o ensino técnico e o científico, articulando trabalho, ciência e cultura na perspectiva da emancipação humana”. É perceptível que os Institutos Federais, ao trabalhar conjuntamente ciência e tecnologia e teoria e prática, visam romper com um modelo de educação secular que traz o conhecimento de forma fragmentada, priorizando assim a formação humana integral que é a identidade dos Institutos Federais, pois através dela busca-se superar a dualidade estrutural na educação que separa a educação básica e a Educação Profissional, sendo a educação básica de caráter propedêutico e destinada aos filhos da elite que visam ingressar no ensino superior e tornarem-se futuros dirigentes e a Educação Profissional, de caráter instrumental é destinada aos filhos das classes populares, que buscam por qualificação profissional para inserção no mundo do trabalho. A dualidade educacional sempre esteve presente na história da educação brasileira e conforme Moura (2007):

A educação brasileira sempre foi marcada pela dualidade, estando situada dentro de uma dinâmica de confronto entre projetos sociais distintos em meio ao qual a formação profissional sempre esteve atrelada às demandas do capital [...] e a educação básica, sempre esteve associada aos interesses dos detentores dos meios de produção.

Corroborando com o autor supracitado Ramos (2014), relaciona que a histórica dualidade na educação está vinculada a também histórica luta de classes presente no contexto da hegemonia do capitalismo, considerando a dualidade na educação como resultado da luta de classes. Conforme Saviani (2007, p. 155), na antiguidade já havia duas formas distintas de educação:

[...] uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e a outra para a classe não-proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho.

Conforme podemos observar, a dualidade na educação se firma ao longo do tempo, colaborando para o aumento da divisão de classes e fortalecendo cada vez

mais o sistema capitalista. Dentro do contexto social de modo de produção capitalista a dualidade na educação traz como consequência a divisão social do trabalho, que se caracteriza pela oferta de um trabalho intelectual para os filhos da elite e o trabalho manual para os filhos da classe trabalhadora, fato que conforme Júlio César Garcia (2017, p.61): cria “[...] um ser unilateral e incompleto reduzido apenas as suas necessidades básicas de sobrevivência e que o distancia da produção histórica da humanidade”.

Desde sua criação a Rede Federal de Educação passou por quatro fases de expansão através da SETEC/MEC, sendo a primeira em 2005, a segunda em 2007, a terceira em 2011 (MEC, 2024) e sua quarta fase foi anunciada em 2024 pelo presidente Lula. O IFSul Câmpus Charqueadas faz parte da primeira fase do Plano de Expansão.

4.3 Anos 90: Primeira proposta de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas

Para corroborar com a história da construção do IFSul Câmpus Charqueadas, foi necessário utilizar dados oriundos de uma revisão bibliográfica e também de entrevistas com personalidades que estiveram à frente da luta pela construção de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas, sendo elas: Magda Scarpatti³⁰ (Servidora Pública Municipal), Maria Francisca Johnson (secretária de educação entre os anos de 1994 a 1997), Paulo Araújo (presidente da Fundação Educacional Comunitária Regional - FUNDACOR), Paula Ynaja Vieira Nunes (vice prefeita em 2006, época da instalação do CEFET/RS em Charqueadas) e Maria do Rosário Nunes (deputada federal e articuladora da vinda de uma Escola Técnica Federal para Charqueadas em 2006, CEFET/RS).

A proposta de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas teve início na década de 90, mais precisamente em 1993 no primeiro ano de governo do então prefeito, José Manoel Gonzales de Souza. Ainda em 1992, após várias reuniões com sua equipe de governo, o futuro prefeito determinou que “o projeto prioritário na área da educação seria a implantação de uma Escola Técnica Federal no município (Magda Scarpatti, 2025, s.p.).” O projeto deveria ser elaborado ainda no primeiro

³⁰ A servidora Magda Scarpatti optou por não gravar entrevista para o documentário, sendo seu depoimento enviado por escrito.

ano de governo, no máximo no segundo ano (1994).

Conforme a secretária de educação da época, Maria Francisca Johnson, José Manoel havia feito a anexação de uma parte de Eldorado do Sul a Charqueadas e trouxe a empresa Albarus (hoje GKN), o que fez com que houvesse a necessidade de preparar os jovens “para o mercado de trabalho”. De acordo com Maria Francisca Johnson: “Ai ideia era capacitar os jovens e trabalhadores de Charqueadas, para que assumissem funções nessas empresas que aqui estavam e estão ainda muitas delas por aqui. Então, a ideia era capacitar na área metal, mecânica [...]”. Era final de 1992 e havia altos índices de desemprego na cidade, assim como em toda a Região Carbonífera e ter uma Escola Técnica Federal na cidade resultaria também em melhoria nos índices de desenvolvimento social e econômico (Scarpatti, 2025).

Em 1993, a Secretaria Municipal de Educação (SMED) elaborou um projeto considerado “padrão MEC” e encaminhou ao MEC, mas ele não foi aceito, pois conforme afirma Scarpatti “o governo federal havia reduzido o programa de expansão de escolas técnicas”. A alternativa seria optar por uma expansão da Escola Técnica de Pelotas. Então foram feitas inúmeras tratativas com o MEC, tendo como intermediário o Prof. Airton Vargas (Delegado Regional do MEC) e o Dr. Nagib Kalil (Secretário de Educação Tecnológica). Foram realizadas visitas a duas Escolas Técnicas, sendo elas: Escola Técnica de Pelotas e Escola Técnica de Tupy/Joinville. Uma comitiva técnica veio de Pelotas, porém ainda em 1993 o projeto também não foi aprovado.

Houve então a oportunidade de ser repassado ao município uma verba federal para a construção de uma Escola Técnica Municipal, a SMED então refez a proposta inicial que era de uma Escola Técnica Federal, mudando para uma Escola Técnica Municipal, porém seu propósito continuava o mesmo: capacitação profissional, melhores possibilidades de entrada ou permanência no mercado de trabalho, transformar a cidade em um centro de referência tecnológica na região centro-sul do Estado, proposta pedagógica com foco no ser humano, entre outros.

Coordenando este trabalho estava a professora Carla Lippmann e a servidora Magda Scarpatti, seguindo orientações do prefeito José Manoel e da Secretária de Educação, Maria Francisca Johnson. Após a elaboração do projeto técnico (que constava projeto arquitetônico e proposta pedagógica) e do preenchimento de formulários, houve seu encaminhamento ao Ministério da Educação e Desporto, visando a liberação da verba necessária para que se iniciasse a construção dos

prédios e para que houvesse a compra de equipamentos necessários para a implantação da Escola Técnica Industrial. A escola contaria com cursos na área de metal/mecânica e eletrônica, atendendo inicialmente 500 alunos de Charqueadas e demais cidades da Região Carbonífera. Conforme explica Scarpatti:

A Escola funcionaria nos 3 (três) turnos - manhã, tarde, noite - e ofereceria, além de cursos regulares do ensino formal, cursos de curta e média duração, em áreas específicas, visando atender as necessidades do emergente mercado de trabalho regional e propiciar condições para capacitação, qualificação e atualização de empregados e autônomos.

A escola realizaria a formação profissional de trabalhadores para empresas locais como Albarus Transmissões Homocinéticas, JGB – Equipamentos de Segurança, Aços Finos Piratini (hoje pertencente ao Grupo Gerdau), ELETROSUL, entre outros.

O projeto foi encaminhado ao MEC no final de 1993 e foi aprovado no segundo semestre de 1994 sofrendo pequenas modificações. Após, foi possível obter o apoio necessário para a execução da obra e a aquisição dos equipamentos ficou para outro momento. Nesse mesmo ano vieram a cidade o arquiteto Cabral (Secretaria de Educação Tecnológica/MEC), vindo de Brasília, acompanhado do Engenheiro Cunha (Escola Técnica Federal de Pelotas), segundo Scarpatti “vários foram os problemas e dificuldades enfrentadas durante a construção da obra, que culminaram com a paralisação da obra, com cerca de 70% da construção”.

Figura 5 – Obras da Escola Técnica Municipal – Anos 90



Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Prietto

Em 1997, as obras da Escola Técnica Municipal continuavam paralisadas,

sofrendo constantes agravos e também servindo de habitação para moradores de rua. Foi então que o prefeito, Jaime Guedes da Silveira cedeu o espaço para a Fundação Educacional Comunitária Regional (FUNDACOR). Em uma ação conjunta com a prefeitura, a FUNDACOR recuperou alguns prédios e se instalou na cidade.

De acordo com o presidente da FUNDACOR, Paulo Araújo, no final da década de 90, havia dificuldade de encontrar, na região, “mão de obra qualificada” portanto, houve a necessidade de capacitar pessoas para atender as demandas das empresas locais. A FUNDACOR esteve na cidade por 12 anos (1997 a 2009) e formou cerca de dois mil profissionais como hidraulistas, costureiras, soldadores, técnicos de eletrônica, entre outros, entretanto, esteve localizada onde hoje se encontra o IFSul, por nove anos.

Em 2005, no primeiro ano do segundo mandato de Jaime Guedes da Silveira, o processo referente ao convênio firmado junto ao MEC (1994) para a criação de uma Escola Técnica Municipal progredia lentamente, portanto o governo municipal reviu junto ao MEC “a possibilidade de ‘devolver’ a União todo o complexo, visando a plena instalação de uma Escola Técnica Federal” (Scarpatti, 2025, s.p.).

Paula Ynaja Nunes, vice-prefeita nessa época, explica que o governo federal abriu editais para a instalação da extensão do CEFET/Pelotas e que naquele momento, Charqueadas contava com um forte perfil industrial e havia a necessidade de formar mão de obra qualificada. Paula relata que:

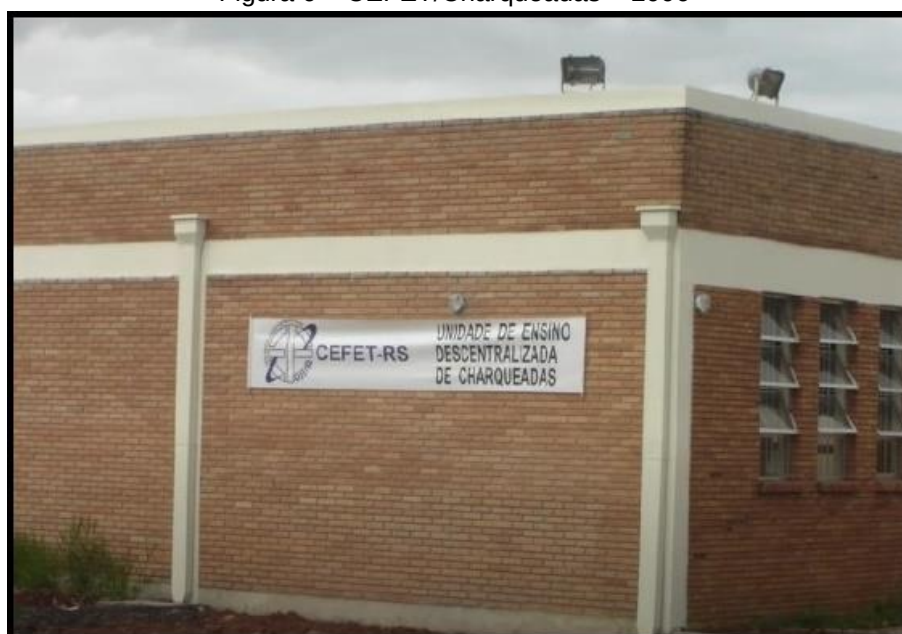
Fomos a Brasília, fomos através também do mandato da deputada Maria do Rosário e estivemos no MEC levando a nossa proposta. Com o perfil da cidade, com o perfil regional, com as possibilidades que moramos aqui muito próximo à capital, do estado do Rio Grande do Sul, tudo isso e com a apresentação da proposta da instalação do CEFET de Charqueadas, nós tivemos sim a aprovação do Governo Federal, do Governo Lula naquele momento teve a sensibilidade de trazer para a Região Carbonífera uma Escola Federal.

Maria do Rosário Nunes, deputada federal, relembra em sua fala esse momento:

Eu me lembro aí que a então vereadora, vice-prefeita, Paula, a Paula, professora como eu, bateu a minha porta naquele momento, e eu deputada federal, começando o mandato, para lutar pela por aquela escola, porque não queria mais ver aquela escola abandonada, ali numa região nobre para Charqueadas e para toda a região carbonífera, para todo uma parte importante do nosso Rio Grande e aí a gente foi à luta.

Tal fato coincidiu com a construção política teórica que estava sendo formado pelo Ministério da Educação: uma outra compreensão do que deveria ser uma rede federal de educação profissional e tecnológica, o que a deputada explica em sua fala: “[...] uma rede integrada, atenta ao desenvolvimento tecnológico do país, puxando a juventude para ciência e uma escola com uma construção de caminhos de educação, integrando o ensino médio ao ensino profissional e tecnológico [...]”.

Figura 6 – CEFET/Charqueadas – 2006



Fonte: Arquivo pessoal de Marcos Prietto

Após apresentar um panorama da educação profissional no Brasil e o papel dos Institutos Federais, bem como a trajetória da luta pela implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas, apresento no próximo capítulo dedica-se à análise dos dados desta pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Começo a seção analítica de resultados e discussões, com a seção 5.1: Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos do IFSul, em que apresento a análise realizada no relatório anual de acompanhamento de egressos realizado pelo IFSul em 2018 e divulgado em 2019. Na seção 5.2: “Análise do Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos do IFSul Câmpus Charqueadas”, faço a análise referente aos egressos do IFSul Câmpus Charqueadas, entre os anos de 2014 a 2018, presente no documento: Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos do IFSul, publicado em março de 2019. Após, na seção 5.3 “Mapeando perfis: quem são os egressos do IFSul Câmpus Charqueadas?”, apresento o resultado do questionário que realizei com egressos do Ensino Médio Integrado do IFSul Câmpus Charqueadas entre os anos de 2016 a 2022. Como resultado da análise desse questionário, foram selecionados sete egressos para participarem de uma entrevista semiestruturada, na qual apresento seu resultado na seção 5.4 “Entrevistas - (RE) abrindo o diálogo: egressos em cena”.

5.1 ANÁLISE DOCUMENTAL: RELATÓRIO ANUAL DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), através do seu compromisso de desenvolver ações de integração com a comunidade local, por intermédio da Coordenadoria de Integração com a Sociedade (COIS), parte integrante da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEX), visando articular ensino, pesquisa e extensão em conformidade com o Plano Político Pedagógico e o Estatuto de IFSul, instituiu no dia oito de junho de 2018, por meio da Resolução n.º 059/2018, a Política de Acompanhamento de Egressos do IFSul, que foi aprovada pelo presidente do Conselho Superior (CONSUP), Flávio Nunes (IFSUL, 2019).

Conforme visto anteriormente a palavra egresso possui diferentes significados, porém, para fins desta pesquisa será utilizado a interpretação presente na Política de Acompanhamento de Egressos do IFSul, por se tratar da Instituição na qual foi realizada a análise. O documento apresenta em seu Art. 2º o que considera por

egresso, sendo ele: “Todo o estudante que tenha concluído os requisitos obrigatórios em dado curso da instituição, estando habilitado a receber o certificado do curso.” (MEC/SETEC/IFSUL, 2018, p. 2). Os princípios norteadores da Política de Acompanhamento de Egressos do IFSul são: “a valorização profissional, a educação continuada, o vínculo contínuo, o compromisso com a sociedade, a avaliação e a autoavaliação institucional e o trabalho como princípio educativo.” (MEC/SETEC/IFSUL, 2018, p. 3).

A Resolução traz como objetivo geral o desenvolvimento de uma Política de Acompanhamento de Egressos que objetiva construir oportunidades de formação continuada, bem como a inserção profissional e cidadã no mundo do trabalho, assim como a criação de uma avaliação diagnóstica que subsidie o planejamento institucional. A Resolução apresenta, através de cinco objetivos específicos, procedimentos que visam contribuir com seu objetivo principal, sendo eles: o acompanhamento profissional dos egressos após os cinco primeiros anos de conclusão do curso, estimular a continuidade dos estudos, divulgação aos estudantes formados sobre oportunidades de trabalho, com o intuito de colaborar para sua inserção no mundo do trabalho, entre outros (MEC/SETEC/IFSUL, 2018). Em seu Art. 6º o documento apresenta estratégias para cumprir com seu objetivo como a criação de questionários on-line mediante formulário eletrônico, envio anual de e-mail aos egressos solicitando que respondam ao formulário eletrônico, coletas anual de dados referentes ao formulário, atualização permanente do banco de dados dos egressos, entre outros (MEC/SETEC/IFSUL, 2018).

A coleta anual³¹ de dados do formulário dará origem a um relatório sobre a situação em que se encontram os egressos. Conforme Art. 6º - III o relatório é gerado e enviado para: “[...] uma Comissão criada e mantida pela Reitoria e coordenada pela COIS (Coordenadoria de Interação com a Sociedade / Pró-reitoria de Extensão e Cultura) [...]” (MEC/SETEC/IFSUL, 2018, p. 5). Esta Comissão compilará os resultados e irá criar o Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos, que está de acordo com outros dois documentos norteadores do Instituto: o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFSul 2014/2019 (aprovado pelo CONSUP através da Resolução nº 68/2014) e a Política de Extensão e Cultura do

³¹ No site institucional há relatórios de acompanhamentos de egressos dos anos de 2019 a 2024, porém foram disponibilizados para consultas recentemente, não havendo, portanto, tempo hábil para sua análise.

IFSul (aprovado pelo CONSUP através da Resolução nº 128/2018).

Em 2005, através do Decreto nº 5.225/2004, foi construído o primeiro Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), na época CEFET/RS, com vigência até 2010. Ao longo dos anos foram desenvolvidos vários PDIs que buscavam dar conta do crescimento da Instituição e das alterações decorrentes a partir do projeto de expansão da educação profissional (PDI, 2020). Quanto ao planejamento institucional referente aos anos de 2014-2019, foi proposto um novo modelo de gestão do planejamento institucional, o qual teve como princípios a elaboração do PDI apresentando objetivos e metas estratégicos, no qual o objetivo dois visa:

[...] fortalecer o IFSul como instituição educacional pública transformadora da realidade social, investindo na construção de processos educacionais que adotem o trabalho como princípio educativo e articulação de ensino, pesquisa e extensão como princípio pedagógico. (MEC/SETEC/IFSUL/PDI, 2014, p. 25).

Para alcançar este objetivo, instituiu 24 metas e entre elas está “acompanhar, no mínimo, 20% dos egressos do IFSul por até 2 anos após a conclusão do curso.” (MEC/SETEC/IFSUL/PDI, 2020, p. 25).

Portanto, o principal objetivo do PDI é promover o planejamento institucional, considerando que através da práxis é possível contribuir para a implementação de estratégias de cooperação do Instituto com a comunidade local, oportunizando que a prática educativa auxilie na melhoria da qualidade de vida da população (MEC/SETEC/IFSUL/PDI, 2020).

Já a Política de Extensão e Cultura do IFSul, pretende:

[...] orientar o desenvolvimento da Extensão no âmbito da Instituição, promovendo a articulação entre o saber fazer e a realidade socioeconômica, cultural e ambiental junto às comunidades de abrangência, articulando Educação, Ciência e Tecnologia na perspectiva do desenvolvimento local e regional, em consonância com a legislação vigente para a Educação Profissional, Científica e Tecnológica. (MEC/SETEC, 2018, p. 4).

Seu Capítulo VIII versa sobre o acompanhamento de egressos que conforme o Art. 26 “[...] se constitui no conjunto de ações que visam acompanhar o itinerário profissional do egresso, na perspectiva de identificar cenários junto ao mundo do trabalho, bem como um diagnóstico que subsidie o planejamento institucional.” (MEC/SETEC, 2018, p. 13). De acordo com seu Art. 27, as ações institucionais que proporcionam o Acompanhamento de Egressos devem estar orientadas para criar

estratégias que estabeleçam a comunicação permanente entre Instituição e egressos, avaliar a formação do egresso objetivando retroalimentação do processo educacional, realizar o levantamento de informações sobre a inserção do egresso no mundo do trabalho, continuidade nos estudos, entre outros. (SETEC/MEC, 2018, p. 14).

Em 2019, foi lançado o primeiro Relatório Anual de Acompanhamento de Egressos. A coleta de dados iniciou-se em primeiro de outubro de 2018 e terminou em 31 de dezembro de 2018 e foi realizada através de um questionário on-line e o envio do link foi realizado através de e-mail aos egressos de 2014 a 2018. Também foi disponibilizado no site do Instituto um banner nomeado “Acompanhamento de Egressos” com link para o preenchimento do questionário e houve também chamamento através das redes sociais (IFSUL, 2019). Este procedimento foi considerado padrão em todos os Campus do IFSul. Apesar da análise do questionário ter contabilizado dados de três meses (outubro a dezembro de 2018), o mesmo continuou aberto para respostas posteriores, que foram analisadas no ciclo de 2019 (IFSUL, 2019).

A seguir apresento o site Institucional e o banner com link para o preenchimento do questionário.

Figura 7 – Banner de Acompanhamento de Egressos



Fonte: Página Institucional do IFSul. (2024).

Figura 8 – Banner de Acompanhamento de Egressos



Fonte: Página Institucional do IFSul. (2024).

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra concludente significa que conclui, terminante (Michaelis, 2024). Conforme dados da CORAC, 7.219 alunos (100%) foram considerados concludentes, estando, portanto, qualificados a responderem o questionário, porém, apenas 2.206 (30,56%) acessaram o questionário, sendo que 1.604 (72,71%) não concluíram as respostas e 602 (27,29%) responderam completamente o questionário. 5.013 egressos (69,44%), não acessaram ao questionário. Não há como saber o porquê de um número tão expressivo de egressos não terem acessado ao questionário, porém, sabe-se que “[...] muitos e-mails foram devolvidos por problemas relacionados as autorizações/permissões da Microsoft que não aceita envio para determinados e-mails e também pela desatualização de dados dos alunos no q-acadêmico³²” (IFSUL, 2019). Este fato está de acordo com o que aponta a pesquisa de Oliveira (2019), ao afirmar que em sua tentativa de contato com egressos do IFCE via e-mail, houve 24 devoluções de endereços que aparentavam estarem desatualizados ou incompletos (Oliveira, 2019). Fato também ocorreu na pesquisa de Deliane Botelho (2020), que ao enviar e-mail para 310 egressos do IFTM, teve a devolução de 31 e-mails.

É importante ressaltar que no Relatório Anual de acompanhamento de Egres -

³² Sistema de gestão acadêmica utilizada pelo IFSul para que alunos e professores acessem e gerenciem informações importantes do ambiente de estudo.

sos foram considerados egressos de todos os níveis de ensino do IFSul (FIC, Técnico/Subsequente, tecnológico, bacharelado, pós-graduação, especialização e mestrado) (IFSUL, 2019), não sendo possível analisar as respostas referentes a cada nível de ensino separadamente.

5.2 ANÁLISE DO RELATÓRIO ANUAL DE ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS DO IFSUL CÂMPUS CHARQUEADAS

A construção da Política de Acompanhamento de Egressos do IFSul foi feita por uma comissão definida para este fim, através de cinco Portarias, sendo que suas atividades foram ampliadas para a implantação da política (IFSUL, 2019).

O questionário on-line foi constituído de 26 perguntas separadas em seis grupos: dados pessoais, avaliação do curso, formação cidadã, continuidade nos estudos, atuação profissional e aspectos da não inserção profissional (IFSUL, 2019). Em um primeiro momento foram analisados dados gerais de todos os Campus do IFSul, após foram analisados cada Campus individualmente. No total 602 egressos responderam o questionário, sendo apenas dez do Câmpus Charqueadas.

A seguir apresento os dados obtidos dos egressos do Câmpus Charqueadas. Dos dez egressos respondentes, cinco responderam possuir ensino superior incompleto, três ensino superior completo e dois ensino médio/técnico, ou seja, os egressos com ensino superior incompleto foram o maior número de respondentes, destes, a maioria (três), possuem como atividade principal estudo e trabalho formal, dois responderam somente estudar, outros dois responderam estudar e realizar estagio, dois estão empregados formalmente e um procura trabalho. Portanto, a análise dessas duas questões permite considerar que a maioria dos egressos respondentes do questionário aplicado em 2019, possuem ensino superior incompleto e estudam e trabalham.

Quanto a avaliação do curso, metade dos egressos avaliaram o curso como sendo ótimo e outra metade avaliaram como bom. Em relação aos conhecimentos práticos obtidos, a maioria (quatro) considerou ótimo e houve empate entre bom e regular. Sobre a avaliação dos professores, oito consideraram ótimo e dois consideraram bom. Em relação as disciplinas ofertadas nos cursos, houve predominância do conceito ruim (oito), apenas dois consideraram boas. Sobre as expectativas iniciais no curso, metade responderam que foram atendidas suas

expectativas, para três egressos o curso superou suas expectativas e dois responderam que o curso atendeu parcialmente suas expectativas. Quando questionados sobre as oportunidades de trabalho na área profissional cursada, sete egressos conseguiram trabalho na área e três não, destes seis estão satisfeitos em relação à área profissional em que concluíram o curso e quatro estão insatisfeitos.

Em relação a formação cidadã, todos concordaram que o curso contribuiu para melhorar sua participação social, política e cultural. Destes, nove responderam que o curso contribuiu para melhorar a sua visão e conhecimento sobre a realidade social do mundo em que vivemos. Metade dos egressos responderam que participaram de projetos de pesquisa e extensão no Campus.

Quanto a continuidade dos estudos, metade cursa graduação, dois pós-graduação, dois não estavam matriculados em nenhum curso e um realiza algum curso técnico. Destes, sete responderam que a área do curso atual possui relação direta com o curso realizado no IFSul e três afirmam não possuir nenhuma relação com o curso anterior. Todos responderam que gostariam de ser avisados sobre cursos de formação/aperfeiçoamento gratuitos, realizados pelo Campus, sejam eles presenciais ou on-line.

Em relação a atuação profissional, seis egressos responderam que o seu trabalho atual está diretamente relacionado com a área profissional cursada no IFSul e quatro não possuem nenhuma relação. Sobre o tempo em que trabalham na área de formação, a maioria (quatro) afirmaram não trabalhar na área de formação, três trabalham na área entre dois e cinco anos, dois egressos trabalham a menos de um ano e um a mais de cinco anos. Quando questionados sobre o nível de exigência do trabalho em relação à formação obtida no IFSul, a maioria (quatro) responderam que a exigência no trabalho é superior em relação à formação recebida, três responderam pois seu trabalho não possui relação com o curso realizado no IFSul, dois afirmaram que a exigência é compatível e um afirmou que a exigência é inferior em relação à formação obtida. Sobre a remuneração mensal, três egressos responderam receber até um salário mínimo³² dois recebem de um a dois salários mínimos, outros dois recebem de dois a três salários mínimos, dois optaram por não informar o salário e um afirma receber de quatro a cinco salários mínimos. Sobre a carga horária semanal de trabalho, três trabalham de 41 a 44 horas semanais,

³² Em 2018 o salário mínimo era de R\$ 954,00.

outros três não responderam, dois trabalham até 20 horas semanais e dois de 31 a 40 horas semanais. Quanto a vínculo profissional, metade dos egressos respondentes trabalham com “carteira assinada”, dois fazem estágio, um é considerado autônomo, um não possui vínculo foral e um realiza trabalho voluntário.

Sobre a não inserção profissional, seis egressos responderam que as oportunidades de emprego são escassas na área, quatro não têm interesse em trabalhar no momento, dois desistiram de seguir a profissão e um considera que a remuneração média da área não é atraente.

Através da análise do questionário pude observar que não é abordado o aspecto regional, por exemplo, onde moram esses egressos? Seguem na cidade ou não? Se saíram, qual foi o motivo? Falta de oportunidades de trabalho na área cursada? Observei também que o questionário não apresenta marcadores sociais de diferença, como gênero, cor, classe, entre outros, informação que possibilitam fazer uma análise mais ampla das demais respostas. Também não houve separação entre cursos, sendo apresentado apenas uma análise geral.

Na próxima seção irei apresentar dados obtidos por meio do questionário de egressos, onde será apresentado informações significativas permitem mapear o perfil dos estudantes dos cursos técnico integrado em informática e mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas.

5.3 MAPEANDO PERFIS: QUEM SÃO OS EGRESSOS DO IFSUL CÂMPUS CHARQUEADAS?

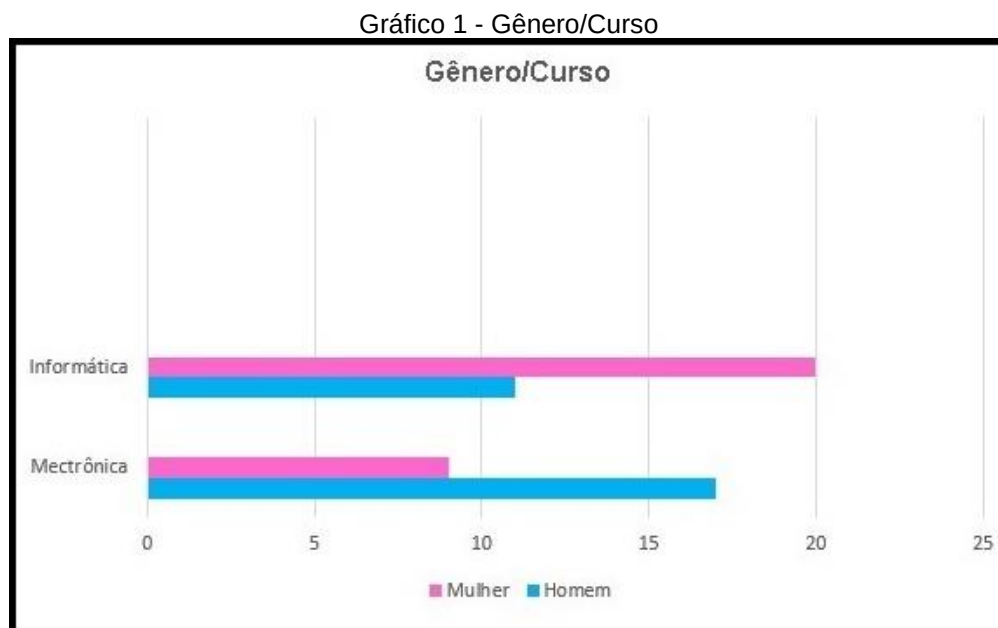
Nesta seção apresento os dados do questionário realizado com egressos dos cursos técnicos em informática e mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022. Por meio dos dados apresentados foi possível realizar o mapeamento do perfil dos egressos.

Em relação ao ano de conclusão dos cursos dos egressos respondentes: 2016 (nenhum), 2017 (dez), 2018 (oito), 2019 (seis), 2020 (três), 2021 (seis) e 2022 (24). Esses dados estão de acordo com os dados publicados na pesquisa de Oliveira (2019), realizada com egressos do IFCE entre os anos de 2013 a 2018, onde a maioria dos egressos respondentes são de 2017 (30,5%). Conforme Francisco Oliveira (2019, p. 56), a explicação para tal fato:

[...] deve-se provavelmente ao menor intervalo de tempo existente entre a conclusão do curso e a realização da pesquisa, não tendo, portanto, decorrido tempo suficiente para que houvesse muitas alterações nos contatos desses ex-alunos.

O questionário apontou que dos 57 egressos respondentes, 54% (31) cursaram técnico integrado em informática e 46% (26) cursaram técnico integrado em mecatrônica. Em relação ao gênero dos 57 egressos respondentes, 51% (29) são do gênero feminino e 49% (28) do gênero masculino. Fato também ocorrido nas pesquisas de Caroline Torres (2020) no IF Sertão Pernambucano e Francisco Oliveira (2019) no IFCE, onde a maioria dos egressos respondentes são do gênero feminino.

Em relação ao gênero/curso, para uma melhor visualização, apresento um gráfico que evidencia essa relação.



Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Podemos observar que no curso Técnico Integrado em Informática, houve predominância do gênero feminino, sendo 64,51% (20) egressas e 35,48% (11) egressos, sendo uma diferença mínima. Já no curso Técnico Integrado em Mecatrônica, houve uma diferença significativa, havendo predominância do gênero masculino, contando com 65,38% (17) egressos e 34,61% (nove) egressas fato que

já foi apontado anteriormente na pesquisa de Victória Einsfeld (2022). Sua análise sobre a relação gênero/curso, aponta que no curso de informática também houve predominância do gênero feminino, sendo 54,55% (24) egressas e 45,45% (20) egressos, o que também evidencia o equilíbrio entre gêneros e no curso de mecatrônica houve 80% (28) egressos e 20% (sete) egressas, fato que evidencia que dois anos após sua pesquisa a diferença de gênero no curso de mecatrônica ainda é significativa, fazendo com o que o curso seja relacionado predominantemente ao universo masculino. Em relação a essa diferença de gênero nos cursos, Carla Cabral (2005, p. 11), afirma que “não quer dizer que uma carreira seja mais masculina ou feminina que outra, mas que os valores que as construíram têm imbricados a história e a cultura de homens e mulheres”, ou seja, não são os cursos/profissões que são “masculinos” ou “femininos”, mas há uma construção social que cria estereótipos de gênero e faz com que determinados cursos ou profissões se relacionem a determinado gênero. Tal fato evidencia a futura divisão sexual do trabalho, o que Mila Cisne (2015), considera a base da opressão e da exploração feminina. Segundo Cisne (2015), Kergoat acredita que a divisão sexual do trabalho possui dois “princípios organizadores”, a “hierarquia”, pois sempre valoriza mais o trabalho masculino em comparação ao trabalho feminino e a “separação” entre o que é considerado o trabalho da mulher e o trabalho do homem”.

A divisão sexual do trabalho torna-se evidente na pesquisa realizada por Pérsida Silva (2023), com servidores do Instituto Federal Sul-rio-grandense Câmpus Camaquã. Nela é apresentada uma análise do quadro de servidores cujo resultado evidencia que referente aos servidores Técnicos Administrativos em Educação (TAEs), as funções relacionadas a cuidados, como por exemplo, assistência social, enfermagem, assistência de alunos e pedagogia são exercidas, em sua maioria, por mulheres, enquanto em funções ligadas as áreas técnicas como informática e eletrônica, são exercidas principalmente por homens. O resultado não é diferente quando se trata da área docente. Na área relacionada a Linguagens e suas Tecnologias (língua portuguesa, língua estrangeira, arte e educação física), há sete docentes, sendo 71, 42% (cinco) mulheres e 28,57% (dois) homens, enquanto na área relacionada a Ciências da Natureza e suas Tecnologias (biologia, física e química) e disciplinas da área técnica, há 32 docentes sendo 81,25% (26) homens e 18,75% (seis) mulheres.

Em relação a cor, dos 57 egressos respondentes, 86% (49) se

autodeclararam brancos, 12,3% (sete), pardos e 1,8% (um) preto. Não foram marcadas as opções amarela e indígena, fato semelhante ocorreu na pesquisa de Victória Einsfeld (2022), também realizada no IFSul Câmpus Charqueadas com egressos dos cursos técnico integrado em informática e mecatrônica entre os anos de 2016 e 2020. Em sua pesquisa, Einsfeld aponta que também não houve respondentes para as opções amarela e indígena, assim como a maioria dos egressos que responderam sua pesquisa eram brancos 93,58% (73), ou seja, é possível compreender que, apesar de ter se passado dois anos, o perfil dos alunos que cursam os cursos técnico integrado do IFSul continuam o mesmo e são em sua maioria, brancos.

Divergindo desses dados, o resultado apresentado pelo Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e reunidos no “Cadernos RS no Censo 2022³⁴”, apontam que no Rio Grande do Sul, alunos entre 15 e 17 anos³⁵ são em sua maioria amarelos³⁶ (98,1%), seguidos de brancos (86,7%), porém os dados apresentados nesta pesquisa estão de acordo com o Censo quando apontam que na terceira colocação estão os alunos pretos (84,1%) e divergem novamente quando na quarta e quinta colocação apontam que estão os alunos pardos (83,8%) e indígenas (72%).

Sobre seus estudos no Ensino Fundamental e forma de ingresso. Ao serem questionados em qual Instituição de ensino cursaram o Ensino Fundamental, 77,2% (44) responderam que cursaram apenas em escola pública, 14% (oito) responderam que cursaram parte em escola pública e parte em escola privada e 8,8% (cinco), somente em escola privada. Sobre sua forma de ingresso no IFSul, 47,4% (27) entraram via acesso universal, ou seja, esta forma de ingresso abrange todos os candidatos, independentemente de cor, renda, deficiência, etc. 25 egressos ingressaram através da cotas destinadas a estudantes de escolas públicas, sendo que 22,7% (13), optaram pelas cotas oferecidas a estudantes de escola pública, com renda per capita até um salário e meio e 21,1% (12), optaram pelas cotas destinadas

³⁴ Cadernos RS no Censo 2022 é uma série de publicações, elaborada pelo Departamento de Economia e Estatística (DEE), da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG), cujo objetivo é a divulgação dos principais dados do Censo Demográfico 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

³⁵ Idade que é associada a estudantes do Ensino Médio.

³⁶ Para o IBGE são considerados amarelos as pessoas “[...] de origem japonesa, chinesa, coreana, etc.” (Fonte: IBGE, 2022).

a estudante de escola pública, independente de renda, ao passo que apenas 5,3% (três) egressos optaram pelas vagas destinadas a candidatos autodeclarados preto, pardo ou indígena. Dois candidatos não lembram da sua forma de ingresso.

Quanto à idade de formação, apresento um quadro para melhor visualização:

Quadro 10: Idade de formação x número de alunos.

Idade de formação	Número de alunos
17 anos	2% (um aluno)
18 anos	32% (18 alunos)
19 anos	35% (20 alunos)
20 anos	25% (14 alunos)
21 anos	5% (três alunos)
Não respondeu	2% (um aluno)

Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Esse fato evidencia que a maioria dos egressos 65% (37 egressos) não se formaram na idade considerada certa”, havendo assim uma distorção idade/série³⁷, pois, tiveram a necessidade de repetir alguma disciplina. Há um aluno que se formou antes da idade certa, aos 17 anos e 32% (18 alunos) se formaram na idade “considerada certa”.

Quando questionados sobre o que estão estudando atualmente (pergunta de múltipla escolha), 64,9% (37) responderam que estão cursando ensino superior, 15,8% (nove) não estão estudando no momento, 8,8% (cinco), pós-graduação e os demais egressos apresentaram respostas variadas como: pré-vestibular, cursos de formação inicial e continuada (FIC), idiomas, cursos de curta duração, entre outros.

Sobre a continuação ou não dos estudos na área de formação do ensino médio integrado: 54,4% (31) estão cursando outra área diferente do que se formaram no ensino médio integrado, pois tiveram interesse em outra área de formação, 17,5% (dez) estão fazendo graduação na mesma área de formação do ensino médio integrado, porque sempre quiseram trabalhar nessa área e acreditam

³⁷A distorção idade/série ocorre quando o aluno finaliza o curso após a idade considerada “certa”, ou seja, é o aluno que “repetiu” de ano ou ficou em dependência em alguma disciplina e atrasou a finalização do curso. Portanto este ingressou no IFSul com 15 anos e se formou após 18 anos.

que há bastante oportunidades de emprego e 17,5% (dez) continuam na mesma área, pois gostaram e quiseram continuar nela.

Quando perguntados se estão trabalhando foram obtidas 67 respostas (questão de múltipla escolha), para as quais apresento um quadro para melhor compreensão:

Quadro 11: Trabalho

Trabalha com carteira assinada	30	44,77%
Autônomo, freelancer, empreendedor, pessoa jurídica e empregador	16	23,86%
Bolsista, estagiário, temporário	10	14,92%
Trabalha sem carteira assinada	2	2,98%
Funcionário público (estatutário e CLT)	2	2,98%
Militar	1	1,49%
Desempregado ou não trabalha ³⁸	7	10,44%

Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Daqueles que responderam que estão trabalhando, 15 egressos seguem na mesma área cursada no Ensino Médio Integrado e 28 mudaram de área. Aqueles que permanecem, seguem na área, pois foi onde encontraram oportunidades ou mesmo porque gostam. Outros porque há uma boa remuneração ou também flexibilidade (alguns trabalham home office). Conforme Rob22, o trabalho se dá na mesma área do Ensino Médio Integrado pois:

[...] gostei da área e resolvi que gostaria de seguir, também devido aos salários e a facilidade do home office. Além disso, entrei na empresa em que trabalho como estagiária ainda durante o curso.

Já Duda18 afirma que “sou apaixonada pelo que faço e por isso dei continuidade minha graduação na área da informática e também trabalho nessa mesma área”. Lok20 completa dizendo que através dos conhecimentos obtidos no curso, fundou uma empresa que possui “boa margem de lucro e capital alto”.

Aqueles que optaram por trabalhar em outra área argumentam que fizeram isso por diversos motivos como, por exemplo, não ter oportunidade na área cursada,

³⁸ Aqui foi considerado quem não trabalha por opção e quem está desempregado, mas em busca de emprego.

já ingressaram no curso sabendo que fariam graduação em outra área, porque precisavam de dinheiro e aceitaram trabalhar na área que surgiu, aprovação em concurso público em outra área e há também quem não se identificasse com o curso como, por exemplo, Tai18 que afirma que após a formação optou por outra área de trabalho e estudo por questões de afinidade. Para Kas22 os motivos foram vários, como afirma:

Não me encontrei na área e a remuneração tanto a curto/longo prazo ao meu ver não era interessante, fora que as empresas da região e Poa não praticam uma boa cultura e sem quaisquer âmbito voltado a meritocracia. (Kas, 2025).

As novas áreas de trabalhos estão na administração, recursos humanos, biomedicina, odontologia, psicologia, terapia ocupacional, plantonista em emergência, professor técnico, treinador, gestão de resíduos, entre outros. Apesar de nem todos os egressos seguirem na mesma área que estudaram no Ensino Médio Integrado, 52,7% (29) reconhecem que todo o conhecimento obtido durante o curso contribuiu para sua inserção e desenvolvimento no mundo do trabalho, já 43,6% (24) afirmam que o conhecimento obtido durante o curso contribuiu de forma parcial e 3,6% (dois) acreditam que não houve nenhuma contribuição.

Dos egressos que afirmaram que o todo o conhecimento obtido no curso foi importante para sua inserção e desenvolvimento no mundo do trabalho está PH21, ele conta que através da Instituição participou de um evento científico que lhe gerou reconhecimento e que através das conexões criadas nesse evento, obteve o seu atual emprego. Alguns egressos acreditam que a oportunidade foi importante pois o ensino técnico abre portas, assim como a teoria obtida na área técnica que ajuda a resolver problemas no dia a dia de trabalho. Para alguns egressos o fato de ter concluído o ensino médio integrado no IFSul foi suficiente para conseguir a inserção no mundo do trabalho, conforme declara Celly17: “a empresa que trabalho hoje me deu oportunidade de emprego não só por estar cursando ensino superior mas também por ter concluído o ensino médio técnico no IFSul.” Já Tai18 vai mais longe ao perceber que o aprendizado obtido no IFSul ultrapassou o âmbito acadêmico e profissional e que através de várias atividades oportunizadas, pode se desenvolver de maneira integral. Ao ser questionada se o conhecimento obtido no curso foi importante para sua inserção e desenvolvimento no mundo do trabalho, ela afirma:

Muito. O desenvolvimento de habilidades na área de pesquisa contribuiu para o pleno desempenho de atividades acadêmicas durante a graduação. Além disso, disciplinas como filosofia, sociologia e geografia contribuíram com sua base teórica para o meu curso (psicologia). As oportunidades de atividades extra curriculares, como participação em gincanas, competições esportivas, feiras científicas e o estágio que desenvolvi no campus (COEX) contribuíram para minha formação integral como ser humano, estudante e trabalhadora. Muitas das experiências que vivi no IFSul foram essenciais e muito ricas no sentido de vivências. (Tai, 2025).

O reconhecimento do aprendizado e das experiências vividas no ensino médio integrado dos Institutos Federais também foi evidenciado na pesquisa realizada por Francisco Oliveira (2019), no IFCE. Ao serem questionados de que maneira o ensino médio integrado contribuiu para sua trajetória de vida, 80,48% dos egressos respondentes afirmaram que a experiência serviu para proporcionar uma sólida formação humana “baseada em valores éticos, estéticos, políticos e sociais”. (Oliveira, 2019, p. 66). Assim como para 70,73% a experiência oportunizou um alto grau de conhecimento prático e teórico. Na entrevista realizada por Torres (2020) com egressos do IFPI, ao serem questionados sobre a contribuição pessoal do IFPI para sua formação 34,6% destacaram que houve melhora em relação à socialização e comunicação e 27% relataram significativa ampliação de conhecimentos, visão de mundo e pensamento crítico.

Os egressos que acreditam que sua passagem pela Instituição contribuiu de forma parcial para sua inserção no mundo do trabalho, atribuem o “parcial” ao fato de não estarem trabalhando na mesma área de formação do ensino médio integrado, mas apesar disso, afirmam que a experiência no Campus Ihes proporcionaram crescimento pessoal, oportunidade de aprender a falar em público, senso de responsabilidade, confiança para enfrentar novos desafios e melhor preparação para o vestibular e cursos de nível superior, conforme afirma Thas19:

"Todo" é um termo totalitário que torna difícil concordar com a frase. Os conhecimentos técnicos não fazem parte do meu cotidiano, mas o modo como me subjetivei para lidar com as pressões acadêmicas de disciplinas que eu não me identificava foi crucial para o desenvolvimento de uma disciplina que me acompanha até hoje no doutorado. (Thas, 2025).

Em sua fala, Thas19 nos mostra que seu aprendizado foi além de conteúdos acadêmicos, evidenciando que aprender a lidar com pressões ultrapassou seu ensino médio e Ihes proporcionou uma melhor preparação para lidar com os desafios

impostos pelo doutorado. Portanto, através de sua fala, de Thai¹⁸ e demais egressos é possível também destacar a formação integral, pois os mesmos evidenciam que o aprendizado obtido no ensino médio integrado não está limitado apenas a conhecimentos acadêmicos.

Dos dois egressos que acreditam que não houve nenhuma contribuição do curso para sua inserção no mundo do trabalho, está Gab²² que afirma que por estar cursando cinema de animação, o curso técnico não o ajudará a encontrar emprego na área desejada. Já Art¹⁸ comenta que o curso foca “muito na área técnica, não formando base para realizar vestibulares”, porém destaca que para quem quer seguir na área técnica isso é muito importante.

Tão importante quanto ingressar, é ter condições de permanecer e concluir o curso. O IFSul Câmpus Charqueadas é composto por alunos de diversas cidades da Região Carbonífera, logo, permanecer no curso (principalmente) para quem mora em outra cidade requer condições de mobilidade e consequentemente, financeira. Quando questionados em qual cidade moravam quando cursaram o Ensino Médio Integrado no IFSul as respostas foram: 49,1% (28) Charqueadas, 14% (oito) São Jerônimo, 12,3% (sete) Butiá, 7% (quatro) Arroio dos Ratos, 7% (quatro) General Câmara, 3,5% (dois) Triunfo, 3,5% (dois) Minas do Leão, 1,8% (um) Eldorado do Sul e 1,8% (um) respondeu que durante três anos morou com a família em Triunfo e no último ano foi morar sozinho em Charqueadas, portanto, 29 egressos moravam em outras cidades da região, o que conforme dito anteriormente, gerava um maior tempo de deslocamento e gastos. Para uma melhor compreensão apresento um quadro que mostra a relação cidade x distância, tempo de deslocamento e gastos.

Quadro 12 – Cidade/Distância/Tempo de deslocamento/Gastos

Cidade	KM	Tempo	Gasto médio
Charqueadas			R\$ 150,00 a R\$ 250,00
São Jerônimo	9,9 km	15 min	R\$ 200,00 a R\$ 400,00
Triunfo	11,4 km	35 min	R\$ 350,00 a R\$ 500,00
General Câmara	21,1 km	24 min	R\$ 300,00 a R\$ 500,00
Arroio dos Ratos	24,6 km	32 min	R\$ 300,00 a R\$ 480,00
Butiá	43,4 km	50 min	R\$ 400,00 a R\$ 600,00
Eldorado do Sul	44 km	39 min	R\$ 400,00
Minas do Leão	52,7 km	59 min	R\$ 500,00 a R\$ 600,00
Barão do Triunfo	81 km	1h38	

Fonte: Elaborado pela autora. (2024/2025).

Sobre os meios de transportes utilizados para se deslocar até o IFSul: a pergunta continha resposta de múltipla escolha, portanto, vários egressos responderam mais de uma opção. 54,4% (51 egressos) responderam que utilizavam a van escolar para se deslocar até a Instituição, 42,1% (24) iam a pé, 28,1% (16) iam de bicicleta ou carro até o Campus, 26,3% (15) utilizavam o ônibus como meio de transporte, 3,5% (dois) bote e para as opções skate/patinete, táxi, uber e barca, houve apenas uma respostas para cada (1,8%).

Quando questionados sobre custos e também dificuldades com transportes, Vics22, morador de Arroio dos Ratos, afirma que gastava em torno de R\$ 480,00 por mês com ônibus e que muitas vezes aconteciam imprevistos, conforme relata: “Ah, às vezes atrasava, ônibus quebrava, sabe como é ...”. A mesma situação era vivenciada por PH21, que morava em Butiá e tinha um custo mensal de R\$ 400,00 com transporte (ônibus), para ele à distância e o tempo gasto na estrada eram tidos como ‘perdido’, segundo ele “dificultava bastante coisa”. Outros fatores apontados por egressos moradores de outras cidades foram custos, trajeto longo e cansativo, limitação de acesso à van e condições precárias das estradas, porém situação semelhante também era vivida por Tai18, que mesmo morando em Charqueadas apresentava problemas de deslocamento por morar em zona rural. Conforme conta:

[...] Eu ia para o IFSul de ônibus e recebia passagens gratuitas da prefeitura. Porém, o último horário de ônibus para a minha residência não atendia o horário de saída da escola (18:15). Portanto, eu e algumas amigas que moravam perto e também estudavam lá, dividíamos o valor de um táxi fixo para retornar para casa, pois na época era a única alternativa de transporte disponível nesse horário. O custo mensal era em torno de 200 reais, que era pago com a ajuda do auxílio estudantil para o transporte. (Tai, 2025).

O auxílio estudantil mencionada por Tai18 faz parte da Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), foi implantada em 2010 através do Decreto nº 7.234 e tem como objetivo conforme seu Art. 1º promover “acesso, permanência e o êxito dos estudantes, na perspectiva de equidade, produção de conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida”. É administrada pelo Departamento de Gestão de Assistência Estudantil (DEGAE) e por equipes de Assistência Estudantil de cada Campus, equipe essa formada pelo Chefe de Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão, Assistente Social, psicóloga e assistente de alunos. Os recursos para o financiamento da Assistência Estudantil advém do Programa Nacional de Assistência Estudantil

(PNAES) e está alinhado com o plano orçamental do IFSul.

Conforme o documento de Normatização dos Benefícios de Assistência Estudantil do IFSul, organizada pelo DEGAE, para que o aluno siga recebendo todo mês o pagamento referente a assistência estudantil é exigido que tenha frequência mensal mínima de 75% e aprovação em, no mínimo, 50% das disciplinas cursadas, sob pena de suspensão do benefício. Conforme o Art 30. os benefícios ofertados são:

- I – auxílio alimentação;
- II – auxílio moradia;
- III – auxílio transporte;
- IV – auxílio à participação estudantil em eventos;
- V – acompanhamento biopsicossocial-pedagógico;
- VI – auxílio material escolar;
- VII – auxílio emergencial. (Regulamento da Política de Assistência Estudantil, 2015).

Porém, os Campus deverão priorizar auxílio alimentação, moradia e transporte. Dos 57 egressos respondentes, 43,9% (25) receberam assistência estudantil e destes, dez são de Charqueadas e 15 são de outras cidades da região carbonífera. 54,4% (31) não receberam assistência e 1,8% (um) não respondeu se recebeu ou não assistência estudantil. Sobre o tipo de assistência recebida: 69% (20) responderam ter recebido assistência alimentação e transporte e 10,3% (três) receberam auxílio emergencial durante a pandemia. Ao serem questionados se o valor recebido pela assistência supriu ou não suas necessidades, 34,1% (15) responderam que o recurso supriu de maneira parcial e 22,7% (dez) responderam que a assistência supriu totalmente suas necessidades.

Ao ser questionado sobre as dificuldades enfrentadas em relação ao transporte até o IFSul And22, que morava em Eldorado do Sul e utilizava a van como forma de deslocamento, afirma que teve dificuldades com o custo das passagens (R\$ 400,00), mas que, em parte, essa dificuldade foi sanada pelo recebimento da assistência estudantil. Já Lua17, morava em Charqueadas e também contava com o auxílio transporte para pagar, de forma parcial, seu deslocamento (ônibus) até o Instituto, fatos que mostram a importância da política de assistência estudantil para a permanência do estudante no curso.

Sobre a experiência do egresso no IFSul: quando foi perguntado ao egresso o porquê de escolher estudar no IFSul, foram obtidas as seguintes respostas: para

75,4% (43 egressos) o motivo de terem escolhido o IF foi a qualidade do ensino ofertada e por ser uma Instituição pública, gratuita e de qualidade, 59,6% (34) escolheram pela oportunidade de cursar o ensino médio junto com um curso técnico, 45,6% (26) optaram pelo IF, pois acreditam que a qualidade de ensino ofertada os ajudaria a ingressar no ensino superior e porque receberam incentivo dos pais ou responsáveis. Apenas 33,3% (19) fizeram a escolha com interesse no curso técnico e 49,1% (28) apresentaram respostas variadas como indicação de amigos que já estudavam lá, porque seus colegas ou amigos iam para lá e por estímulo da escola que cursaram o ensino fundamental. Por se tratar de uma pergunta de múltipla escolha o percentual de respostas ultrapassou 100%.

Quando foi realizada a seguinte pergunta: Como você avalia o curso em relação às suas expectativas, as respostas foram: 38,59% (22 egressos) responderam “boa”, “muito boa”, “maravilhosa” e “ótima”, 12,28% (sete) excelente, 7,01% (quatro) foi acima do esperado e para 7,01% (quatro) cumpriu com suas expectativas. 3,50% (dois) não esperavam muito do curso e acabaram gostando, para 3,50% (dois) não criaram expectativas nenhuma em relação e curso e 1,75% (um) considera que o curso não superou suas expectativas. 17,54% (dez) não responderam esta pergunta e 8,77% (cinco) apresentaram respostas variadas. Para Duda18 o curso “Foi maravilhoso, uma base incrível para poder dar continuidade ao aprendizado na graduação”. Já Rob22 afirma que achou o curso muito bom e que sua expectativa sobre ter uma formação técnica para após poder entrar no mercado de trabalho foi suprida. Para Carol18 o curso foi ótimo por vários motivos como afirma:

Eu gostei do curso, por muito tempo despertou meu interesse genuíno pela parte de programação, coisa que jamais imaginaria que iria gostar. A parte do ensino médio também foi ótima, o incentivo a pesquisa, as formas de avaliações mais rigorosa ajudou muito. (Carol, 2025).

Diferentemente das egressas acima, alguns egressos ingressaram no curso sem muitas expectativas, mas se surpreenderam, como foi o caso de Jon22 que respondeu que não esperava muito do curso, mas acabou por classificá-lo como “incrível”. Já laf22 afirma que:

Não tinha muitas expectativas em relação à informática, porque quando ingressei já sabia que não atuaria nessa área futuramente. A área de

humanas superou minhas expectativas, pois os professores na época eram muito dedicados e foram fundamentais para minha escolha de curso na graduação. (laf, 2025).

Posteriormente os egressos foram convidados a fazer uma avaliação da Instituição, os campos de avaliação foram: formação humana e integral, conhecimentos obtidos no curso, disciplinas, relacionamento com professores, relacionamento com técnicos administrativos, sala de aula, laboratório e biblioteca e espaços de convivência e as opções de avaliação foram ótimos, bom, regular, ruim, péssimo e não desejo responder. Apenas um egresso não respondeu a nenhuma pergunta. Abaixo apresento um quadro para uma melhor visualização das respostas.

Quadro 13: Avaliação da Instituição.

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Formação Humana e Integral	38	13	3	2	
Conhecimentos obtidos no curso	35	15	6		
Disciplinas	25	25	5	1	
Relacionamento com professores	34	17	5		
Relacionamento com técnicos administrativos	29	17	9	1	
Sala de aula, laboratório e biblioteca	30	20	5	1	
Espaços de convivência	21	19	11	3	2

Fonte: (Elaborado pela autora. 2025).

Como é possível perceber, dos 56 egressos respondentes, 67,85% (38 egressos)

classificaram como “ótima” a formação humana e integral obtida na Instituição, 23,21% (13) boa, 5,35% (três) regular e 3,57% (dois) ruim. Dos dois que classificaram como “ruim” está Neto18, que destaca a necessidade de “mais atenção aos alunos e um suporte à saúde mental”.

Sobre os conhecimentos obtidos no curso: 62,5% (35 egressos) consideraram “ótimo” os conhecimentos obtidos no curso, já 26,78% (15) consideram bom e 10,71% (seis) regular.

A avaliação feita referente as disciplinas teve como resultado: 44,64% (25) ótimo, 44,64% (25) bom, 8,92% (cinco) regular e 1,78% (um) ruim. Dos egressos que consideraram como “bom” as disciplinas está Tai18 que afirma que:

Na época, a grade curricular não atendia muito bem ou com tanta ênfase matérias e conteúdo de vestibular e ENEM. Foi necessário buscar estudos externos para ter um bom desempenho. Isso poderia ser melhorado, especialmente nos anos finais do curso. (Tai, 2025).

Já Mandy21 classifica como “regular”, pois considera importante que haja a inclusão de conteúdos como engenharia de software, pois acredita ser essencial e “muito cobrado no mercado de trabalho”.

Quanto ao relacionamento com professores, 60,71% (34) consideraram ótimo, 30,35% (17) bom e 8,92% (cinco) regular. Ao avaliar o relacionamento com os técnicos administrativos os resultados foram: 51,78% (29) ótimo, 30,35% (17) bom, 16,07% (nove) regular e 1,78% (um) ruim. Entre os egressos que consideram regular está Gab22 que relata que há um certo distanciamento dos técnicos administrativos em relação aos alunos.

Em relação à avaliação, os aspectos como sala de aula, laboratório e biblioteca: 55,57% (30) classificaram como ótimo, 35,71% (20) bom, 8,92% (cinco) regular e 1,78% (um) ruim. Após essa avaliação foi aberto um espaço para sugestões de melhorias. Entre os que classificaram como “bom” está Fred22 que traz como sugestão de melhoria “investimentos nos laboratórios de química e biologia”, sugestão também apontada por And22. Já Mandy22 acha necessário haver uma melhor estrutura e mais divulgação do dos cursos para “atrair mais alunos”.

Quanto a avaliação dos espaços de convivência: 37,5 (21) consideram ótimo, 33,92% (19), bom, 19,64% (11) regular, 5,35% (três) ruim e 3,57% (dois) péssimo.

PH21 classificou os espaços de convivência como “ruim” e afirma: “O espaço de convivência foi se perdendo no curso e como ainda estudo na graduação lá vejo que cada vez está pior e também se perdeu coisas culturais como a Gincana”. Corroborando com PH21, LILI22 argumenta que o espaço não era atrativo e considera que isso era um reflexo de abandono.

Quando questionados se participaram de alguma atividade de Ensino, Pesquisa e/ou Extensão, dos 56 egressos respondentes 82,1% (46) responderam que sim, 16,1% (nove) não e 1,8% (um) não quis responder. Ainda sobre quais atividades:

Quadro 14: Participação em atividades de Ensino, Pesquisa e/ou Extensão

Evento	Egressos Participantes
Mocitec	78,7% (37)
Gincana	57,4% (27)
Mostra Científica (eventos externos)	48,9% (23)
ROBOCHARQ	44,7% (21)
Desenvolvimento de Projetos	42,6% (20)
Bolsista de Pesquisa	38,3% (18)
JIF/JERGS/Olimpesc	27,7% (13)
CHARCODE	25,5% (12)
Monitoria	14,9% (sete)
Grêmio Estudantil	14,9% (sete)

Fonte: (Elaborado pela autora. 2025).

4,2% (dois) responderam que participaram de olimpíadas científicas e estágio na biblioteca, 2,1% (um) não lembra se participou de alguma atividade. Ainda sobre as atividades de Ensino, Pesquisa e/ou Extensão, foi solicitado que o egresso contasse o que essas experiências proporcionaram na sua formação. LILI22 participou de diversas atividades e afirma que a experiência lhe proporcionou autonomia, pensamento crítico e que colaborou de maneira ampla e significativa para sua formação acadêmica. Corroborando com LILI22, ISF22 que participou de desenvolvimento de projetos destaca que a oportunidade “[...] ajudou a desenvolver habilidades extremamente úteis para a graduação, e que, percebo, me proporcionam um diferencial em relação às colegas que não estudaram no IF”. A

experiência adquirida na elaboração de projetos se mostra significativa para vários egressos como Juja19 que reconhece que:

No IF iniciei minha trajetória no campo científico, realizando projetos de pesquisa com o professor Charles (história). No último ano, realizei um projeto específico para informática, o qual utilizei como estágio obrigatório. Sigo essa trajetória até hoje, agora na graduação em Odontologia, e sei do papel fundamental que a escola teve! (Juja, 2025).

Opinião também compartilhada com TAI18, que destaca que as experiências com a pesquisa contribuíram de maneira essencial na sua trajetória profissional e na graduação e que proporcionou desenvolver várias habilidades como “desenvolvimento de projetos, formatação, apresentação oral, raciocínio científico, entre outros”.

JUHO19, egresso que participou de eventos variados como Mocitec, ROBOCHARQ, gincana, bolsista de pesquisa, desenvolvimento de projetos e JIF/JERGS/Olimpesc, afirma que todas as atividades agregaram na sua formação, mas destaca que trabalhar com desenvolvimento de projetos e ser bolsista de iniciação científica “faz com que a gente aplique melhor os conhecimentos do curso e até mesmo aprenda coisas que não são passadas em aula, ajudando muito no nosso desenvolvimento técnico, profissional e pessoal”. Para JUSIL21 participar da Mocitec e da CHARCODE oportunizaram:

[...] momentos inesquecíveis dentro do IFSUL, principalmente pelo convívio com meus colegas que tornaram a “competição” da charcode, ou o calor da mocitec ao participarmos da organização do evento, um momento leve e descontraído e, em especial, ter passado esses momentos com meu amigo Leonardo (que faleceu no ano passado) fez com que eu valorizasse ainda mais os momentos de convívio com os colegas que o IF proporciona, que até mesmo em atividades pedagógicas fazem com que a gente aprenda para além do conteúdo ensinado/apresentado nas mostras e atividades. (Jusil, 2025). (Grifo da autora).

Outras respostas surgiram como: amadurecimento, melhora na comunicação, mudança de perspectiva de vida, trabalho em equipe, novas amizades, aperfeiçoamento na área, maior contato com os professores, conhecimento sobre robótica, conhecimento sobre pesquisa, aumento na confiança em si, oportunidades de conhecer outras cidades e países, entre outros. Corroborando com os que foi dito acima, Thas19 afirma que:

Conheci muitas cidades, incluindo Copenhague, na Dinamarca, através das mostras científicas. O suporte que o IF proporcionou para a minha iniciação científica foi fundamental. Não tive notícias até hoje de alguma proposta de ensino médio com tanta oportunidade de pesquisa e extensão. (Thas, 2025). (Grifo da autora).

Quando questionados se haviam vivido ou presenciado alguma situação desagradável/constrangedora, foram obtidas 52 respostas (é importante destacar que a pergunta tinha alternativa de múltipla escolha, ou seja, os egressos podiam marcar mais de uma resposta, o que resulta em um total de mais de 100%) e surgiram respostas como bullying, cyberbullying, xenofobia, capacitismo, entre outros. Abaixo apresento um quadro para uma melhor compreensão.

Quadro 15: Vivências no IFSul

Bullying	34,6% (18)
Machismo	28,8% (15)
Preconceito social (classismo)	23,1% (12)
Assédio	21,1% (11)
Gordofobia	17,3% (nove)
Cyberbullying	17,3% (nove)
LGBTQIAPN+fobia	15,4% (oito)
Intolerância Religiosa	13,5% (sete)
Capacitismo	9,6% (cinco)
Misoginia	9,6% (cinco)
Etarismo	3,8% (dois)
Racismo	1,9% (um)
Xenofobia	1,9% (um)
Não me recordo	1,9% (um)
Humilhação por parte de professor	1,9% (um)
Não presenciei/vivenciei nada	36,5% (19)
Não desejo responder	3,8% (dois)

Fonte: Elaborado pela autora. (Brasil, 2025).

Após, foi feita a seguinte pergunta: Você enfrentou alguma dificuldade durante o seu tempo de estudos no IFSul? Caso a resposta seja, sim, conte-nos qual foi e como você fez para superá-la. O IFSul ofereceu o suporte necessário para você?

Foram obtidas 28 respostas, onde 17 egressos relataram que tiveram

dificuldades como: locomoção, bullying, conteúdos disciplinares, cyberbullying, preconceito, depressão, entre outros.

VICS22, afirma que teve “uma certa depressão” e considera que foi causada pela mudança de ambiente, porém, destaca que é algo que “praticamente todo mundo passa” e acredita que foi importante para seu desenvolvimento como ser humano. Marif21, também comenta que teve alguns períodos de depressão, mas destaca que frequentou o serviço de psicologia do Campus durante todo o curso e que o acolhimento que recebeu foi muito importante. Ainda sobre o serviço de psicologia, JUSIL21, declara que:

Através do IFSul, tive contato pela primeira vez com uma profissional da psicologia, que me ajudou, na época, a enfrentar as dificuldades e desafios daquele período. A psicóloga do IFSul Charqueadas é uma ótima profissional, e com certeza, faz a diferença na vida dos alunos. (Jusil, 2025).

Outra dificuldade bastante mencionada foi em relação ao transporte. PH21, morador de Butiá, conta que devido as poucas opções de transporte, houve dias em que precisou dormir em Charqueadas para realizar trabalhos em grupos que necessitavam ser presenciais e também para a realização de dependência, ambos em turno inverso ao que estudava.

JUHO19, também morador de Butiá, destaca a dificuldade que tinha de participar de eventos devido a questão de mobilidade:

Minha maior dificuldade era em relação a morar em Butiá, e a dificuldade em vir/voltar pro IF em turnos diferentes do que eu estudava (tarde), o que atrapalhava muito a minha participação em atividades além das aulas, sejam estudos com colegas, projetos, esportes, etc. (Juho, 2025).

A egressa TAI18, moradora da zona rural de Charqueadas, também enfrentou problemas de transporte e financeira, mas evidencia que ao receber o auxílio estudantil suas necessidades foram supridas.

ART18, comenta que não lembra de ter tido alguma dificuldade, mas destaca que a equipe pedagógica da escola era muito capacitada para auxiliar os alunos e que todos (coordenadores, professores e psicólogos), sempre mostraram-se prestativos e atenciosos. Fato evidenciado também por VIC22, que afirma: tive algumas dificuldades, porém sempre tinha professores muito bons que faziam toda a diferença.

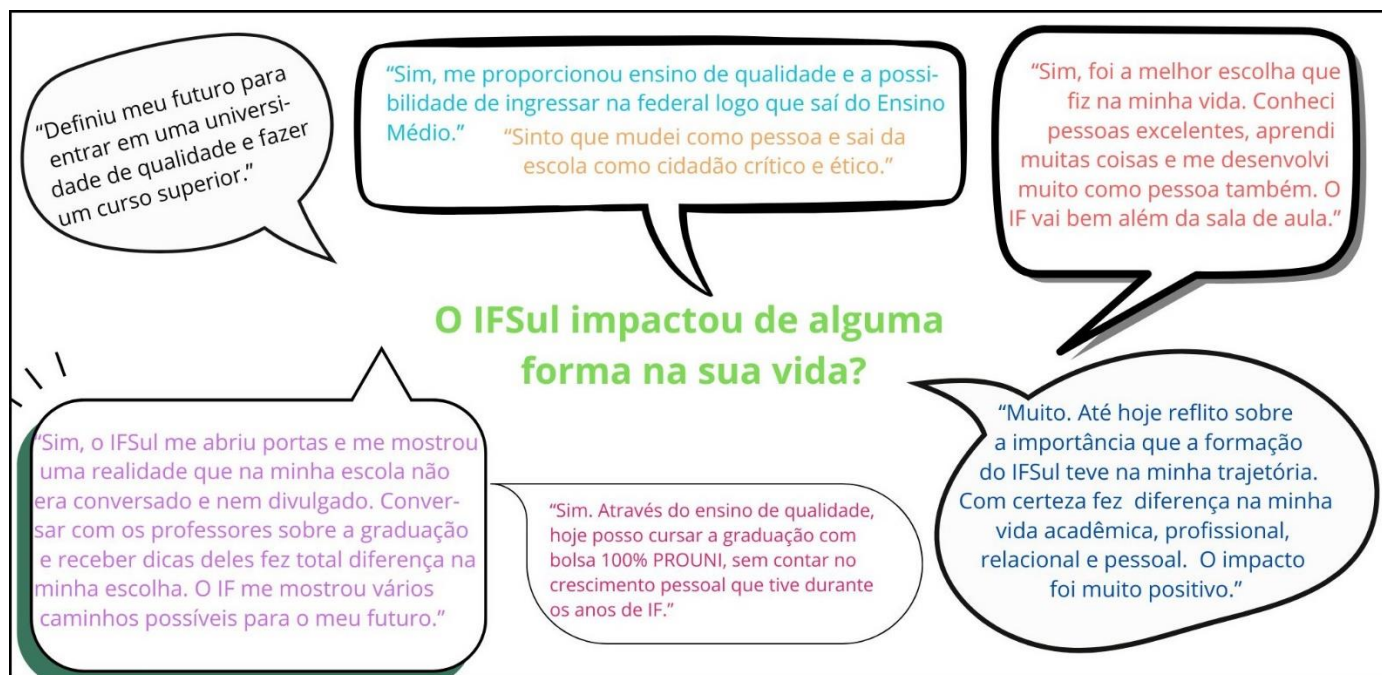
Quando questionados se o IFSul impactou sua vida de alguma forma, foram obtidas 45 respostas, entre elas estão: criação de laços de amizade, formação profissional, preparação para a faculdade, senso de responsabilidade, aprender a trabalhar em equipe, crescimento profissional, socialização, respeito as diferenças, entre outros.

Para explicar o impacto que o IFSul teve em sua vida, Marif21 a classifica em três etapas: [...] acredito que tive uma vida pré IF, uma durante o IF e uma após. Aprendi tanto academicamente quanto socialmente, foi um período importante para meu desenvolvimento.

JUHO19, também percebe a importância do IFSul para seu desenvolvimento tanto pessoal, quanto profissional e explica que o Instituto ajudou a conquistar o seu atual emprego e considera o IFSul a melhor escola da região. Pensamento compartilhado com Kas 22, que afirma que o Instituto se destaca na região pela qualidade de ensino que oferece aos alunos.

Para ilustrar melhor a opinião dos egressos sobre o impacto do IFSul em sua vida pessoal, apresento uma figura com algumas de suas respostas.

Figura 9 - Algumas respostas dos egressos sobre o impacto do IFSul em suas vidas.



Fonte: (Elaborado pela autora. 2025).

5.4 (RE) ABRINDO O DIALOGO: EGRESSOS EM CENA

Nesta seção apresento a articulação da entrevista semiestruturada realizada com sete egressos e realizo o entrelaçamento com alguns autores do referencial teórico que sustentam esta pesquisa, como Eliezer Pacheco (2010), entre outros. Em determinadas questões, haverá articulação com respostas do questionário, as quais serão apresentadas por meio de gráficos.

Para a realização da entrevista semiestruturada, foram selecionados sete egressos dos cursos de Ensino Médio Integrado em Informática e Mecatrônica do IFSul Câmpus Charqueadas, entre os anos de 2016 e 2022. A seleção foi realizada a partir da análise das respostas do questionário aplicado entre os meses de janeiro e março de 2025. Durante a seleção, busquei por perfis que fossem o mais heterogêneo possível. Para isso, utilizei como critério marcadores sociais de diferença, como identidade de gênero, orientação sexual, cor, classe, entre outros. A seleção também buscou paridade entre os cursos de Informática e Mecatrônica. Dos sete egressos selecionados, três são do curso de Mecatrônica, sendo duas mulheres e um homem, e quatro são do curso de Informática, sendo três mulheres e um homem. A realização das entrevistas ocorreram de forma on-line, através da plataforma VDO.ninja, exceto da egressa Tainá, que ocorreu de forma presencial nas dependências do IFSul Câmpus Charqueadas.

A realização da entrevista semiestruturada contemplou o segundo objetivo específico, que foi reconhecer as trajetórias percorridas pelos egressos em relação às oportunidades de estudo e inserção no mundo do trabalho. Marina Marconi e Eva Lakatos (2003, p. 195) afirmam que “a entrevista é um encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversa de natureza profissional”. Portanto, a entrevista é uma conversa realizada de maneira sistemática, que teve como objetivo a aproximação com os egressos para conhecer suas histórias de vida, e assim, reconhecer a importância do IFSul Câmpus Charqueadas em sua trajetória pessoal e profissional.

Para Eduardo Manzini (2004), a entrevista semiestruturada tem como foco um assunto sobre o qual será elaborado um roteiro com as perguntas principais, complementadas por questões que podem, espontaneamente, surgir ao longo da entrevista, ou seja, existe uma flexibilidade que pode ser aproveitada para complementar as perguntas previamente selecionadas.

A entrevista ocorreu após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - (Apêndice A) e do Termo de uso de imagem.

5.4.1 Trajetória da Lívia

“[...] Eu me apaixonei desde o primeiro momento [...]”

A primeira entrevista ocorreu no dia 07 de junho de 2025, em uma fria tarde de sábado, e a entrevistada foi Lívia, egressa do curso de Mecatrônica (2022). Lívia é pontual e se diz feliz por participar da entrevista e poder contar sua experiência no IFSul. Tem 23 anos, é natural de Taquari e hoje mora sozinha em Santa Maria; a mudança ocorreu devido aos estudos. Cursando fisioterapia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), é bastante apegada a família e carrega consigo uma pulseirinha presenteada pela avó, que considera símbolo de proteção e boas recordações. Apesar da saudade, Lívia é enfática ao afirmar que “essas rupturas são importantes, infelizmente, elas são importantes para a gente dar continuidade na nossa vida e também para a graduação, que muitas vezes não tem nas cidades, né”?

Buscando conhecer o percurso formativo do egresso, em um primeiro momento questionei sobre sua experiência durante o ensino fundamental. Lívia relata que estudou “boa parte em escola particular” e considera que o ensino foi “maravilhoso”. Sempre estimulada a estudar, seja pela família ou por seus professores, Lívia relata que lia muitos livros e que estudava muita gramática, o que considera “[...] uma aplicação conteudista bastante densa”. Sempre ativa, desde cedo costumava participar de “feiras de matemática”, na qual ganhou uma competição entre as escolas particulares do Rio Grande do Sul.

Apesar do bom desempenho em sala de aula, não esteve isenta de problemas e afirma que “se dava bem com os colegas”, mas, apesar disso, não se sentia pertencente aquela realidade e considera que sua turma era “bastante competitiva e dolorosa” [...] “era uma turma bem pesada”. Na adolescência, afirma que os conflitos foram “sentimentais e muitas questões”, porém sem explicar o que seriam “muitas questões”. Lívia relata que tinha expectativas de estudar em uma “escola boa” e que não trouxesse tantos gastos, destacando que todo ano havia aumento do valor da mensalidade, o que fazia com que não se sentisse pertencente

aquele ambiente, pois, conforme relata, “de certa forma eu não me reconhecia nele, sabe?”

Ainda no ensino fundamental, mas já pensando no ensino médio, Lívia explica que haviam duas opções de estudos: a escola militar (Tiradentes) em Porto Alegre e o IFSul (Charqueadas), este relata já conhecer a estrutura, pois “o IF é bastante divulgado assim no território nacional, pela qualidade, pela formação técnica, então a gente conhecia mais assim ‘boca a boca’, mas também por outros meios”. Lívia optou por fazer os dois processos seletivos, mas foi aprovada somente no IFSul e escolheu permanecer nele pela qualidade do ensino ofertado. A escolha pelo curso de mecatrônica ocorreu devido ao fato de não se imaginar cursando informática e explica “[...] eu nunca me identifiquei com essa parte assim de programação, de ficar na tela, sabe?”. Seu interesse estava em “produzir algo físico”, o mundo, muitas vezes, abstrato da informática não despertava seu interesse.

Estudar no IFSul foi muito mais do que aprender conteúdos didáticos; foi também a oportunidade de viver novas experiências. Sobre essas experiências, Lívia declara:

[...] Ah, eu fui muito feliz! Ah, mesmo! Eu pude fazer de tudo, tudo, tudo mesmo. Eu fiz pesquisa, eu fiz extensão, eu fiz o ensino, participei de forma muito efetiva também na parte do ensino. Ah, é isso, participei de muitas feiras, ganhei algumas feiras, pude publicar também. (Lívia, 2025).

O interesse pela pesquisa surgiu logo no seu primeiro ano no IFSul “[...] a gente tinha muito interesse em pesquisa, eu, Thiago, a Rafa também, nós tínhamos muita essa sede por pesquisa [...]” e explica que sua “inauguração” nesse mundo foi com o professor Charles Sidarta, com quem aprendeu a elaborar textos acadêmicos e realizar apresentações. Após, destaca a oportunidade que teve de realizar pesquisa por quatro anos junto à professora Daniela Prates sobre ‘jovens e cultura juvenis’ e ao falar sobre essa experiência, afirma:

Tu vai se aprofundando, tu vai se aprofundando no assunto, na escrita, se elaborando e tendo sempre um olhar investigativo, então aquele olhar que eu tinha inicialmente de o que tá acontecendo aqui, qual é a conjuntura, como é que esse espaço se manifesta, ele se perpetuou e eu pude aprimorar ele cada vez mais, escrever sobre, então foi muito interessante. (Lívia, 2025).

A pesquisa também lhe proporcionou participar de feiras Científicas como a

Mocitec e Mostratec³⁹ “[...] a gente participou de muitas coisas, mas sempre dando prioridade para esse papel investigativo de produzir escrita, de produzir investigação, sabe?”. Ao refletir sobre sua experiência como pesquisadora, enfatiza que sua visão de mundo mudou e que se tornou uma pessoa mais crítica e investigativa:

[...] tu olha para aí começa a olhar para as coisas e até hoje eu carrego muito, sabe? Essas coisas de tá nos espaços e tá sempre analisando aquilo que compõe e como se manifesta aquilo, porque às vezes a gente olha como um fato isolado e depois que tu passa pela pesquisa, nada mais é isolado, tudo faz parte de um emaranhado, de uma soma, então é muito rico. É uma experiência de vida que eu jamais vou conseguir apagar assim, porque ela faz parte de quem eu sou. (Lívia, 2025).

Presente durante toda sua trajetória no IFSul, Lívia considera a experiência com pesquisa “importante”, tanto academicamente quanto para sua formação social, e declara “[...] ela deu bastante impacto. Impacto para tudo”. O impacto ao qual se refere está presente na sua vida até hoje e afirma que chegou “mais preparada” na faculdade, seja na escrita, na forma de se posicionar, estudar ou mesmo na maneira de “ver o mundo” e acredita que “[...] de forma efetiva elas fizeram toda diferença na graduação”. Apesar disso, hoje percebe que algumas disciplinas “[...] eram bastante difíceis para a idade que a gente tinha [...]” e reitera a falta de maturidade naquele momento.

Em sua fala, também evidencia que todo o conhecimento obtido durante o ensino médio lhe deu ferramentas para o seu desenvolvimento no mundo do trabalho “[...] a comunicação, como o trabalhar em grupo, o compreender a conjuntura das coisas, como funcionavam, sabe?”.

Rememorando sua trajetória na Instituição, Lívia apresenta fotos com seus colegas e explica “[...] para quem se mudou tanto, para quem conheceu tantas pessoas, eu acho que o que mais marca é as pessoas que fazem parte da nossa trajetória [...]” e comenta que estudar no IFSul também lhe proporcionou reencontrar um amigo do jardim de infância e conhecer novos amigos, e destaca a importância que isso teve para sua vida:

E é isso, eles são meus melhores amigos, para quem eu falo tudo e o e

³⁹ Mostra Internacional de Ciência e Tecnologia realizada pela Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha, em Novo Hamburgo/RS.

mostra o peso que tem o IF na minha trajetória, né? Pensar que os meus dois melhores amigos, eu conheci e me reaproximei, no caso, no IF. Se o IF não tivesse feito parte disso, eu não conheceria essas pessoas que são a base de quem eu sou também. (Lívia, 2025).

Mais que colegas, amigos:

A gente conversa toda semana, então, é uma amizade que perdurou muito, assim, ela é muito forte na minha vida. Eu acho que são os meus dois melhores amigos, então, o quanto isso foi marcante, nós temos hoje 8 anos de amizade, 7, 8 anos de amizade, nós nos conhecemos em 2017, né? (Lívia, 2025).

Lívia considera o IFSul como “um lugar de muita cura”, pois durante sua trajetória no ensino fundamental, explica que apesar de gostar das pessoas, não se sentia pertencente ao local de estudo “[...] aquilo não condizia comigo, não condizia com o que eu acreditava, então eu vinha numa conjuntura de algumas pessoas e algumas instituições e algumas coisas que não conversavam comigo”. Estudar no IFSul serviu também para que percebesse que sua experiência anterior foi apenas “um episódio” e que naquele momento poderia “viver uma nova história”.

Ingressa da turma de 2017, Lívia vivenciou no IFSul a pandemia da COVID-19, época que ela classificou como “complicada”, devido à sua turma ser muito “participativa” e ter uma boa interação com os professores. As aulas passaram a ser ministradas on-line, e segundo Lívia:

Tu participa, mas aí tu liga um microfone, tu desliga um microfone, aí tu esquece o microfone aberto, aí daqui a pouco também muitas câmeras desligadas, aí tinha dias que eu abria, tinha dias que eu não abria, sabe? É, fica uma coisa muito isolada, então não é uma coisa intimista que nem quando tu estava na turma e ali tu poderia construir aquela questão. (Lívia, 2025).

Para Lívia houve “uma ruptura muito grande” e entre suas lembranças está o professor Edgardo, que faleceu de COVID em março de 2021:

[...] Eu lembro que foi a última aula foi com ele ainda, então, foi assim, bem impactante, porque tu tem a última aula antes de entrar numa pandemia com um professor e a gente não conhecia ele ainda, então, a gente estava né conhecendo, achando ele um máximo, incrível e querendo muito aprender com ele, ele fazia solda, né? Ele dava aula de solda e a gente tinha muita curiosidade da solda também. (Lívia, 2025).

Foram poucas as oportunidades de convivência “[...] a gente conheceu ele

poucas vezes, a gente se divertia horrores com ele, ele era uma pessoa muito de bem assim com a vida, muito feliz e aquilo movia muito, sabe?”.

Além de perder pessoas importantes, houve também a ruptura com o percurso natural da finalização do curso e a sensação de não finalização de um ciclo ficou evidente em sua fala:

[...] eu queria ter me preparado para isso, porque quando tu ama muito uma coisa, eu acho que tu vai se preparando emocionalmente para aquela perda, aquela perda, né? Mas assim, foi arrancado para mim, para mim foi tipo assim, eu tenho uma coisa na minha mão e um belo dia aquilo foi me arrancado. Eu não pude abrir os dedos, entregar, colocar em cima de uma mesa e deixar aí ou, sabe, soltar. Não, simplesmente foi me puxar daquilo e eu tinha muita esperança durante aquele ano de pandemia que aquilo ia se resolver rápido. (Lívia, 2025).

Apesar disso, foi durante o contexto da pandemia que foi realizado um projeto de pesquisa que serviria para “validar seu certificado do curso”, já que não houve a realização do estágio obrigatório. Realizado em conjunto com dois colegas, foi criado um “[...] um cooler regulador de temperatura, pensando nessa questão de transporte de vacina, que quando a gente começou a pesquisa, era muito precário”. Naquela época surgiram várias notícias sobre o transporte indevido das vacinas, o que, conforme Lívia, “[...] talvez tenha se tornado incapaz aqueles medicamentos, né? As questões das vacinas e a gente via cada notícia absurda, assim, de transporte de vacina”.

O projeto foi realizado de forma on-line via Google Meet e, conforme Lívia, “A gente se reuniu duas vezes no Campus, né, para conseguir de forma física fazer, mas a maioria das nossas reuniões, das nossas elaborações, ela foi de forma remota”. Ela explica que a pesquisa foi pensada na situação de vulnerabilidade vivida no país naquele momento com a chegada das vacinas e que, se não fosse o contexto pandêmico:

Talvez a gente tivesse feito uma coisa que a gente não via tanto sentido, mas que talvez, fizesse sentido de outra forma, claro, mas que não fosse tão impactante. Mas, mudou toda a linha, né, do que a gente faria. A gente jamais faria um cooler para regulação de temperatura, pensando no contexto de vacina, se a gente não tivesse no contexto de pandemia, né? (Lívia, 2025).

Moradora de Triunfo, cidade localizada a mais ou menos uma hora de Charqueadas e pertencente à Região Carbonífera, Lívia utilizava o bote e uma van

para conseguir chegar ao IFSul, conforme relata:

Então eu ia caminhando até o bote, isso uns cinco minutos até o bote. Depois eu atravessava o bote, o bote é só de pessoas, né? E aí ele é fechado, mas ao mesmo tempo, sendo fechado ou não, a -1 grau ajuda, mas também ajuda muito pouco. Então chega uma parte do inverno que é realmente aterrorizante atravessar o rio, mas eu saía, aí eu chegava no bote mais ou menos umas 6h30, né? Porque o bote ele funciona de meia em meia hora. Então, se tu perde um, tu vai pegar só daqui meia hora e provavelmente tu tenha perdido a van e, perdeu a van, perdeu já a aula, tu vai ter que pegar um outro ônibus, então se torna muito complicado perder o bote. Então, eu pegava e saía mais ou menos umas 6h22, 6h25, chegava no bote, pegava o bote às 6h35, ele tem uns cinco minutos de tolerância e a gente saía. (Lívia, 2025).

Mas os desafios enfrentados não eram somente em relação às formas de deslocamento, havia também gastos significativos com as passagens, conforme comenta:

[...] Eu não vou lembrar exatamente o preço das passagens, mas estava em torno, de com a van e com um bote, R\$ 400,00 entre R\$ 370,00 a R\$ 400,00 a R\$ 410,00, R\$ 420,00. Então, é um custo bastante elevado e eu não tinha vale-transporte. O IF dá uma colaboração, né, mas eu não tinha direito e então saía do nosso bolso mesmo, então era é bastante, é um custo bastante elevado. (Lívia, 2025).

Quando questionada se já havia deixado de participar de alguma atividade por dificuldade de locomoção, ela explica que muitas atividades ocorriam no turno oposto ao que estudava, portanto, era necessário “pensar duas vezes”. Atividades esportivas e de robótica disponíveis não faziam parte da sua realidade, pois afirma que não tinha muito tempo e também “[...] tinha que almoçar lá e era um custo maior ainda que tem almoçar, né? Teria que pagar o almoço, então vai somando os custos, já ia ficar muito elevado [...]”. Apesar das dificuldades, optou por dar prioridade à pesquisa “[...] Eu não tinha como fazer tudo, mas eu dei prioridade para o que eu podia fazer. E aí a pesquisa, a extensão, então eu dei prioridade para elas”.

Sobre as oportunidades de estágio e emprego na Região Carbonífera, Lívia comenta que Triunfo tem “um pouco mais de oportunidade” devido ao Polo Petroquímico: “Então, ele tem uma questão melhor de oportunidade de emprego, mas tudo gira em torno do polo mesmo. Assim como Charqueadas, tudo gira em torno da Gerdau” e declara que “[...] essas grandes empresas têm pouquíssimas oportunidades, pouquíssimas oportunidades na região, tanto no quesito de mecatrônica como em várias outras áreas, né?”. Já formada no ensino médio

integrado e sete meses após o envio de um currículo, chegou a ter uma oportunidade de entrevista de emprego na Gerdau, mas naquele momento não havia mais interesse na vaga e, sobre a ‘demora’ destaca “[...] foi demorado, né, o processo. Então, eu penso: nossa, se tá realmente precisando de emprego, tu demorar sete meses, tu morre de fome”.

Apesar de ter se formado em mecatrônica, Lívia declara que sempre foi “apaixonada pela área da saúde” e comenta que fez vestibular para medicina por três anos, tendo sido aprovada em uma faculdade particular à qual não ingressou, pois afirma que:

[...] tinha muita vontade de estudar numa instituição federal, então não fazia sentido. Até pela parte exploratória da pesquisa. Eu sempre fui muito forte a área da pesquisa na minha vida. Eu sempre gostei muito dessa parte e as redes privadas não é o foco delas em si, né? (Lívia, 2025).

Tendo nota suficiente para todos os cursos, optou por cursar fisioterapia na UFSM, está no primeiro semestre e afirma estar “gostando bastante” e classifica como “sorte” estar gostando também da Instituição e da sua turma.

Lívia não faz planos para o futuro, pois já sofreu muitas crises de ansiedade e explica “[...] minha trajetória de pensar à frente já me deu muitos gatilhos e muitos desespero”. Está aprendendo a viver um dia de cada vez, no momento apenas deseja continuar os estudos para “poder ter um trabalho também para somar nessa formação, para ser ter menos custos para minha família e tudo mais [...]”.

Sobre sua experiência no IFSul, destaca o trabalho dos professores: “eles são a base de todo o sistema” e afirma ser grata por conhecer eles:

Agregam mais do que uma formação acadêmica; eles agregam para que nós possamos nos reconhecer, sabe, na sociedade, nossos papéis. Isso é o que a gente carrega para o resto da vida. (Lívia, 2025).

Lívia termina sua fala dizendo que gostaria que todas as pessoas tivessem a mesma trajetória que a sua na Instituição, pois sua trajetória fez com que se tornasse a pessoa que sempre desejou ser: “um ser humano empático e com opinião crítica sobre o mundo, enfim, uma cidadã”.

5.4.2 Trajetória do Matheus

“Quem eu era antes não me define quem sou agora [...]”

Cinco dias após a primeira entrevista, foi a vez de Matheus ser entrevistado. Vestindo um moletom da sua turma de mecatrônica confeccionado no seu primeiro ano no IFSul, Matheus considera que o ensino médio foi uma virada de chave na sua vida e imprime um simbolismo em seu moletom ao afirmar que “esse moletom representa a minha virada de chave assim para vida adulta”. Aos 24 anos e morando em Charqueadas, declara que achava que estudar no IFSul seria “relativamente fácil”, porém confessa que o ensino foi “bem desafiador” e que acabou por concluir o curso seis anos após seu ingresso (2022) e não quatro, como imaginava que seria. De fala calma e concentrada, Matheus afirma que, apesar dos desafios, estudar no IFSul foi uma oportunidade de adquirir mais responsabilidade e que se tornou uma pessoa “totalmente diferente” e mais focada nos estudos.

Iniciamos nossa conversa falando sobre suas lembranças do ensino fundamental, no qual relata que recebia muito apoio de seus pais “[...] meus pais me incentivavam muito a estudar, a procurar meios diferentes aprender” e se considerava um aluno bastante dedicado: “[...] eu estudava muito para as provas [...]”. Matheus explica que foram poucas as oportunidades de participar de eventos em sua escola “porque raramente tinha”, porém quando tinha, sempre participava. Cursando o último ano do ensino fundamental, seu pai o aconselhou a realizar o ensino médio no IFSul, pois havia junto o curso técnico que “seria muito bom para minha carreira de trabalho”. Aos 15 anos, inicia seus estudos na Instituição para “ingressar na vida adulta” e a escolha por cursar mecatrônica deu-se pelo fato de seu pai trabalhar na área “[...] seria mais interessante eu escolher essa área para formar minha carreira profissional”. Matheus considera que ingressar no IFSul foi um “virada de chave” na sua vida, partindo então para “a vida adulta”.

Logo de início percebeu inúmeras diferenças em relação às experiências vividas no ensino fundamental, conforme relata:

[...] Vou dar um exemplo, história. História normalmente era responder questões de livro, fazer trabalhos de cartolinas entre outros, no ensino fundamental. Já no médio tinha que fazer apresentações, seminários, o artigo e o projeto também de história, isso foi uma diferença no fundamental pro ensino médio, também tinha filosofia, sociologia, era mais seminários que no fundamental era totalmente diferente [...] – (Matheus, 2025).

Matheus também relata que nas disciplinas técnicas foi necessário modificar seus métodos de estudo “para poder me adaptar ao aprendizado” e considera que foi necessário ter “[...] uma mentalidade de mestre”. Porém, enfatiza que havia horários de “atendimentos” contraturno que serviam para auxiliar “quem tinha dificuldade”. Assim, costumava ir aos atendimentos “para poder atingir a nota necessária ou até melhor do que eu teria em mente”.

Experiências também não faltaram na sua vida acadêmica e foi no IFSul que surgiram oportunidades diversas, como participar de gincanas, Copa do Mundo, Mocitec e eventos de robótica como a ROBOCHARQ e em outros Câmpus como Pelotas e Camaquã. Matheus também destaca o artigo que escreveu como tarefa avaliativa de história:

[...] eu tive que me aprofundar mais em questões de uma escrita mais aprofundada para conhecer mais a história, do que era mais focado no Brasil. Então, eu dei uma grande focada em livros, artigos de outras pessoas para poder me basear e fazer o meu próprio artigo. E isso foi uma pesquisa que eu tive, no caso. Sim. Sim. É legal, né? (Matheus, 2025).

Em sua fala, há destaque também para o aprendizado de conteúdos como eletrônica, eletricidade e automação industrial, que teve tanto de forma teórica quanto prática, e completa “[...] Quase tudo ou tudo que eu tive no IF, eu estou colocando em prática agora no meu serviço”.

Morador de Charqueadas, Matheus explica que levava em torno de 40 minutos até a Instituição: “[...] no começo do meu curso eu ia muito a pé e, mais para o final, ia de van”, porém destaca que em dias de chuva enfrentava problemas: “Ah, muitas vezes eu enfrentava principalmente a chuva. [...] Na ida era complicado, porque muitas vezes chovia no meio do caminho e eu não tinha pegado o guarda-chuva e ficava molhado até o final da aula”.

Estudante do período pandêmico, ele explica que passou por alguns problemas, como dificuldade de acesso à internet e também de desenvolvimento nos estudos, e afirma que muitos conteúdos preferiria ter aprendido de forma presencial: “[...] Muita coisa que eu gostaria de ter aprendido presencialmente, eu tive on-line. Aí, essas matérias que realmente deviam ter sido presenciais. Porque isso me impactou agora no futuro”.

Quando questionado sobre as oportunidades de estágio e emprego na Região

Carbonífera, Matheus destaca que na cidade (Charqueadas) há quatro empresas que poderiam acolher o curso de mecatrônica: GKN, Gerdau, Bristol e Metasa, e explica: “[...] Abriu vaga, pode concorrer, mas é muito difícil poder entrar. Só se for estágio ou algo de auxiliar. Mas a vaga, a vaga mesmo é muito difícil”. Apesar das dificuldades, realizou estágio na Gerdau por cinco meses e acredita que, apesar de pouco tempo, a experiência foi muito boa: “[...] Aprendi muita coisa lá que levo até hoje. E como eu posso dizer assim, eu tive boas lembranças”. Após, estagiou por dois meses na GKN; findado o período de estágio, voltou à empresa como terceirizado, conforme explica:

Depois que eu concluí o IFSul, eu fui fazer outro curso técnico para entrar na GKN. A GKN sempre pede curso técnico, então eu tive que fazer outro curso técnico para poder entrar. Mas mesmo assim, o que eu fiz no IF me proporcionaria entrar na GKN; porém, não tinha vaga para estagiar, então eu tive que fazer outro curso técnico para poder entrar na GKN. Aí eu me formei em técnico de automação também. (Matheus, 2025).

Analisando sua trajetória percorrida na Instituição, ele evidencia a contribuição que o IFSul teve em sua vida através da oportunidade de trabalho no seu atual emprego. Matheus trabalha como auxiliar eletrônico em uma empresa de usinagem e afirma: “[...] atualmente eu estou trabalhando em uma área que o curso de mecatrônica me proporcionou estar nessa área [...] posso dizer que o curso me proporcionou essa vaga.” Apesar disso, Matheus afirma que muitas vezes não se sentia preparado para trabalhar na sua área de formação e o medo de errar é evidenciado em sua fala:

“Eu não me sentia preparado e, como eu posso dizer? Tive muito medo de errar. Como é que eu posso dizer? Como eu estou na área da elétrica, aconteceu alguma coisa comigo, com um colega do lado, mas depois que eu tive a experiência dentro da fábrica, eu vi que não é bem assim. Tipo, tem pessoas que estão lá para te ajudar, para te ensinar, a relembrar algumas coisas, não como professores, mas tipo como tutores, bem assim dizer.” (Matheus, 2025).

Quanto à graduação de Tecnologia para Sistemas em Internet (TSI), optou por trancar o curso porque considerava ser muito diferente da sua área de formação e explica: “[...] então eu gostaria de fazer um curso na faculdade que somasse com os cursos que eu já tinha a formação.” Daqui a cinco anos, Matheus “se vê” formado em uma faculdade, com um emprego melhor, com sua casa própria e estabilidade e, claro, “[...] procurando aprender mais, não está estagnado. Ah, acho que é só isso.”

De sua passagem pelo IFSul, Matheus leva aprendizados que vão além de disciplinas acadêmicas, conforme explica: “trabalho em equipe, responsabilidade, estudo, as matérias técnicas, as matérias do médio também, a questão de criar, elaborar apresentações, criar projetos e fazer networking [...]”.

Aos alunos que estão cursando o último ano do ensino médio integrado no IFSul, ele deixa dicas importantes, como pesquisar por empresas na cidade, e reitera: “pergunte para quem está trabalhando lá, conheçam as pessoas que estão trabalhando lá, como é o emprego de lá, não tenham pressa de conseguir um emprego, não se afobem e foquem nos esforços, nunca deixem de estudar.”

5.4.3 Trajetória da Carolina

“Eu tinha planos, e depois quando eu entrei para o IF, eu tive mais planos ainda [...]”

A terceira entrevista foi realizada no dia 17 de junho à noite. Após alguns ajustes na câmara, Carolina estava pronta e começa dizendo que “Eu sempre gosto de participar das coisas do IFSul porque foi uma coisa muito marcante na minha vida, eu amei estudar lá, então sempre que eu posso ajudar, eu tô ajudando”. Carolina é falante e espontânea; inúmeras vezes se empolgou relatando sua experiência no IFSul e explica que, durante seu ensino fundamental, nunca precisou estudar para uma prova, apenas prestava atenção nas aulas. Mas ao entrar para o IFSul, percebeu a diferença e afirma que: [...] quando eu cheguei no IF, que eu tive que estudar para uma prova, eu pensei: “Tá, espera aí, espera aí, que aqui é realmente outro tipo de situação.” Aos 24 anos e morando com sua mãe e irmã em Itajaí (SC), trabalha como auxiliar de laboratório de análise de vinho e comenta que “Não tem nada a ver com o que eu me formei na época, né”? Egressa de 2018 do curso técnico integrado em informática, Carolina relata que sempre gostou de estudar, porém não passou no vestibular do IFSul na primeira tentativa e, no ano seguinte refez a prova apenas para acompanhar uma amiga e foi aprovada.

Após sua apresentação, pedi que contasse sobre sua experiência no ensino fundamental, o qual ela relata: “eu sempre estudei em escola pública [...] eu sempre gostei de estudar”. Carolina formou-se aos 13 anos: “eu era um ano adiantada”, aluna dedicada, sempre contou com o incentivo dos pais e nunca reprovou em

nenhuma matéria. Prestes a finalizar o ensino fundamental, se viu na situação de ter que optar por outra escola para cursar o ensino médio e explica que na época havia quatro opções de escolas com ensino médio em Charqueadas, sendo três públicas (incluindo o IFSul) e uma particular, o que considera ser “muito limitado”.

Estudar em uma escola privada nunca foi uma opção devido às condições financeiras da sua família naquela época e, entre as três opções restantes, ela explica:

Eu tinha vontade de entrar no IFSul, porque o ensino era diferenciado. Como eu sempre gostei de estudar, eu sempre ouvia falar assim, rumores, as pessoas, os professores do ensino fundamental quando iam para conversar, os conselheiros da época dos professores de ensino fundamental, quando tinha turma se formando, eles conversavam para ver as opções, o que iam fazer, que isso, que aquilo, mas sempre foi comentado entre todos os alunos, entre os grupinhos de pessoas, de amigos e tudo mais, que o IF era diferenciado.” (Carolina, 2025).

Em 2013, realizou seu primeiro processo seletivo no IFSul, porém não foi aprovada e acabou optando por outra escola pública municipal. No ano seguinte, refez o processo seletivo, conforme comenta: “Na segunda prova não estudei [...] a minha amiga me convenceu a ir com ela porque ela não queria ir sozinha, porque eu já tinha feito e ia saber como que era lá na hora, né? [...]”. Sem pretensão de passar, “tranquila e sem ansiedade”, Carolina conseguiu ser aprovada no ensino médio integrado do IFSul e considera também que, por não ter conhecimento suficiente sobre as políticas de cotas, não soube realizar sua inscrição corretamente, o que pode ter influenciado o resultado da sua não aprovação no processo seletivo anterior.

Não, e o engraçado é que na primeira prova que eu fiz, eu acertei mais questões do que na prova que eu fiz depois. Mas é que quando eu fiz a primeira prova, eu tinha tentado acesso universal. Eu não tinha colocado nenhuma cota. E aí na segunda prova eu coloquei a cota de escola pública e de baixa renda, que eu tinha direito. Aí na primeira prova eu não era ligada nessas coisas de cota nem nada, sabe? Não sabia nem o que selecionar quando eu me inscrevi, eu fui lá, coloquei acesso universal e já era. (Carolina, 2025).

Sua primeira experiência marcante no IFSul veio através do professor Charles de história, que desafiou os alunos a entregarem um artigo no final do primeiro ano, conforme relata:

O Charles no primeiro ano já disse para a gente que a gente no final do ano ia entregar para ele um artigo. Eu nem sabia o que era um artigo. Eu cheguei lá com meus 14 anos, que nem todo mundo chega com 14 anos no primeiro ano, pensando o que é um artigo, que eu nunca ouvi falar disso na

minha vida. Ali já bateu pânico. Claro que todo mundo falava que era difícil e tudo mais, mas eu achei horrível de difícil. (Carolina, 2025).

Apesar do susto inicial, consegui superar o desafio e completo, vitoriosa: “Depois, quando eu terminei de fazer o artigo, eu me senti realizada, porque eu vi que eu era capaz de fazer aquilo e assim foi” e hoje, tenho consciência da importância desse aprendizado para a continuidade da minha vida acadêmica:

“Agora eu tô com 24 anos e tô terminando o primeiro ano de uma nova faculdade. Então, eu tenho colegas que têm, sei lá, 19, 20 anos. E às vezes eles chegam ali e até hoje não sabem como que é uma escrita científica e tudo mais. Eu fico pensando, eu noto essa diferença, sabe? Eu fico pensando, meu Deus, todo mundo deveria ter a oportunidade de aprender desse jeito. Vim com essa bagagem do ensino médio que eles estão tendo que aprender agora, na prática, né?” (Carolina, 2025).

Além do artigo, novos desafios surgiram junto com as provas, como, por exemplo, a necessidade de estudar para ser aprovada: “No primeiro ano do ensino médio foi a primeira vez na vida que eu tive que parar e estudar para poder passar numa prova. Só ali eu já fiquei desesperada [...]”, destacando que além das disciplinas do ensino médio, ainda enfrentava cobranças das disciplinas ligadas à área da informática: “A gente começa ali no básico, lógica de programação e tudo mais, ele te estimula muito a pensar e você vai aprendendo tudo aos poucos”. Durante sua fala, comenta que também teve dificuldades de socialização e considera que ter a oportunidade de participar de atividades como jogos de handball e gincanas foram essenciais para sua interação, conforme explica: “Acho que isso tanto a gincana, quanto participar dos jogos ali me ajudou muito a desenvolver essa dinâmica de poder conversar, de perder um pouco esse medo e tudo mais, sabe?”

Apesar das dificuldades enfrentadas em sua trajetória no ensino médio, ela afirma não se arrepender de nada: “Acho que isso ajuda a pessoa muito a crescer. Que aí, sim, eu aprendi a estudar, que aprendi como eu consigo estudar e tudo mais” e evidencia o incentivo à ciência dentro da Instituição:

É que eu vejo que hoje as pessoas talvez cheguem na graduação, sem saber direito o que é um mestrado, o que é um doutorado, e isso não existe dentro do IF, porque isso é muito falado ali, é muito incentivado. Tanto que os próprios professores, quando se apresentam, falam que têm isso, que têm aquilo, incentivam as pessoas a irem em busca disso. (Carolina, 2025).

Relembrando sua trajetória no IFSul, Carolina apresenta fotos que revelam

momentos marcantes como a apresentação da peça “Labirinto do Fauno”, durante a gincana do IFSul de Charqueadas, jogos internos do IFSul (JIF), no IFSul de Pelotas e participação na Movaci, feira científica realizada no IFSul de Venâncio Aires. Carolina explica que as atividades eram uma oportunidade para aproximar os alunos de diferentes turmas entre si e também dos professores, conforme descreve: “Os professores às vezes faziam as tarefas (da gincana) junto com a gente. Era muito legal!” E evidencia a importância das feiras científicas na sua vida: “[...] eu levo isso hoje para a graduação, tanto que um exemplo muito claro disso, que melhorou muito, que eu digo nessa parte da dicção, de conseguir apresentar um trabalho, de não gaguejar na frente da turma e tudo mais”.

Moradora de Charqueadas, na maioria das vezes, ia a pé para o IFSul e levava em torno de 20 minutos, mas também tinha outras possibilidades de locomoção, como explica: “Às vezes eu ia de bicicleta, às vezes eu ia a pé, às vezes meu pai me levava de carro, às vezes eu pegava carona”.

Sobre as chances de conseguir um estágio na cidade, Carolina considera limitadas e explica que as oportunidades que viu eram na prefeitura “para ficar cuidando do laboratório de informática de uma escola” e quanto ao emprego não era diferente: “Ou vou trabalhar em loja de informática, ou vou abrir minha própria loja de informática, fazer ali manutenção de computador e coisas e tal. Mas se eu quisesse crescer, teria que ser numa empresa de fora”.

Apesar de ter feito estágio em um laboratório de informática numa escola municipal, considera que não teve muita oportunidade de se aprofundar na sua área, pois apenas auxiliava os professores e alunos na utilização dos notebooks e aponta a necessidade de incentivo e preparação dos professores, visto que muitos utilizam os laboratórios de informática “para entretenimento, sendo que eles podem usar para várias coisas diferentes, sabe? Para fazer pesquisa, fazer um trabalho, isso e aquilo” e ressalta que tentou estágio em Porto Alegre, mas não conseguiu. Embora não tenha conseguido um emprego que possibilitasse seu aprofundamento profissional, afirma que se sentia preparada para atuar na sua área de formação e destaca a importância do aprendizado obtido no IFSul:

“Eu sentia que o curso do IF era um curso muito bom, tanto que quando eu fui para fazer análise de desenvolvimento de sistemas lá em Porto Alegre [...] tanto lá em Porto Alegre quanto aqui na UNIVALI, aqui em Itajaí, eu via coisas que eu já tinha visto no técnico. Programação e tudo mais. Às vezes, os meus colegas não sabiam o que era, eu conseguia ajudar eles.

Principalmente no quesito de banco de dados, várias coisas que eu via no técnico, eu estava vendo de novo na graduação um pouco mais aprofundado.” (Carolina, 2025).

Após a finalização do ensino médio e ainda gostando de informática, cursou análise de desenvolvimento de sistemas em Porto Alegre, posteriormente trocando para tecnólogo em sistemas de internet, no IFSul Charqueadas e declara:

[...] acho que se não fosse pela pandemia eu teria me formado no IF, porque se não fosse a pandemia eu não teria me mudado para cá (SC), não teria mudado totalmente a minha vida. Mas eu teria, com certeza, me formado em sistemas para internet. (Carolina, 2025).

Em 2021, mudou-se para Itajaí em Santa Catarina e continuou estudando na mesma área na UNIVALI por mais de um ano, porém, com o tempo foi perdendo “totalmente o interesse”, sem saber exatamente o motivo, e optou por trancar o curso e comenta: “Larguei, fiquei um ano desesperada sem saber o que fazer da minha vida, porque a única coisa que eu tive coragem foi de largar, mas eu não sabia o que eu ia fazer depois”. Após a realização de um teste vocacional, escolheu cursar biomedicina, curso que conhecia apenas “pela televisão” e que sempre “achou interessante”, mas que tinha medo “porque tem química e eu odiava química”. Finalizado o segundo semestre, Carolina afirma:

Eu espero que agora com biomedicina eu toque para frente. Que, como a biomedicina é um curso que tem vários tipos de área, não é um curso muito nichado, ele tem 1.500 coisas que você pode fazer. Eu tenho vários, assim, vários planos; se um não der certo, posso fazer aquilo, se não der, tem o outro. (Carolina, 2025).

Entretanto, revela que uma das motivações que teve para cursar biomedicina foi pela oportunidade de “mudar o mundo de alguma forma” e explica que gostaria de trabalhar com pesquisas de doenças e desenvolvimento de vacinas, “principalmente pesquisa de doença, na parte de neurociência e na parte de DNA, que ali estudam câncer e tudo mais”. Refletindo sobre as dificuldades de ser pesquisador no Brasil, afirma: “se eu quiser seguir nessa área e conseguir receber minimamente bem, teria que ser fora, infelizmente, mas é uma coisa que, assim, é o top 1 que eu queria”.

Apesar de não seguir mais na sua área de formação do ensino médio, reconhece a importância do seu aprendizado diante de vários aspectos:

Então, na primeira oportunidade que eu tive de ir atrás de outro emprego, de fazer entrevista, de botar a cara, de ir com pessoas que eu não conhecia, que nunca tinha visto, de não ter esse nervosismo de conversar com outra pessoa e tudo mais. Acho que foi muito das experiências do IF, dessa parte sem ser tão didática que me proporcionou. Eu acho que se eu não tivesse participado de tudo que eu participei na época do ensino médio, hoje no mundo do trabalho ou até interagindo com as pessoas, seria totalmente diferente. (Carolina, 2025).

Após uma longa conversa, refletindo sobre sua experiência no IFSul, Carolina considera que o que mais lhe marcou foi sua construção de caráter e destaca o incentivo aos estudos por parte dos professores, conforme explica:

Eu acho que o que as relações ali de interação, de interagir com o social e tudo mais, de ajudar a formar caráter, de ter essa ambição de estudo, de pensar em fazer um mestrado, de pensar em fazer um doutorado, de tudo isso, eu acho que foi graças à formação acadêmica do IF, que é essa coisa de incentivo do ensino, que é muito grande. Eu acho que o principal diferencial dentro do IF é isso. (Carolina, 2025).

Levando aprendizados para a vida, reitera que se não fosse o IF, provavelmente já teria parado de estudar depois que sua primeira graduação não deu certo: “[...] talvez eu tivesse desistido já”. Estando trabalhando e com uma boa estabilidade financeira, optou por mudar para um emprego com um salário menor, mas que lhe ajudaria na sua futura profissão: “[...] eu vi que aquilo dali ia me ajudar futuramente na profissão que eu estava escolhendo hoje”. E acredita que foi no IFSul que aprendeu a ter uma visão mais ampla das situações: “[...] A maioria das coisas que a gente aprendia ali, a gente já aprendia pensando em como aquilo ia ajudar no futuro e tudo mais”.

Carolina faz planos como se formar em biomedicina e prestar concurso público para perícia criminal, mas revela também o sonho que considera “quase impossível”: conseguir uma bolsa de doutorado em Harvard e explica:

Eu sempre tive o sonho de ir para Harvard, sempre foi assim: meu Deus, Harvard! Mas, assim, independente de Harvard ou qualquer outro lugar, eu tenho vontade de estudar fora, até para melhorar o inglês, coisa e tal, vivenciar outra rotina, outra coisa. (Carolina, 2025).

E confessa que depois que se mudou para Santa Catarina, percebeu o quanto “é muito fácil se mudar” e afirma não ter a pretensão de morar por muito

tempo no mesmo local, “[...] tenho essa vontade de explorar o mundo”. Para os alunos dos anos finais do ensino fundamental, incentiva a aproveitar a oportunidade de estudar no IFSul: “todo mundo deveria ter essa experiência na vida” e explica a importância de participar das feiras de ciências: “Pelo menos um projeto durante os quatro anos, eu acho que a pessoa deveria colocar em feira de ciências, porque vocês não têm noção do quanto isso muda e ajuda lá na frente” e completa:

[...] Dali para frente, você vai fazer isso para sempre. Se não é um trabalho que você vai estar apresentando ali na faculdade, você vai trabalhar em uma empresa, você vai fazer uma palestra ali, ou então você vai participar de uma reunião, você vai ter que expor o seu ponto de vista. (Carolina, 2025).

Então, se você tem essa oportunidade desde cedo de participar e desenvolver esse seu lado, só vai, porque nossa, isso ajuda muito lá na frente. Sem contar em ajudar a produzir ciência, né, galera? Então, novos conhecimentos e tudo mais. (Carolina, 2025).

Com reconhecimento e gratidão pela oportunidade de estudar no IFSul, Carolina relata que gostaria que todas as pessoas tivessem essa mesma oportunidade, “porque muda muito, muda muito a visão de futuro” e finaliza dizendo que “gostaria de agradecer bastante, dizer que o IF é maravilhoso”.

5.4.4 Trajetória do Pedro Henrique

“[...] a minha namorada, ela é um fruto de pessoas que eu conheci por causa do IF.”

Foi numa fria manhã de quarta-feira e com meia hora de atraso que começou a quarta entrevista. Pedro Henrique tem 24 anos e mora em Butiá, cidade que pertence à Região Carbonífera e que fica a uma hora de Charqueadas. Egresso da turma de informática de 2021, Pedro evidencia inúmeras vezes em suas falas as dificuldades enfrentadas por morar longe do seu local de estudo: “[...] a gente ia pegar o ônibus às 6 horas da manhã [...]” e completa: “Era mais um dia frio e dia chuvoso, que tinha que ficar na parada esperando o ônibus.” Então, a gente, claro, a gente cria um hábito de entrar no ônibus, pegar a cobertinha e dormir”. Hoje Pedro trabalha como analista de sistemas de forma remota para uma empresa localizada em Porto Alegre e cursa o superior em Tecnologia para Sistemas em Internet,

também no IFSul e afirma que pretende continuar trabalhando na área de desenvolvimento de sistemas e pesquisa, mas confessa que “[...] eu tenho essa vontade de poder dar aula, poder seguindo a pesquisa, né? Hoje meu trabalho, pelo menos, me proporciona isso, eu posso continuar fazendo pesquisa e inovação e poder passar o conhecimento para frente.”

Iniciamos nossa conversa falando sobre suas experiências no ensino fundamental. Pedro, como prefere ser chamado, sempre estudou em escola pública estadual. Explica que gostava de estudar e tinha boas notas, mas não gostava de fazer trabalhos, fato que atribui ao Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), “isso prejudicava a questão de fazer trabalho”. O gosto pelo estudo ainda se faz presente na sua vida e completa:

Gosto de ver vídeos de ciência, basicamente, ciência e física, eu gosto desses e na minha área eu tenho que ficar estudando sempre, eu não posso parar, senão eu não consigo evoluir. (Pedro Henrique, 2025).

Na sua escola não havia eventos científicos, mas havia eventos culturais e costumavam visitar a feira do livro em Porto Alegre. Nessa época, apresentava habilidades com informática, conforme declara: “Eu já gostava de mexer com coisas relacionadas a computador, mas antes de ir para o IF eu fazia um bico basicamente de edição de vídeo. Eu editava vídeo e ajudava uma fotógrafa”.

Cursando o oitavo ano do ensino fundamental e sem conhecer o IFSul, pensava em cursar o ensino médio na mesma escola que cursava o fundamental e após fazer faculdade de propaganda e marketing ou audiovisual, motivado pelo trabalho de edição de vídeos que costumava fazer, o que ele considera “algo bem comum, bem diferente do que eu passei pelo IF”.

Porém, foi através de colegas participantes de um grupo de igreja que ficou sabendo do IFSul: “Os dois colegas que eu conhecia realizavam a mecatrônica. Aí eu tive conhecimento dos cursos que tinha informática, que tinha mecatrônica e como é que funcionava”. Pensando em aprimorar seus conhecimentos na área da informática, optou por tentar ingresso no curso técnico integrado em informática e afirma: “[...] eu não estava nem pensando em possibilidades, caso eu não passasse na prova”.

Sobre sua experiência no IFSul, Pedro inicia comentando que “pegou” dois momentos difíceis no Campus “durante a ocupação em 2017⁴⁰ e depois a finalização

do curso quando a gente achou que o calendário ia ser adequado em relação à pandemia”. Logo, as aulas que têm início em fevereiro, começaram somente em abril, porém, durante a ocupação, o Campus promoveu aulas de matemática e português para que os alunos ingressantes pudessem relembrar conteúdos do ensino fundamental e relembra sua primeira impressão com Campus: “era muito diferente do que eu tinha no ensino fundamental. Ah, Campus era muito diferente, tinha muitas salas, laboratórios, eu achava muito legal aquilo”.

Pedro relata que no primeiro ano teve que escrever um artigo científico para a disciplina de história e tinha medo de reprovar ou do risco de plágio, pois “a maioria das pessoas que vieram do ensino fundamental nem sabem o que é um artigo e eu me encaixava nisso”, porém afirma que teve muita afinidade com as disciplinas técnicas, apesar de ser novidade na sua vida acadêmica.

Foi no IF que teve a oportunidade de conhecer novas pessoas “e hoje algumas delas ainda são minhas amigas e ainda são colegas até de faculdade, algumas de trabalho” e declara que conhecer pessoas diferentes fez com que mudasse seu pensamento “sobre algumas coisas”.

Logo no primeiro ano já participava de competições de informática como Hackaton e CharCode⁴⁰ atividades esportivas como corrida (atividade na qual representou o Campus), feira de ciências (Mocitec), gincana, entre outros, “aí depois nos próximos anos eu fui entrando nesses outros eventos”. Em seu segundo ano, participou de um projeto de iniciação científica, “onde eu consegui meu primeiro prêmio [...]”, e pode levar seu projeto a outros estados. Já no seu terceiro ano, relata que desenvolveu, junto com uma colega, um projeto sobre violência contra mulheres, que resultou em “um aplicativo onde as mulheres pudessem relatar lugares que são seguros em questão de violência de gênero”, onde conseguiram o terceiro lugar na Mostratec. Foi na Mostratec também que teve a oportunidade de conhecer o diretor-executivo de uma empresa que, futuramente, iria trabalhar, “a partir da Mostratec, eu conheci o CEO da empresa onde eu trabalho hoje. Ele é professor na PUC e ele foi nosso avaliador. E a partir dele, eu consegui meu emprego, então foi um uma bola de neve que me levou onde eu tô hoje”. Apesar das oportunidades, enfrentou

⁴⁰ #OCUPATUDOCHARQUEADAS – Movimento de ocupação ocorrido no segundo semestre de 2016 no IFSul Câmpus Charqueadas, que tinha como objetivo a luta pela educação, posicionando-se os cortes nos investimentos da educação, que apresentaria como consequência a precarização de projetos educacionais, como, por exemplo, PEC nº 55, projeto escola sem partido e a reformulação do ensino médio.

desafios financeiros com as viagens, como explica:

Esse do Pará eu tive que fazer uma vaquinha e o meu orientador, o Caleb, pagou a minha passagem. É uma passagem bem cara de avião. Eu até tava cogitando não ir na viagem, mas aí ele pagou a passagem para mim ir e ficar lá. E pagou o hostel que eu fiquei também. (Pedro Henrique, 2025).

Para Pedro, as experiências lhe proporcionaram inúmeras oportunidades, como, por exemplo, conhecer a parte prática da programação, “porque eram projetos, não eram trabalhinho da escola e era mais complexo”, viagens para outras cidades e estados, “as viagens sempre eram coisas muito legais” e nos últimos anos tornou-se bolsista do professor Caleb:

Eu tive que passar um tempo no aquário, então eu criei uma convivência também com algumas outras pessoas, como se fosse um trabalho. Então, eu tinha que estar ali num turno da tarde, desenvolvendo a pesquisa. E aí, eu tinha outros colegas que também sempre estavam ali à tarde, desenvolvendo suas pesquisas, e a gente formou um grupinho assim. Então, a gente era meio que um hábito já almoçar ali na cantina, depois ir lá para o aquário, começar os trabalhos. Aí depois, a gente andava por aí para pegar alguma coisa para tomar café e voltava tudo no Vitória. (Pedro Henrique, 2025).

Das experiências vividas, explica que “relatar coisas” e “escrever os documentos”, serviu para “aprender como fazer pesquisa”, pois hoje desenvolve esse trabalho, “[...] fazer questão de prova de conceito, então a gente tem que analisar os dados, verificar se as provas são válidas. E isso tudo vem por base do IF”. Pedro também destaca outras habilidades aprendidas como “dialogar” e “ser um bom comunicador”, o que também lhe ajudou no seu trabalho:

Não ter muita vergonha de precisar ir para algum evento com a empresa, um estande. Eu já estou acostumado a isso, então ficar lá um bom tempo de pé explicando o que aquela coisa faz, veio por parte do Campus também. (Pedro Henrique, 2025).

Pedro sempre residiu em Butiá, ia para o IFSul com transporte fretado junto com alunos da sua cidade e de Minas do Leão, para tanto contava com o auxílio da Assistência Estudantil. Ganhava auxílio alimentação e transporte, porém utilizava os dois para bancar seu deslocamento até a Instituição e o trajeto durava em torno de uma hora, conforme explica: “eu demorava em torno de uma hora pegando da minha parada, né? Mas as pessoas que pegavam antes de mim demoravam um pouco mais”. A distância e a dificuldade de locomoção, já fizeram com que Pedro perdesse oportunidades: “A primeira Mocitec eu não consegui participar, porque não tinha

transporte para poder chegar e eu não tinha muitas condições de pegar o ônibus depois. Também não tinha muito horário”. Participante da Mocitec no segundo ano, não pode ficar até o final do evento para a entrega da premiação, conforme relata:

Em 2018, na premiação da Mocitec, eu não recebi essa medalha durante a apresentação, porque eu tive que voltar antes, porque eu tava de ônibus. Então, eu tive que pegar ônibus, eu não fiquei na premiação e eu só fui descobrir que eu tinha ganhado a medalha quando eu cheguei em casa, quando minha colega mandou mensagem que a gente tinha ganhado. (Pedro Henrique, 2025).

E reforça as dificuldades enfrentadas que se fizeram presentes nas mais variadas formas, “trabalhos em grupo sempre eram um problema, porque não tinha tanta reunião virtual, né, porque não tinha havido a pandemia ainda, mas trabalho em grupo sempre foi um problema [...]”. Eventos que iam até à noite eram inviáveis para sua realidade, “[...] o Sarau Cultural, sempre ia até à noite, então não tinha como participar. A Robocharq, que é o evento do time de Mecatrônica [...] também é ruim porque eles ficavam o dia inteiro”. No seu período como bolsista, necessitando ficar na Instituição à tarde, Pedro evidencia as barreiras enfrentadas quando precisava pegar ônibus comum para voltar para casa:

Até porque o nosso transporte público aqui não é muito bom, a gente não tem horários no sistema de ônibus, né? E aí quando eu fazia a parte da bolsa, que a gente ia ficar à tarde, eu tinha que voltar de Vitória. E aí sempre existia duas maneiras: uma era pegar o Vitória na rodoviária e aí ele passava por São Jerônimo, aí eu chegava em Arroio dos Ratos e depois ia para Butiá. E tinha uma maneira que era mais barata para a gente, que era pegar um ônibus que ia direto para Arroio dos Ratos e aí tinha que esperar uma hora lá em Arroio dos Ratos para o ônibus que tá fazendo a volta para São Jerônimo pegar ele para Butiá de volta. E isso deixava as coisas mais baratas para a gente. (Pedro Henrique, 2025).

Quando questionado sobre as oportunidades de estágio e emprego na Região Carbonífera, pondera: “relativas ao curso técnico são muito poucas, né? Então, ou tu trabalho ali com um cenário que vai arrumar computadores numa empresa ou prefeitura” e explica qual problema isso acarreta”:

O problema é que a gente precisa de outras pessoas que vão certificar que a gente fez o estágio, né? Então, precisa de uma pessoa já formada. E não é qualquer empresa que vai ter alguém que esteja formado na área de computação para poder certificar o teu estágio. E Butiá é muito difícil [...]” (Pedro Henrique, 2025).

Porém, explica que na área da mecatrônica as oportunidades são maiores: “Nossa cidade, a economia dela é baseada em logística, em caminhão e reflorestamento. Então, eu acho que na parte de mecânica, hidráulica, até a parte um pouco eletrônica, eu acho que tem bastante demanda”.

A pandemia atravessou sua passagem pela Instituição e esteve presente durante eu quarto e último ano: “lembro até hoje que foi num sábado que a gente recebeu o aviso que as aulas iam parar. E demorou bastante para as aulas voltarem no EaD” e explica o trabalho da Instituição em verificar se todos seus alunos conseguiriam participar da aula EaD, “o IF teve um trabalho de todos os alunos que não tivessem condições de ter computador, de ter um computador ou receber um auxílio para pagar a internet para poder entrar nas aulas”. Pedro evidencia que os professores conseguiram passar bem o conteúdo necessário e quanto as aulas prática, destaca: “Algumas cadeiras práticas, a gente teve um ambiente on-line para fazer o desenvolvimento. Tinha um servidor a gente tinha uma opção de entrar dentro do servidor para poder fazer isso” e explica que teve problemas nas disciplinas de biologia e filosofia, quanto a entrega de trabalhos, “por aquele motivo que eu falei de não conseguir fazer muito as funções administrativas. Então, foi meio complicado para mim essa questão”, porém, o período pandêmico lhe trouxe oportunidades: “A pandemia foi o motivo de eu ter conseguido o meu emprego, porque senão eu não ia conseguir ir a Porto Alegre todos os dias participar do estágio” e finaliza comentando a estranheza de ficar longe das pessoas “[...] eu acho que a gente parou em março, foi bem no início das aulas. Ah, e voltou, acho que em agosto”.

Sobre as experiências vividas no IFSul e as contribuições para sua vida, Pedro explica que teve a oportunidade de melhorar sua forma de se relacionar com as pessoas “quando eu entrei no IF, eu era uma pessoa talvez muito introvertida e tinha um outro jeito de pensar. Eu saí do Campus de outra maneira” e evidencia que estudar no IFSul lhe proporcionou conhecer pessoas de outras cidades “[...] até a minha namorada, ela é um fruto das pessoas que eu conheci por causa do IF”. Outro aprendizado importante que evidencia foi na área da pesquisa: “[...] o IF faz muito disso [...] tu tem que aprender a pesquisar, senão tu não vai passar nas cadeiras. Isso no trabalho é uma coisa real, ele não vai te dar as coisas prontas, tu vai ter que saber como faz aquilo por conta própria” e destaca a importância desse aprendizado para seu desempenho no seu trabalho “isso me ajudou bastante na parte do

trabalho, parte profissional”.

Foi no IFSul que sua visão sobre possibilidades foram ampliadas: “o Campus proporciona essa visão geral do que eu posso trabalhar e as qualificações para mim poder trabalhar nessas coisas que eu quero” e compara ao lembrar que em sua cidade, Butiá, muitas pessoas não fizeram graduação e tem que trabalhar no emprego “que eles conseguem”.

Hoje, Pedro cursa Tecnólogo para Sistemas em Internet no IFSul e faz planos para o futuro: “pretendo continuar trabalhando na área do desenvolvimento, na área da pesquisa, mas eu pretendo também estar dando aula se possível”, seguindo o exemplo de professores que já foram alunos do TSI e explica: “sempre que eu tava no Campus, sempre gostei de ajudar meus colegas a entender o que eles não entendiam sobre programação”.

Pedro afirma que o Instituto “é uma grande mudança de água para todo mundo” e acredita que os estudantes saiam com outra forma de pensar e “conseguindo alcançar muitos dos seus objetivos”. Para os novos estudantes aconselha aproveitarem as oportunidades e participarem de todos os eventos possíveis “tem um evento, vai no evento, tem uma feira científica, crie um projeto para essa feira, tem a Hackathon, entra na hackathon” e destaca a oportunidade de conhecer pessoas: “Eu conheço pessoas, que até hoje eu me comunico, que são de outros Campus por causa de eventos e trabalham em empresas perto da minha, trabalham em empresas maiores, mas também trabalham no ramo”. Nostálgico, diz que “sente saudades” e que a Instituição “mudou minha vida para melhor”.

5.4.5 Trajetória da Amanda

“[...] eu queria estudar ‘naquela escola bonita”.

A quinta entrevista ocorreu seis dias depois, na noite de terça-feira. Amanda tem 24 anos, é egressa do curso técnico em informática de 2021 e mora em Charqueadas. Falante e animada, conta que frequenta a escola desde os dois anos e meio e que sempre gostou de estudar. Escolheu informática, pois gostava de mexer nas redes sociais e jogar on-line, porém relata que era um curso completamente diferente do esperado, mas explica que apesar disso foi um curso que lhe abriu muitos horizontes. Amanda é concursada e trabalha na PROCERGS,

“ali com a parte da educação também com a Secretaria de Educação do Estado. Então, se estendeu, acabou que a minha vida aí toda girou em torno da educação [...]”. Entre as diversas experiências vividas no Instituto, considera que uma trilha realizada com o professor de biologia, Josué Michels no Vale da Utopia em Santa Catarina foi o mais marcante, pois foi a oportunidade de [...] conhecer várias plantas, explicar sobre elas, animais quando a gente encontrava assim na trilha e eu nunca tinha acampado, então para mim foi tudo muito legal, muito diferente [...].

Amanda começa a entrevista falando sobre suas vivências no ensino fundamental e sua relação com os estudos. Estudante de escola pública relata a boa relação com as professoras “[...] eu sempre gostei muito das minhas professoras, tive professoras extremamente dedicadas [...] elas falavam muito do IF [...]” e foi por causa desse incentivo que se inscreveu no IFSul, porém explica o medo inicial proveniente da troca de escola:

“Eu sempre tinha aquela coisa, assim, de largar os meus amigos, porque pensa: eu fiz o fundamental todo numa escola, eu tinha um grupo de amigos que eu já conhecia todo mundo e a minha insegurança era de não fazer amizades, de achar as pessoas muito diferentes, aquela coisa de estar mudando de escola mesmo. Tanto que eu me matriculei nas duas escolas e eu queria cursar dois ensino médio assim, com medo de não me adaptar assim ao IF, sabe?” (Amanda, 2025).

Além do incentivo das professoras, a experiência de vizinhos que também estudaram no IFSul foi importante: “[...] tive um vizinho que me incentivou bastante, ele era muito próximo de alguns professores e ele disse que eu ia me encaixar bastante” e explica a participação dos pais na sua decisão: “[...] querendo ou não o IF é uma escola de referência na região, né? Então, chega aquela fase que todo pai quer que o filho estude no IF, fazer o ensino médio do IF, na região, né?”

Um fato marcante no seu início no IFSul foi o acolhimento recebido, conforme explica: “eu achei que foi a maior diferença, eu sentia que todas as pessoas te escutavam ali no IF, sabe? O que é um pouco diferente da escola que eu vim, que era mais regrado, todo mundo usava uniforme” e estende o fato a relação com a direção:

Todo mundo assim tem medo da diretora, sabe? E ali no IF não acontecia isso, sabe? A diretora era amiga dos alunos, no começo era uma diretora, mas a maior parte foi na gestão do Jefferson ali que eu cursei, era sempre muito tranquilo, sentia abertura para conversar. (Amanda 2025).

Amanda relembra com saudades seu tempo de ensino médio “eu gostava de bastante gente da minha turma [...]” e ressalta as amizades conquistadas ao longo desse período: “[...] eu tenho dois que foram meus colegas, que a gente tem amizade até hoje, assim de se encontrar todo final de semana, de ser bem próximos mesmo”. Amizade que foi estendida aos professores: “Também sou próxima assim de alguns professores, principalmente do Caleb, que foi um professor que incentivou bastante a minha turma”.

Bastante participativa, destaca que gostava de realizar projetos e participar da Mocitec era um momento muito especial: “Na época que eu fazia o fundamental não tinha a feira de ciências, então poder na Mocitec reencontrar meus professores do fundamental, com os novos alunos, foi muito legal.”

Apesar de sempre ter sido uma aluna dedicada e estudiosa, revela que enfrentou dificuldades nas suas primeiras provas quanto as disciplinas técnicas: “[...] na minha primeira matéria de lógica de programação, eu tinha rodado numa prova pela primeira vez [...] e fiquei desesperada, que isso nunca tinha acontecido, não sei o que, que me abalou assim oh, me abalou completamente” e destaca o acolhimento recebido de seu professor: “Aí o professor Vinicius falou assim: ‘Não, Amandinha, não te preocupa é só uma prova’. E aí ele disse: ‘Se tu quiser, tu pode fazer a recuperação’”. Conciliar matérias técnicas com matérias “do ensino médio normal”, sempre foram consideradas um desafio e a necessidade de participar das aulas de reforço se fez presente conforme explica: “[...] então acabava que eu geralmente ia naquelas aulas que os professores tenham um horário para ajudar com reforço, assim. Eu lembro de ir nas aulas de química, eletricidade também para poder ir melhor nas matérias, assim”.

“Minha visão de mundo se expandiu bastante”, é assim que Amanda define sua passagem pelo IFSul. Os quatro anos de ensino médio lhe proporcionaram “uma visão de mundo muito grande”, conforme explica:

[...] muitas coisas que eu nem sabia que existiam, os professores abriram os horizontes para a gente, sabe? [...] porque eu nem sabia como é que funcionava direito um doutorado, um professor com doutorado e aí cheguei lá, a maior parte dos professores eram doutores e o que era isso no final das contas? (Amanda, 2025).

E afirma que muitos aprendizados e motivações que tiveram foram provenientes da convivência com seus professores “por estímulo da vida deles

mesmo, de contar dos doutorados que eles fizeram, dos países que eles moraram para estudar por um período e tu descobrir: ‘Nossa, dá para eu fazer isso’, sabe?”

Das diversas oportunidades que teve, Amanda lembra de um Simpósio de tecnologia que participou em Gramado onde teve a oportunidade de ouvir palestras em inglês, conhecer projetos e presenciar apresentações de TCC, “eram coisas muito fora da realidade assim para mim, sabe?” Sobre viver novas experiências, relata sobre uma trilha feita em Santa Catarina, com o professor de biologia Josué “A gente se hospedou um dia em Torres e a gente acampou, eu nunca tinha acampado, então para mim foi muito legal [...]”

Em sala de aula, considera que aprender a trabalhar em grupo foi um dos grandes desafios que vivenciou e explica sua dificuldade:

E às vezes tu deixar na mão de outra pessoa é complicado, às vezes tu acaba fazendo tudo para não ter problema, deixar ali, poder confiar nas pessoas, ‘será que elas vão entregar um trabalho tão bom’, sabe? (Amanda, 2025)

Então isso para mim foi bem foi bom, porque na antiga escola, já tinha amigos de vários anos, então já confiava nas pessoas, já sempre fazia grupo e aí também agora no IF também poder aprender a trabalhar em grupo [...] (Amanda, 2025)

E destaca sua importância: “é algo que a gente leva, assim, tanto na vida pessoal ou acadêmica”.

Moradora de Charqueadas, Amanda se sentia “privilegiada” em relação a seus colegas, pois levava de cinco a 15 minutos para chegar a Instituição, podendo escolher entre ir a pé, de bicicleta ou de van, “sempre morei perto, mas acompanhava alguns colegas que eram de Triunfo, que tinham uma jornada bem mais difícil do que a minha para chegar até o IF”.

O mesmo “privilégio” não teve quando precisou fazer seu estágio obrigatório, que foi realizado em uma empresa em Eldorado do Sul, cidade localizada a 44 km de Charqueadas: “Foi uma empresa que eu fiquei quatro anos, eu comecei como estagiária e terminei lá como “Tech Lea⁴¹”, então eu consegui crescer um pouco dentro da empresa” e quanto ao deslocamento, explica: “[...] foi uma época de correria na minha vida”. A situação evidencia a falta de oportunidades de estágios na

⁴¹ Profissional responsável pela orientação e supervisão das atividades técnicas de uma equipe de desenvolvedores de projetos de software ou sistemas.

região, conforme explica:

Eu acho bem ruim, eu não sei como é que tá agora, mas na época que eu tinha que trabalhar Até sei um pouco como é que tá, porque a minha vizinha ela concluiu esse ano [...] Ela me falou assim: "É muito ruim, porque aqui na região, ou tu trabalha, digamos assim, numa escola consertando o computador, ou tu trabalha numa assistência técnica de celular, numa loja, não tem algo muito de desenvolvimento, sabe? (Amanda, 2025).

E considera o que “nos salva um pouco” é o fato de Porto Alegre e Eldorado serem municípios próximos, “fácil de acessar, sabe?

Após a conclusão do ensino médio, fez vestibular para direito na UFRGS, mas não passou, porém “hoje eu vejo que eu gosto muito da minha área, é uma área muito boa, eu acho que se eu tivesse escolhido o direito eu estaria profundamente arrependida [...]” e explica: “Eu sou suspeita para falar da área da tecnologia porque ela é muito legal, ela é muito grande, ela te abre muitas portas, tu conhece muita gente legal. Então, é uma área muito boa”.

Hoje, Amanda é aluna do curso de Tecnologia para Sistemas em Internet, do IFSul, “eu já tinha iniciado uma carreira que tava indo bem, que tava dando certo e aí então, que eu fui seguindo. Fui fazer a faculdade no IF, que para mim foi muito tranquila, ainda não terminei, tô fazendo, mas conhecia quase tudo” e explica sua nova experiência na Instituição:

Foi a faculdade mais tranquila que alguém vai poder falar. Então, já conhecia os professores, já tinha aula com os meus colegas que tinham sido do ensino médio. Então para mim foi muito tranquilo e agora nesse novo trabalho acaba que eu fico home office também, então não tem aquele conflito de horário de ter que estar indo de um lugar para o outro e fazer uma correria, sabe? Então a minha rotina acaba que é muito tranquila. (Amanda, 2025).

Amanda considera que o aprendizado obtido no IFSul foi importante para sua aprovação em um concurso público da PROCERGS, seu atual emprego:

[...] quando eu entrei na PROCERGS assim eu foi por prova no curso e eu digo assim: "Ah, não estudei, mas aí que nem as pessoas falam: "Não, mano, tu estudou a tua vida inteira, tu não estudou, foi para esse concurso". E caiu muita coisa que eu tinha visto no IF, sabe? Muita, muita coisa assim, que eu tinha aprendi do IF. (Amanda 2025).

Além disso, reflete que seus aprendizados foram muito além de conteúdos disciplinares “foi ali que eu aprendi como me comportar em ambiente de trabalho. A

diferença do que tu vai falar com os teus amigos, do que tu vai falar com o teu chefe”. Amanda fez estágio não obrigatório no IFSul no setor administrativo “no gabinete da direção” e explica que “tu muda um pouco a comunicação que tu tem no dia a dia” e reforça que sua “visão de mundo” foi ampliada por causa de seus professores:

Então, tive muito aprendizado nessa questão e que nem eu te disse, a visão de mundo, que é algo que para mim foi muito grande, sabe? Minha professora, a Patrícia Calixto, contava as histórias dela, eu fico assim, oh embasbacada, sabe? Com tudo que ela nos contava, a aula de geografia para mim era literalmente um mundo que se abria! Então, eu ficava assim: “Meu Deus, eu nem sabia que podia ser assim, eu nem sabia”. (Amanda, 2025).

Eu expandi minha visão de mundo, eu fui viajar para outro país, eu fui conhecer outras línguas, tudo pelo incentivo dos professores do IF, sabe? (Amanda, 2025).

Em meio a diversas experiências, considera o Instituto um local que “cria ser humano” e que além de passar conteúdos técnicos estão preocupados em ter “um ser humano envolvido na sociedade, preocupado com o ambiente que tá em inserido” e afirma ser o local que formou seu pensamento crítico: “O IF ensinou a gente a ser meio crítico com as coisas. Tá, da onde é que vem essa informação? Quem é que disse isso? Será que eu devo seguir o que foi dito, sabe?”

Em um momento de reflexão sobre sua vida, explica que sua trajetória no IFSul lhe proporcionou oportunidades que mudaram tanto sua vida, como a de sua família:

O IF mudou não só a minha vida, foi da minha família também. Que nem semana passada, o meu o meu primo fez o ENEM e ele faz estágio na empresa que eu trabalho, aí ele vem perguntar: “Ah, Amanda como é que é o IF? Eu tô pensando em trocar”. Sim, cara, só vai! Sim, se tu pode ir. É grátis, as professoras te incentivam. Tu cria um network absurdo, sabe? (Amanda, 2025).

Seu exemplo, evidenciado em sua trajetória de vida, foi suficiente para que seu primo fosse para o IFSul “Eu nem precisei convencer, a gente só conversou ali e ele já decidiu. Tem coisas assim que tu não precisa convencer!” E completa: “[...] não vou dizer que foi fácil, para uma adolescente as matérias eram complexas, era muito diferente do que eu estava acostumada a ver, mas os professores sempre apoiaram” e comenta que não imagina como seria sua vida hoje, caso não tivesse passado pelo IFSul “Não sei como eu estaria hoje, o que eu cursaria. Eu não sei se eu

estaria, digamos assim, conhecendo outros países. Eu acho que a importância do IF é muito grande nisso” e pondera:

Eu nunca pensei que com 24 anos eu seria concursada, com um salário legal, trabalhando da minha casa, de pijama, fazendo reunião e a minha opinião sendo importante nas reuniões, trabalhando com professores de toda a região do estado, secretarias. Eu acho que se não fosse o IF, a minha vida seria completamente diferente, sabe? (Amanda, 2025).

Planos para o futuro? Sim, vários! “Quero fazer um intercâmbio em algum país falante de inglês e eu quero morar um período na Itália” e completa: “Um dia eu ainda vou morar lá, nem que seja para passar a minha aposentadoria quando eu tiver bem velhinha. Ah, é o meu objetivo de vida!” Em relação a estudos e trabalho, visa estar formada na faculdade e afirma “quero fazer pós na área, quero fazer mestrado, doutorado um dia [...]” e destaca seu desejo de ser professora do IFSul:

Eu não fiz mais concurso, foi o primeiro e o único que eu fiz, mas talvez um dia também seja professora no IF para ter essa experiência, talvez substitua também para realmente ter essa experiência de voltar dando aula com base no que eu aprendi ali. Acho que é uma experiência bem legal de carregar assim, então, talvez um dia, depois das minhas pós. (Amanda, 2025).

Após inúmeras vivências e oportunidades proporcionadas pela Instituição, Amanda expressa seu reconhecimento por todos que cruzaram o seu caminho:

Acho que é mais que deixar essa questão de gratidão, é mostrar a importância que é o trabalho que as pessoas fazem. Que às vezes a gente esquece da importância do nosso trabalho dentro de em algum lugar, a gente acaba se acostumando com a rotina e esquece a importância que ele tem, né? Então, ali no IF deixar isso, que eles mudam o trabalho deles, mudam a vida dos outros, assim. É muito legal isso. (Amanda, 2025).

Finalizando sua entrevista, deixa um recado para os estudantes do ensino fundamental que ainda estão em dúvida sobre fazer ou não o processo seletivo do IFSul: “[...] eu digo assim: ‘Faz’. Se dedica, porque mesmo que tu não goste de informática ou mecatrônica, o mundo é muito grande. A informática é muito grande. Pode trabalhar com ‘N’ coisas que tu nem faz ideia” e pondera: “[...] é só uma fase ruim que passa, dependendo se tu não gosta de alguma coisa, mas o conhecimento que ele te traz, ele é diferencial. Tu ter um curso técnico bem novinho tu já consegue trabalhar e acaba saindo na frente, sabe?”

5.4.6 Trajetória da Tainá

“Era uma formação no sentido integral.”

Essa foi a única entrevista presencial e foi realizada nas dependências do IFSul Câmpus Charqueadas. Após vários desencontros e muitas gravações ao longo do dia, a noite do dia 26 de junho foi finalizada com a sexta entrevista. Na sala de aula devidamente preparada a entrevistada dispara “eu me chamo Tainá, eu tenho 25 anos, me formei no IF, no técnico em informática. Atualmente, eu sou psicóloga”. Bolsista no PROUNI, Tainá atua como psicóloga clínica desde 2024 e trouxe como objeto marcante o seu diploma de graduação que evidencia cinco anos e meio de luta “[...] morando em Charqueadas, fazendo faculdade em Porto Alegre, fazendo todo esse deslocamento também intermunicipal”. Fato que não era novidade, pois sendo moradora da zona rural, enfrentou dificuldades de retorno para casa, pois suas aulas no IFSul acabavam às 18h15, horário que não tinha mais ônibus para voltar. O problema foi contornado contratando um táxi fixo e dividindo o valor da corrida com outros estudantes, mas ainda havia outro problema: as estradas “a questão do deslocamento era mais dificultado ainda, além da distância, pela situação da estrada que é ruim mesmo, é precária mesmo, então, né, estrada de chão e tudo mais”.

“O ensino fundamental foi desafiador em alguns sentidos, principalmente do acesso, né? “Foi assim que Tainá começou relatando sua experiência durante esse período na sua vida. Moradora da zona rural de Charqueadas, enfrentou inúmeros desafios para conseguir estudar. A realização de trabalhos fora do horário de aula também eram um problema, conforme relata:

Era mais difícil tu ter convívio com os colegas fora de sala de aula, por exemplo, né? Na hora de realizar trabalhos de casa, isso era um desafio. Então acaba que o ensino fundamental ele teve essa marca da dificuldade, né? Mas ao mesmo tempo é uma época que eu lembro com muito carinho, eu gostava muito da escola, né? (Tainá, 2025).

Além das dificuldades de locomoção já relatadas, Tainá explica que haviam separações na sua turma que somente foram percebidas depois de adulta: “eu vejo que existiam algumas separações na turma, principalmente nós que vínhamos da zona rural, tinha todo um estereótipo, né? Então, isso eram desafios na época para

lidar na socialização principalmente.”

Estudiosa, “eu era aquela aluna bem nerd”, tinha interesse por assuntos variados e gostava de pesquisar, fato que atribui a sua irmã, egressa do magistério e aluna da pedagogia naquela época, “muitas vezes ela trazia atividades extras para eu fazer em casa desde pequena, assim. E eu lembro que ingressar no colégio já foi uma coisa que eu queria muito [...]”

O apoio dos pais para estudar se fez presente desde o ensino fundamental: “eles sempre batiam nessa tecla, né? De que a educação era transformadora e a educação era uma possibilidade de construir uma vida mais próxima daquilo que eu realmente queria” e explica que seus pais tiveram poucas oportunidades de estudos, por isso não conseguiam ajudar nas suas tarefas, “mas eles estavam ali sempre incentivando”.

Prestes a finalizar o ensino fundamental, a escolha por cursar o ensino médio no IFSul se deu por causa do curso técnico em informática:

[...] as redes sociais estavam crescendo, a parte da informática, da tecnologia tava muito forte. Então, eu tinha essa expectativa de que fazer o ensino médio com um curso de informática seria algo muito importante para aquele momento, da realidade da sociedade mesmo assim, né?” (Tainá, 2025).

Muito mais que um curso de informática, poder estudar em uma Instituição Federal e o fato de ter uma prima que já cursava ensino médio no IFSul influenciaram sua escolha: “então ela trazia retornos, feedbacks muito legais de como era a escola, as atividades que tinha além dos estudos, então eu tava bem animada assim” e relembra do esforço de sua mãe para comprar um notebook que serviria para seu estudo para o processo seletivo do IFSul:

“Eu lembro que no último ano do ensino fundamental, a minha mãe trabalhando como diarista, no serviço de faxina e de limpeza, mas ela se esforçou o máximo que dava ali para comprar um notebook para eu poder fazer os estudos para passar no vestibular do IF, porque era algo que ela achava muito importante, então ela foi atrás de um jeito de me oferecer isso. (Tainá, 2025).

E reconhece que, apesar dos desafios, o apoio da família foi essencial para suas conquistas “tudo isso favoreceu para que eu conseguisse romper aquelas barreiras e seguir estudando”.

Quando questionada sobre sua experiência no IFSul, Tainá comenta sobre o

impacto que teve logo que iniciou.” Eu acho que o a primeira coisa que me surpreendeu é que ele acaba atendendo toda a região carbonífera. Então, tinham colegas de Arroio dos Ratos, São Jerônimo, Butiá, Minas do Leão [...]”. O fato de ter se acostumado com uma realidade diferente durante o ensino fundamental, fez com que a possibilidade de conhecer pessoas de diferentes cidades trouxesse para Tainá uma sensação de identificação e pertencimento “[...] por vezes, eu me sentia meio deslocada por ser um perfil diferente naquela escola. E aqui eu encontrei muito mais diversidades né, de pessoas, de locais, de histórias de vida, de realidades”.

Ativa, participou de diversos eventos que a Instituição proporcionou “eu passei por vários, vários segmentos do que o IF poderia oferecer”. De jogos esportivos a gincana, de projetos de pesquisa a feira de ciências, conforme relata:

Eu fazia parte dos times de esporte, então a gente viajava nas competições para jogar. [...] E eu participei da gincana nos quatro anos, então, eu me envolvi em diversos setores da gincana, desde como uma participante ali no primeiro ano e como líder da equipe no último ano. Então, eu fui desenvolvendo habilidades também nesse sentido relacional e de trabalho em equipe, assim. (Tainá, 2025).

Mas sua passagem pelo IFSul também foi permeada por desafios “a questão da locomoção se manteve como um desafio, né?”. Com problemas relacionados a deslocamento desde o ensino fundamental, explica que a assistência estudantil oferecida pela Instituição “fez toda a diferença” para cobrir os gastos e compara com a experiência anteriormente vivida “[...] foi muito mais fácil de transpor porque a Rede Federal oferecia esse suporte”. Outro desafio relatado diz respeito ao ensino “[...] era um ensino bastante puxado, os professores eram exigentes, a gente tinha bastante demanda, né? Então, não sei chutar agora aqui, mas 13, 14 disciplinas por semestre, né?” e explica que havia auxílio dos professores para quem precisasse, pois havia “horários de atendimento que tu marcava ali com o professor, então tu ia para tirar dúvidas. Era bem, possível então de manejar ali as dificuldade [...]”

Para além da sala de aula, a participação em diferentes atividades lhe proporcionou aprendizados que levará para diversas áreas da sua vida, como acadêmica, profissional e também pessoal e explica:

Primeiro, eu acho que muito sobre relações, assim, tanto no sentido de como se comunicar com as pessoas, como transmitir aquilo que tu realmente quer transmitir. Então, eu trabalhei muito esse aspecto de me desinibir um pouco assim, de poder falar assertivamente. É, na gincana, eu tive muita essa experiência, então eu precisava falar com os membros, né?

Muitos membros da equipe, então coordenar os aspectos dos setores e tudo mais. Então, eu tive muito esse aproveitamento no aspecto da comunicação. Ah, no relacionamento interpessoal também, de saber manejar situações, né? Que na época sempre surgiam situações para a gente manejar na equipe, então tudo isso também foi contribuindo para minha formação pessoal e profissional. (Tainá, 2025).

Embora sua graduação não tenha sido numa área correlacionada ao curso realizado no ensino médio, muitas disciplinas lhe ajudaram na realização de pesquisas, aprendizados estes que estiveram presentes durante sua graduação: “[...] Eu cheguei na universidade tendo uma noção sobre pesquisa muito maior do que os meus colegas que estavam chegando naquele momento, porque não é algo comum da gente ter acesso no ensino médio, por exemplo”, e destaca aprendizados práticos como estruturação de metodologia de pesquisa, apresentação de cartazes e pôsteres, formatação de acordo com as normas da ABNT, entre outros. Sobre a importância das experiências vividas no IFSul, declara: “[...] realmente eu tive essa base aqui no IF e, depois, pude continuar aprimorando essa habilidade na faculdade”.

Das disciplinas técnicas às disciplinas propedêuticas, Tainá destaca a importância de disciplinas como história, filosofia e sociologia: “[...] a gente ia muito além do básico assim, então eu acho que me auxiliaram a ter uma visão crítica, né?” E explica a relevância para sua formação profissional: “Uma visão, de alguma forma, politizada da nossa experiência em sociedade. Então, isso também me auxilia muito na minha vida pessoal e profissional também, porque a psicologia, ela não se distancia disso”. No esporte, não era boa, “[...] mas ainda assim era muito divertido [...]”, e considera toda experiência válida: “Eu tenho a sensação de que tudo que eu participei aqui me trouxe aprendizados”.

Rememorando sua trajetória na Instituição, Tainá apresenta objetos que representam momentos importantes de sua passagem pelo IFSul. Ao exibir duas medalhas, explica que “[...] me lembram muito dessa experiência com a pesquisa, né? Que ela me trouxe frutos não só no sentido da premiação, mas de tudo que eu vivi, tudo que eu aprendi, as experiências que eu tive”. A medalha, premiação de uma participação na Mocitec, trouxe a oportunidade de participar da Mostratec, experiência que lhe proporcionou conhecer pessoas de diferentes países, conforme compartilha:

E daí, se conectando a isso, até hoje eu tenho guardado os objetos que eu troquei com os alunos. Tem um momento lá da feira que a gente faz trocas entre culturas. Então, a gente trocava objetos, por exemplo, eles traziam questões do seu país, Paraguai, por exemplo. É, tinha Japão, tinha Argentina, tinha Itália ... Então, a gente foi trocando objetos assim das federações [...] (Tainá, 2025).

[...] mas essa troca foi muito legal, assim, a gente, pode conhecer culturas diferentes, e sempre é algo que eu penso no sentido de que, talvez, eu não teria acesso a conhecer pessoas de tantos lugares tão cedo, se não fossem experiências como essa. (Tainá, 2025).

Conforme anteriormente mencionado, outra experiência significativa que mereceu ser lembrada foi sua participação em gincanas, evidenciada através da apresentação de suas camisetas e moletons:

[...] foi uma experiência onde eu aprendi muita coisa, de coordenação, de grupo, de gestão de muitas coisas, então, às vezes, as pessoas levam as experiências de gincana como uma brincadeira, mas eu acho que tem a oportunidade da gente desenvolver muita coisa, seja nos setores onde tu participa, por exemplo, habilidades artísticas, habilidades de construção, de raciocínio lógico [...]. Então, essa experiência de gincana também foi muito importante para mim. (Tainá, 2025).

Seus objetos, revelam memórias de uma época importante em sua vida “Eu tenho esses objetos guardados porque são memórias que eu gosto de revisitar de vez em quando, assim, tenho guardado com muito carinho porque realmente me lembram uma época muito boa”.

Moradora da zona rural de Charqueadas (Assentamento 30 de Maio), Tainá evidencia, diversas vezes, ao longo da entrevista as dificuldades enfrentadas em relação ao deslocamento, sendo essa uma situação que lhe acompanhou do ensino fundamental até a graduação. No IFSul, suas aulas acabavam às 18h15, horário que não tinha mais ônibus disponível para voltar para casa e a solução encontrada foi a contratação de um táxi fixo, junto com outros estudantes: “Então, todos aqueles dias ele sabia que aquele horário, ele faria essa corrida para nós e a gente dividia o valor mensal, né? Geralmente nós estávamos em dois ou três alunos” e explica que o que tornou isso possível foi o recebimento da assistência estudantil, fato que também colaborou para que pudesse participar de atividades extraclasse:

[...] como a gente tinha essa assistência estudantil, a gente conseguia fazer o pagamento desse transporte que acabava tendo uma flexibilidade. Por exemplo, nos dias de treinamento, que a gente fazia treinos para as competições, então a gente combinava um horário diferente ali e conseguia

participar dessas outras atividades. (Tainá, 2025).

E comenta sobre a diferença que percebeu em relação ao ensino fundamental: “[...] na época do ensino fundamental, eu não conseguia fazer trabalho com os colegas depois do horário, ir nos eventos, por exemplo, uma festa junina, um evento desse tipo, um treinamento para um jogo, no esporte”.

Quando questionada sobre as oportunidades de estágio e emprego na área da informática na Região Carbonífera, declara: “Eu acredito que bastante limitadas”, e explica: “Difícilmente a gente tem estágios aqui na região, onde tu possa desenvolver um trabalho de programação, por exemplo. Geralmente, os estágios estão mais limitados ao atendimento de TI [...]”, porém destaca que para quem se forma em mecatrônica, as oportunidades são maiores:

[...] eu acho que talvez no curso de mecatrônica exista uma possibilidade maior, devido às grandes indústrias que a gente tem aqui. Mas na área da informática, eu me pergunto um pouco. Eu acho que a cidade não está tão preparada, tanto que boa parte dos meus colegas que seguiram nesse ramo - alguns fizeram o TSI, outros fizeram outras faculdades na área da informática, da tecnologia de informação - eles acabaram por ir trabalhar em outras cidades. (Tainá, 2025).

Após o término do ensino médio, foi aprovada, através do PROUNI, na faculdade de Psicologia da Unisinos. Nesse período, realizou estágios em Porto Alegre, na Clínica Escola da universidade, e em Charqueadas, nas escolas municipais e na Secretaria de Educação. Foram cinco anos e meio enfrentando, novamente, o desafio de ir e vir: “O meu percurso de graduação também teve esse desafio do deslocamento, de sair de Charqueadas e ir para Porto Alegre todos os dias”. Graduada no final de 2023, iniciou sua atividade profissional em Charqueadas no início de 2024: “[...] comecei a minha atuação aqui em Charqueadas como psicóloga clínica e, desde então, quase um ano a um ano e meio depois, sigo minha atuação clínica através da psicoterapia”.

Da sua experiência no IFSul, leva aprendizados que repercutem até hoje, tanto na sua vida acadêmica, quanto na sua vida profissional e acredita que ao longo de sua trajetória houve uma soma de habilidades, conforme destaca: “Todas essas habilidades que a gente foi conversando de comunicação, de relacionamentos interpessoais, enfim, habilidades ali do mundo de trabalho, eu comecei a desenvolver aqui”. Tainá acredita que essas experiências serviram para moldar sua

perspectiva de mundo e considera o IFSul “um divisor de águas” em sua vida:

Eu acredito que o impacto que o IF teve no rumo da minha vida foi muito grande. Acho que se eu não tivesse estudado aqui, talvez teria tido uma experiência de vida bastante diferente, se eu for pensar, né? Então, sim, eu acredito que falando tanto por mim, quanto pelos outros colegas que o IF tem um impacto muito grande e acredito que positivo na nossa experiência profissional. (Tainá, 2025).

Para o futuro, busca crescer na carreira de psicóloga e ampliar seus atendimentos, para isso, procura estudar e se manter sempre atualizada através de cursos de pós-graduação e de formação “para continuar aprimorando meus atendimentos” e afirma “eu acredito que eu me vejo sempre estudando, né? Sempre seguindo estudando. Não me vejo parando no tempo”.

Ao ser questionada se gostaria de deixar um recado para estudantes dos anos finais do ensino fundamental, declara:

Se eu fosse pensar nos estudantes de ensino fundamental, que ainda não sabem se vem para o IF ou não, se vão para outras escolas, eu diria que aqui a gente tem chances, oportunidade, né? Que aqui tu tem maiores acessos a conhecer coisas, a ver coisas, que é muito interessante. Então, por isso eu recomendaria 100% que venham para o IFSul. (Tainá, 2025).

Para os estudantes que estão iniciando no primeiro ano no IFSul, aconselha: “aproveitem as oportunidades que o IF oferece. Assim, aproveitem o suporte e estrutura que o IF dá, se envolvam, se engajem nas coisas. Eu acho que isso pode trazer experiências incríveis”.

Ao finalizar a entrevista deixa um recado para a Instituição sobre a importância de manter vínculos com os egressos:

Então, esse momento de trazer os egressos novamente para cá, eu acho fantástico! Assim, eu acho incrível a gente ter essas oportunidades de trazer os alunos que estudaram aqui para contribuir de alguma forma com a instituição, para seguir contribuindo. Eu acho que é uma instituição que da forma como ela se propõe, ela cria vínculos muito fortes. (Tainá, 2025).

E explica que tem colegas que sentem falta do IF, mas não veem oportunidade de voltar, “nem sempre aparece tão claramente assim” e sugere a possibilidade de se pensar em “situações de extensão” ou alguma atividade que possa trazer egressos para o Campus, “eu acho que seria uma excelente ideia”.

5.4.7 Trajetória da Fernanda

“[...] eu cresci bastante nesse sentido de me desenvolver como pesquisadora [...]”

Após um desencontro, a sétima e última entrevista foi realizada na noite do dia 28 de junho, em um sábado. Fernanda tem 22 anos e mora em Porto Alegre, egressa de 2022 do curso técnico integrado em mecatrônica, cursa administração e sonha em ser médica pediatra. Natural de São Jerônimo, estudou no ensino fundamental em escola particular e teve em sua prima, uma grande incentivadora para estudar no IFSul. No segundo ano, decidida a construir um currículo acadêmico, começou a participar de projetos científico e feiras e declara “sinto que eu cresci bastante nesse sentido de me desenvolver como pesquisadora, de questionar as verdades absolutas, de criar hipóteses, pesquisar [...]”. Para os estudantes do Ensino Médio Integrado do IFSul, Fernanda deixa um recado “[...] é um momento para tu experimentar tudo”.

Começamos a entrevista falando sobre experiências, no caso, sobre experiências no ensino fundamental. Fernanda cursou o ensino fundamental em uma escola particular, na cidade de São Jerônimo e das inúmeras experiências, relata “[...] eu fui aprender a ler e escrever no primeiro ano do ensino fundamental. Nesse ano a gente também aprendeu a fazer cálculos e para mim me alfabetizar foi mais fácil do que fazer cálculo”. Filha de professores, relata que era uma criança “muito curiosa”, característica que perdeu com a chegada da adolescência “[...] conforme eu fui crescendo, chegou um momento ali na minha pré-adolescência, que eu já era mais rebelde, aí eu deixei um pouco essa curiosidade da infância de lado”, porém seu ingresso no IFSul fez com que essa característica se fizesse presente novamente “eu sinto que ela voltou quando eu comecei a estudar no IF, porque tem tantas oportunidades lá dentro, pesquisa científica, coisas relacionadas a esportes, enfim”.

Além da sua escola sempre comentar sobre o IFSul, a experiência de familiares que estudaram no Instituto serviram de incentivo para que Fernanda se inscrevesse no processo seletivo. Ouvir sua prima falando sobre as oportunidades que teve “fez com que eu me interessasse para começar a estudar lá também”.

Quando questionada sobre suas expectativas quanto a cursar o ensino médio

integrado no IFSul, ela explica: “Eu acredito que por causa dos filmes eu tinha muito aquele cenário de High School Musical na cabeça, que é todo mundo unido, dançando, animado, aquele cenário bem norte-americano [...]”. Era assim que Fernanda imaginava que seria sua experiência no ensino médio, uma imagem “meio idealizada”, conforme ela mesma descreve, porém, seu percurso foi diferente do que imaginava: das primeiras impressões que teve quando iniciou seus estudos no IFSul, lembra de uma prova surpresa de filosofia “O professor chegou e falou: ‘Olha, tá aqui a prova’ e eu lembro que eu rodei e naquele momento eu pensei: ‘se eu não começar a focar de verdade, eu não vou dar conta’”. Nesse momento chegou a colocar em xeque sua capacidade como estudante e confessa:

[...] eu tinha impressão que todos os estudantes do IFSul eram nerds, então eu tinha ali as minhas inseguranças, mas no fim o IF me surpreendeu muito positivamente. Eu sinto que o ambiente é muito diverso, tem pessoas com os diversos gostos, diversas personalidades. (Fernanda, 2025).

Apesar do receio inicial, explica que a escola onde cursou o ensino fundamental lhe proporcionou “uma base muito boa” para o ensino médio “as primeiras coisas que foram passadas, principalmente em matemática, eu sinto que eu já tinha um bom domínio na escola que eu vim” e destaca que percebeu uma grande diferença quanto a diversidades de pessoas que estudam no IFSul “porque no meu ensino fundamental parece que tinha um padrão, sabe? É pessoas da mesma classe, mesma raça, tudo assim, em caixinhas e muito homogêneo e no IF eu notei que era um lugar mais plural”.

Uma experiência desafiadora, mas que trouxe evolução. É dentro desse contexto que Fernanda passa a relatar os seus quatro anos no IFSul:

No meu primeiro ano foi essa introdução, então primeiro foi esse susto, depois eu me adaptei, fiz várias amizades, percebi as coisas que eu precisava melhorar e em geral foi um ano que eu me permiti, me permiti conhecer as pessoas, conhecer a instituição, os professores. (Fernanda, 2025).

No segundo ano, decidida construir currículo acadêmico dentro da Instituição, começou a participar de projetos científicos e feiras e relata sua experiência: “foi um ano em que eu aprendi muito também, porque eu me desenvolvi nessa parte extracurricular, né? Além de todo o ensino das disciplinas propostas no currículo”. Como pesquisadora, considera que teve a oportunidade de “questionar as verdades absolutas” e “de criar hipóteses” e destaca a importância de ter tido a oportunidade

de aprender a pesquisar já no ensino médio: ‘Um artigo científico é uma oportunidade que muitos só vão ter na graduação e os estudantes do IF já tem no ensino médio’.

Seu terceiro e quarto anos, foram dentro do contexto social da pandemia e explica “eu sinto que eu não tive a experiência completa de estudar no IF”.

Apesar dessa sensação, entende que ter estudado no IFSul, foi uma oportunidade de se reconhecer como pesquisadora e descobrir seus gostos: “Antes do IF eu não tinha um direcionamento do que eu queria e quando eu estava lá dentro, eu me via muito como uma pesquisadora, eu realmente me reconhecia como uma cientista [...]” e completa:

E foi a partir do IF que eu descobri os meus gostos, porque quando eu participei do meu projeto em engenharia, que era na área de engenharia biomédica, eu vi que eu realmente gostava ali da parte de matemática, de eletrônica, mas o que eu gostava mesmo era da parte médica do projeto e foi que fez eu me interessar pela área da medicina, que é agora que eu tô tentando cursar, que eu tô prestando vestibular, enquanto eu tô cursando administração. (Fernanda, 2025).

Participante de diversas atividades como feiras científicas, gincanas, ROBOCHARQ e jogos, avalia que “todas as experiências foram bastante divertidas”, mas explica que com o início da pandemia as atividades acabaram, ficando somente as feiras, que passaram a ser virtuais. O gosto pelas atividades extracurriculares fizeram com que Fernanda procurasse, fora do IFSul, outras atividades on-line para realizar durante o período pandêmico:

[...] eu procurei participar de simulações da ONU em outros colégios, aí foi on-line, também de alguns grupos de STEM, que é Science Engineering, Math Mathematics and Technology, que é, né, essa área relacionada ao meu curso de Mecatrônica. (Fernanda, 2025).

As experiências vividas trouxeram transformações em sua vida e Fernanda percebe que através delas houve um grande impacto na sua forma de se comunicar “Eu não gostava de apresentar projetos, de falar em voz alta”, porém, atividades em sala de aula, como apresentar um livro para a turma ou debater conteúdos, colaboraram para essa transformação: “Eu sinto que eu aprendi a me expressar muito melhor, a falar com o público. Isso com certeza é uma coisa que eu vou levar para o resto da vida e foi no IF que eu aprendi isso”.

A sua vivência no IFSul resultou em um livro intitulado “Cuide de você e do

planeta: desenvolvimento socioemocional de estudantes e a criação de projetos sustentáveis”. O livro escrito “no final do IF”, revela a gratidão da autora pelas oportunidades vivenciadas e por todo seu desenvolvimento e procura incentivar as pessoas a acreditarem em si e irem em busca de seus sonhos:

[...] o meu livro que eu escrevi a partir de uma posição de muita gratidão por todas as oportunidades que eu tive, por todo o desenvolvimento que eu tive e a partir disso eu queria incentivar outras crianças e adolescentes acreditarem no potencial deles, irem atrás dos sonhos e a partir disso criarem projetos sustentáveis. Então eu falo sobre isso no meu livro “Cuide de você e do planeta”. Ele é um convite, então, para os jovens irem atrás daquilo que eles acreditam e se especializarem também nas áreas que eles mais gostam. Isso foi muito por causa do IF, porque nele lá eu tive essa oportunidade de pesquisa de conhecer tantas pessoas, com tantos interesses. Então, eu queria democratizar esse tipo esse tipo de oportunidade. (Fernanda, 2025).

Morando em São Jerônimo, enquanto cursava o ensino médio, Fernanda ia de van para a Instituição e levava em torno de uma hora de deslocamento, não tendo problemas para participar de atividades extraclasse.

Durante seu ensino fundamental, pensava na possibilidade de ir morar em Porto Alegre para cursar o ensino médio “muitos alunos do ensino fundamental vão fazer o médio em Porto por ter mais oportunidades”, porém o IFSul mudou seus planos:

E quando eu entrei no IFSul, eu percebi que ali dentro eu já tinha muitas oportunidades e então isso fez sim com que eu mudasse de visão e isso fez também com que eu me jogasse mais para as oportunidades do IF e tentasse vencer um pouco de tudo, porque eu percebi que que muitas coisas que eu procurava fora já tinha dentro do IF e na região em si. (Fernanda, 2025).

Em relação às oportunidades de estágio e emprego na Região Carbonífera, Fernanda comenta que, para seu curso de mecatrônica “tem a Gerdau” a qual considera uma empresa de “bastante prestígio” e reitera ao afirmar que “os estudantes vão para lá e aprendem muito lá dentro”. Opinião que diverge em relação ao curso de informática: “eu acredito que a gente tenha oportunidades limitadas na região”.

Após concluir o ensino médio, optou por “tirar um ano sabático”, no qual se inscreveu em universidades no exterior e aprimorou seu inglês, conforme explica: “Eu me inscrevi para universidades lá. Passei em uma na Flórida, mas não consegui

bolsa de estudos, então acabou que eu não ia conseguir pagar pelo curso e decidi refazer a rota e estudar aqui”. Nessa mudança de planos, Fernanda fez pré-vestibular, passou em algumas faculdades de medicina, porém optou por cursar administração, pois acredita que o curso poderá lhe ajudar futuramente a administrar sua própria clínica médica.

Apesar de estar estudando em uma área diferente da que se formou no IFSul, Fernanda reconhece que todo o conhecimento obtido durante o Ensino Médio contribuiu para a sua inserção e desenvolvimento no mundo do trabalho e explica:

[...] nós tivemos trabalhos em grupo e eu sinto que isso fez com que eu mudasse muito, a minha forma de socializar dentro de uma equipe, de entender os pontos fortes, os pontos fracos de outras pessoas, de me colocar numa posição de humildade e cooperação também, pedir ajuda quando eu não sabia de algo e também quando eu sabia, não estar numa posição de arrogância. Eu acho que todas essas coisas são muito importantes para tu conviver, seja no ambiente de trabalho, seja até mesmo ali numa roda de amigos. Então, quanto a isso, essa parte de desenvolvimento humano, eu senti que o IF me impactou bastante também. (Fernanda, 2025).

Portanto, atribui à formação recebida durante o Ensino Médio no IFSul a oportunidade para melhoria em diversas áreas de sua vida, conforme explica: “[...] eu acredito que hoje eu sou uma pessoa que sei me comunicar melhor, sei escrever melhor, sei me relacionar melhor por causa do IF. Isso tem um impacto nas diferentes áreas e principalmente na área profissional”.

Ao fazer planos para o futuro, afirma que pretende se formar em administração e cursar medicina, vindo futuramente a trabalhar com estética ou na área da pediatria e ter sua própria clínica.

Finalizamos sua entrevista com recados: para os alunos dos anos finais do ensino fundamental, comenta: “Eu gostaria que vocês se desafiassem mais, não desacreditassem tanto de vocês mesmos, como eu já fiz muitas vezes” e reforça ao afirmar que “estudar no IF é uma oportunidade que pode mudar completamente a tua vida” e para os estudantes que estão cursando o Ensino Médio no IFSul, explica que o momento é de experimentar para se conhecer: “Experimenta fazer um projeto em uma área, não deu certo, vai para outra, tenta um esporte, tenta conhecer pessoas novas, conversar com seus professores, com os seus colegas, sabe, tenta ir além [...]”, pois acredita que o autoconhecimento abre portas no futuro.

Para a Instituição, deixa um recado de agradecimento e gratidão pela

experiência vivida:

Bom, eu gostaria de agradecer a todos os profissionais do IF, todos os professores que impactam tanto a vida dos seus alunos das diversas formas, a todos aqueles que me ouviram e que escutam diariamente todos os alunos. Vocês fazem tem uma grande diferença. O IF é um lugar que abre muitas portas e eu sinto que pessoas que nunca imaginaram que teriam alguma oportunidade na vida, tiveram sua vida completamente transformada pelo IF. (Fernanda, 2025).

Na subseção 5.5 “Construindo evidências: egressos e referencial teórico” apresento uma articulação entre dados do questionário, respostas das entrevistas semiestruturadas à luz de autores que sustentam esta pesquisa como Eliezer Pacheco (2010), Dante Henrique Moura (2007), Maria Ciavatta (2008).

5.5 CONSTRUINDO EVIDÊNCIAS

Para Marise Ramos (2014), a transição da infância para a adolescência e para a vida adulta é um momento em que o sujeito é disputado. Segundo a autora, o sujeito que está no ensino médio é disputado porque a formação que ocorre nessa fase define a própria sociedade e a configuração social: a relação entre ciência, conhecimento científico e produção; modo de produção da existência; processo econômico; geração de riqueza; distribuição de riqueza e trabalho; divisão social do trabalho, se manifestam (Ramos, 2024, p. 17).

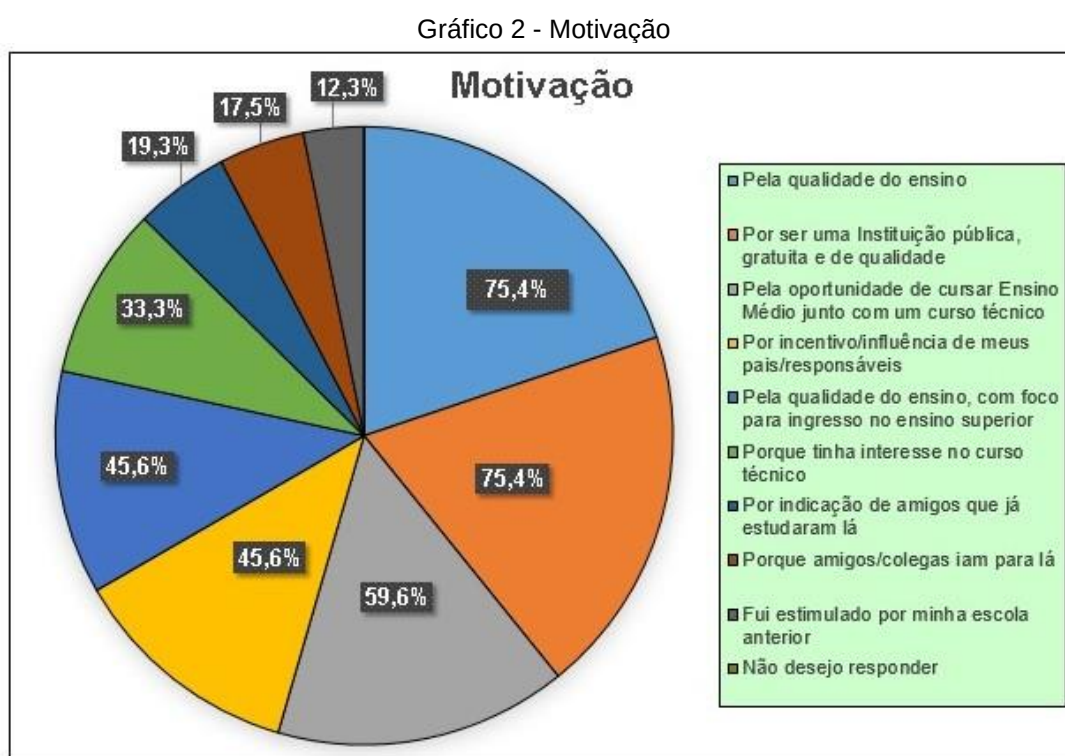
Nesse sentido, Ramos (2014), discorre que na etapa anterior ao ensino médio, no ensino fundamental e na educação infantil, a referência que o sujeito tem de trabalho é a referência do pai e da mãe que saem todos os dias para trabalhar, ou seja, a representação da criança sobre produção é medida pelas representações que ela tem sobre trabalho (Ramos, 2014, p. 17). A autora ainda destaca que as crianças de classes populares têm como referência de trabalho uma referência cruel, onde se perde a referência da ciência e do conhecimento, porque muitas delas não estão na escola.

Assim, o ensino médio se coloca como um lugar de disputa para as classes sociais: há aqueles que só querem ter uma profissão e aqueles que querem obter conhecimento científico. Essa dualidade que permeia as classes sociais, acaba definindo onde o jovem vai se matricular no ensino médio.

Nesse sentido, quando investigo as trajetórias de vida dos egressos até adentrar ao Ensino Médio Integrado no IFSul, percebo que os percursos são, muitas vezes, parecidos, como fica evidenciado no fragmento de fala de Pedro Henrique, ao explicar que durante seu ensino fundamental, existiam poucas oportunidades de atividades para além da sala de aula: “Questão de evento pelas escolas, era mais evento cultural, nenhum evento assim muito científico. Máximo que tinha era uma visita à feira do livro, alguma coisa do tipo”. Realidade reforçada na fala de Matheus: “[...] Eventos nunca cheguei a participar muito no fundamental, porque raramente tinha, mas quando tinha eu participava”.

Apresento neste eixo questões referentes a acontecimentos ocorridos antes do ingresso no IFSul, como, por exemplo, motivações para estudar no IFSul e escolha do curso.

No questionário, quando foi perguntado ao egresso o porquê de escolher estudar no IFSul, foram obtidas as seguintes respostas, que apresento no gráfico abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Portanto, percebo que, para os egressos, o principal motivo de ter escolhido estudar no IFSul foi devido à qualidade do ensino e por ser uma instituição pública,

gratuita e de qualidade, fato evidenciado na entrevista da egressa Lívia: “[...] eu dava prioridade pela qualidade do ensino, então foi muito mais pela qualidade do ensino do que pelo curso em si [...]” e reforçado pela egressa Carolina: “Eu ingressei mais pela qualidade. Para ser sincera para ti, o IF não me chamou atenção pelos cursos técnicos. Ele me chamou a atenção pelo ensino médio em si [...]”.

As duas principais motivações evidenciadas pelos egressos demonstram o que o Instituto Federal representa perante a sociedade: um ensino de qualidade, fato ressaltado na fala de Eliezer Pacheco (2010), que considera que os Institutos Federais são “[...] fiadores de um ensino público, gratuito, democrático e de excelência”.

34 egressos escolheram o IFSul pela oportunidade de cursar o ensino médio junto a um curso técnico, o que lhes garantiria finalizar o ensino médio com a possibilidade de conseguir um emprego, fato ocorrido com Matheus, que explica que teve influência de seu pai que “recomendou o IF por questões de curso técnico, seria muito bom para minha carreira [...]”. O número significativos de egressos que escolheram cursar o Ensino Médio Integrado em buscas de oportunidades de emprego vai ao encontro do que afirma Moura (2007), ao destacar que há jovens que “[...] não podem ‘se dar ao luxo’ esperar até aos 20 anos ou mais para iniciar a trabalhar”. Assim, o Ensino Médio Integrado se apresenta como uma oportunidade de obter uma formação profissional sem que haja necessidade de abandonar os estudos regulares, pois na formação integral não há separação entre educação geral (propedêutica) e profissional, “[...] seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, como o ensino técnico, tecnológico ou superior” (Ciavatta, 2008, p. 198).

26 egressos optaram pelo IF, pois acreditam que a qualidade do ensino ofertada os ajudaria a ingressar no ensino superior e porque receberam incentivo dos pais ou responsáveis. Tainá relata que seus pais não tiveram muitas oportunidades de estudos: “Meu pai terminou o ensino médio na época, mas a minha mãe fez só até o meio do ensino fundamental”, porém sempre acreditaram na educação como um meio de transformação de vidas e sempre a incentivaram a estudar: “Então, eles me incentivaram desde muito pequena a seguir estudando. Para entrar no IF foi um incentivo muito grande deles [...]”. A influência familiar também foi evidenciada na pesquisa realizada por Einsfeld (2022). Nela, dos seis egressos entrevistados, três escolheram estudar no IFSul por incentivo de seus

familiares, fato que mostra a importância da família em suas decisões.

Apenas 33,3% (19) fizeram a escolha com interesse no curso técnico, como foi o caso de Pedro Henrique, que explica: “Eu já gostava de mexer com coisas relacionadas a computador, mas antes de ir para o IF, eu fazia um bico basicamente de edição de vídeo, né? Eu editava vídeo e ajudava uma fotógrafa”. Após conversar com colegas que cursavam mecatrônica no IFSul, soube também que havia a opção de cursar informática, conforme relata:

E aí, depois que eu descobri, eu queria ir para o campus, mas para fazer o curso de informática. Eu sei que tem muita gente que vai para o campus porque ali o estudo é melhor, né? São professores mais graduados, mas, para mim, não valia a pena fazer um ano a mais de ensino médio só por isso. Eu queria mesmo por causa do técnico e informática, que eu achava muito legal. (Pedro Henrique, 2025).

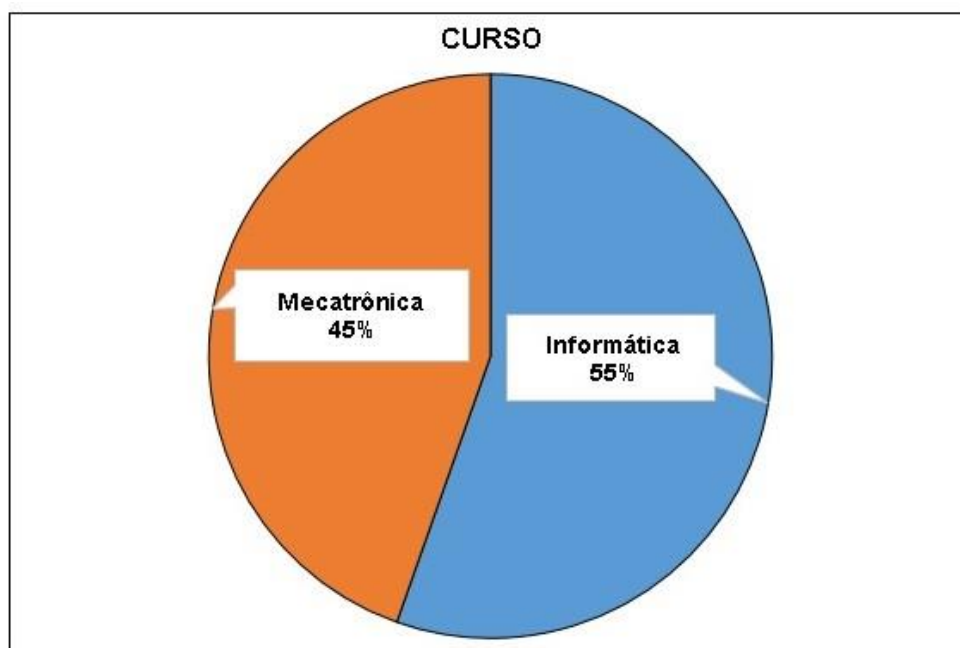
Já, 28 egressos apresentaram respostas variadas, como indicação de amigos que já estudavam lá, porque seus colegas ou amigos iam para lá e por estímulo da escola que cursaram o ensino fundamental, como foi o caso de Tainá, que, além dos pais, teve na sua prima outra grande incentivadora, pois, por meio dela, ficou conhecendo melhor a Instituição e as atividades extraclases. O mesmo ocorreu com Fernanda, que por meio de sua prima, soube das oportunidades existentes e foi estimulada a se inscrever no processo seletivo. Já Amanda, afirma: “[...] o IF sempre foi sempre muito bem recomendado para mim, tanto pelos meus pais, professores ou por aqueles que estudavam lá” e Lívia reitera:

Então já tinha filhos de algumas colegas que já estudavam no IF. A gente conhecia como estrutura, né? Porque o IF é bastante divulgado no território nacional, pela qualidade, pela formação técnica. Então a gente conhecia mais assim ‘boca a boca’ [...]. (Lívia, 2025).

Tal fato evidencia a importância da opinião que alunos e ex-alunos possuem da Instituição, pois, conforme Lélis Espartel (2009), podem ajudar a divulgar a Instituição e seus cursos, mediante relatos de experiências e recomendações.

Após terem decidido estudar no IFSul, um fator importante é referente a escolha do curso. Dados do questionário mostram que a maioria dos egressos respondentes optou por cursar informática, porém a diferença não é significativa, conforme evidenciada na figura abaixo.

Gráfico 3 - Curso



Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Durante as entrevistas, quando questionados o porquê escolherem cursar informática ou mecatrônica, houve similaridades entre algumas respostas. Havendo apenas duas opções de cursos, muitas vezes, a escolha mediante “afinidade” foi decisiva, como foi no caso de Pedro Henrique, conforme explica: “Eu nunca mexi muito bem com mecânica e com eletrônica, principalmente”. O mesmo ocorreu com Amanda, que optou por informática, pois não se identificava com mecatrônica. Fato semelhante ocorreu com Lívia, que escolheu mecatrônica, pois não se via cursando informática. Também egressa da mecatrônica, Fernanda revela que “sempre gostou de matemática” e que pensava em fazer faculdade de engenharia e “[...] como a mecatrônica tá muito relacionada, né? [...] “eu imaginei que eu me encaixaria melhor em mecatrônica [...]”.

Se na escolha do curso existe convergência, há também divergências. Para Matheus, a influência familiar esteve presente na sua decisão e escolheu mecatrônica, pois “[...] é uma área que o meu pai relativamente está presente nela. Então, eu achei que seria mais interessante eu escolher essa área para formar minha carreira profissional”. Já Carolina afirma que “não sabia direito o que era mecatrônica” e a opção por informática se deu por acreditar que “conseguiria usar o curso melhor no futuro [...]”, pois, conforme explica, independentemente de onde fosse trabalhar, a informática sempre estaria presente.

“[...] para ser sincera, na época eu imaginava que ela ia me ajudar a mexer nas minhas redes sociais”, é assim que Tainá explica sua escolha por informática, mas, com o passar do tempo viu que não seguiria na área, porém reconhece sua importância e declara: “Fui vendo que a informática, além de ser muito necessária, não era o que eu queria seguir no futuro, mas que ia me ajudar em alguns outros aspectos, né?” E afirma que, pelo fato de a tecnologia estar presente no nosso dia a dia, o curso foi importante e lhe forneceu uma boa base.

A partir da análise dessas duas questões, foi possível concluir que a maioria dos egressos escolheu o IFSul por considerar seu ensino de qualidade. Muitos tinham como foco uma melhor preparação para ingresso no ensino superior, tendo em sua família os principais incentivadores. Para a maioria, a escolha do curso técnico se deu por uma questão de afinidade, porém, para alguns, questões como influência da família e empregabilidade também foram citadas como decisivas em suas escolhas.

Apresento neste eixo questões referentes a acontecimentos ocorridos durante o Ensino Médio no IFSul, como, por exemplo, participação em eventos, desafios e conquistas e deslocamento versus assistência estudantil.

De acordo com Ramos (2014), formação omnilateral é integrar no currículo, na prática pedagógica, na prática escolar, as dimensões fundamentais da vida. Segundo a autora, o currículo deve contemplar as dimensões ciência, trabalho, cultura e tecnologia (Ramos, 2014, p. 23).

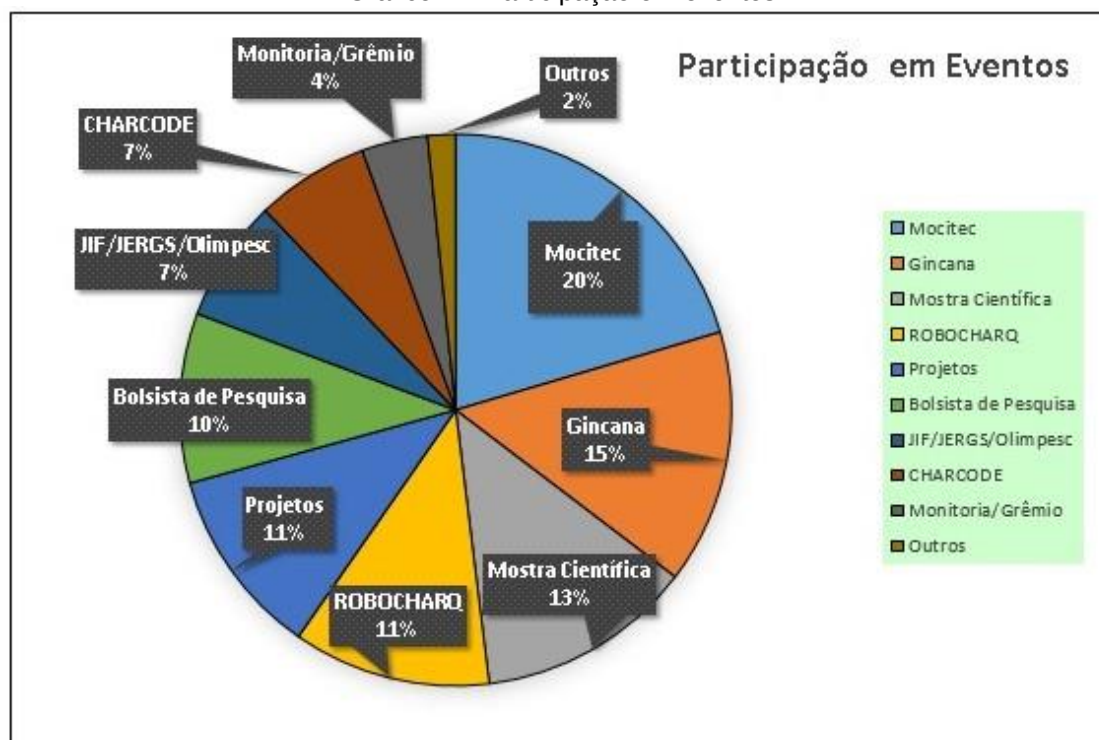
O currículo escolar se torna um desafio, à medida que se modifica para atender as necessidades sociais de cada momento, acompanhando as mudanças exigidas para que as pessoas possam viver plenamente o seu tempo histórico.

Ramos (2014), propõe que para além da proposta curricular, opções pedagógicas se configurem em outras ações e processos de ensino, como desafios, problemas e projetos que levem o aluno/a à ações resolutivas, à elaboração de projetos de intervenção, dentre outros. Para a autora, essa proposta curricular integrada problematiza fatos e fenômenos que são significativos e relevantes para a compreensão do mundo em que vivemos juntamente com os processos tecnológicos da área profissional.

No questionário, quando foi perguntado sobre quais eventos os egressos participaram, havia várias opções de respostas, podendo ser marcada mais de uma alternativa. Dos 56 egressos respondentes, 46 participaram de eventos. Apresento

no gráfico abaixo as respostas.

Gráfico 4 – Participação em eventos



Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Em seguida, foi solicitado que fosse relatado o que essas experiências proporcionaram na sua formação, e surgiram respostas diversas, as quais apresento a seguir as duas que tiveram maior destaque: feiras científicas e gincana.

Egressos que participaram de atividades como Mocitec e mostras científicas (eventos externos), desenvolvimento de projetos e pesquisa, responderam que adquiriram aprendizados para além dos conteúdos didáticos, como trabalhar em equipe, habilidade de se apresentar em público, desafios no aprofundamento dos estudos, conhecimentos de como se realiza uma pesquisa, formatação em normas da ABNT, entre outros conhecimentos que consideram importantes para seu desempenho na graduação e no mundo do trabalho.

Um fato comum entre todos os egressos participantes da entrevista, é que todos afirmaram terem participado da Mocitec, pelo menos uma vez. Para Carolina, a feira lhe proporcionou um significativo aprendizado sobre como apresentar trabalhos e falar em público, conforme explica:

Então, tu aprendia muito melhor a apresentar trabalho, meio que tinha essa cobrança a mais que hoje eu levo isso para a graduação, tanto que um exemplo muito claro disso, que melhorou muito que eu digo nessa parte da dicção de conseguir apresentar um trabalho, de não gaguejar na frente da turma e tudo mais [...] (Carolina, 2025).

Aprendizado esse que acredita ter vindo da prática “foi metendo a cara e fazendo, apresentando e tudo mais”.

Participante da Mocitec e de outras feiras científicas, Tainá compartilha da mesma opinião que Carolina e considera que a experiência lhe proporcionou chegar ao ensino superior tendo um maior conhecimento sobre pesquisa e reitera que não é algo habitual de acontecer durante o ensino médio.

Falas que vão de encontro ao que diz Fernanda ao afirmar que “um artigo científico é uma oportunidade que muitos só vão ter na graduação, e os estudantes do IF já tem no ensino médio”. Lívia, participante ativa de feiras científicas, explica que “essa parte da pesquisa permeou muito a minha trajetória, foi muito importante mesmo” e destaca que os aprendizados obtidos foram tanto de maneira acadêmica como para sua formação social.

Já Pedro Henrique explica que: “Com as pesquisas eu conheci muito da parte da parte prática da programação, né? Porque eram projetos que não eram trabalhinho da escola, era o mais complexo. Então, o IF me proporcionou isso” e de Tainá que afirma ter aproveitado todas as oportunidades que a Instituição oferece:

Eu participei de projeto de pesquisa, eu participei no terceiro e no quarto ano desenvolvendo um projeto, participando de feiras científicas, tanto a Mocitec quanto outras da rede do IFSul, né? E tanto outras feiras maiores que a gente foi como a Mostratec [...] Nos primeiros anos antes de ter projeto, eu participava das prospecções de alunos de outras escolas na Mocitec. [...] Então, eu tenho para mim como uma experiência extremamente positiva e que eu saí daqui recomendando para todo mundo, assim, né? (Tainá, 2025).

Para Saviani (2007), no ensino fundamental a relação entre educação e trabalho é implícita e indireta. Ela não faz referência direta ao processo de trabalho. Segundo o autor, aprender a ler, escrever, a contar, aprender os rudimentos das ciências naturais e sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive (Saviani, 2007, p. 160).

Já no ensino médio, de acordo com Saviani (2007), a relação entre educação e trabalho, entre conhecimento e atividade prática, é explícita e direta. Para o autor,

o papel fundamental da escola de nível médio é recuperar a relação entre o conhecimento e a prática do trabalho (Saviani, 2007, p. 160). Dessa maneira, Saviani (2007), explica que no ensino médio o estudante consegue entender como a ciência e seus princípios são aplicados ao processo produtivo, fazendo-se a articulação da prática com o trabalho teórico.

Nesse sentido, sabemos que o estudante está preparado para todas as dimensões da vida pelo currículo integrado e pelos processos formativos como projetos, participações em feiras, participações culturais, participações políticas, bem como preparado para unir o conhecimento à prática estudada.

A participação em gincanas foi a segunda colocada, atividade que os egressos consideraram importante para conhecer e interagir com alunos de outras turmas, fazer novas amizades, adquirir capacidade de liderança e viver momentos de descontração.

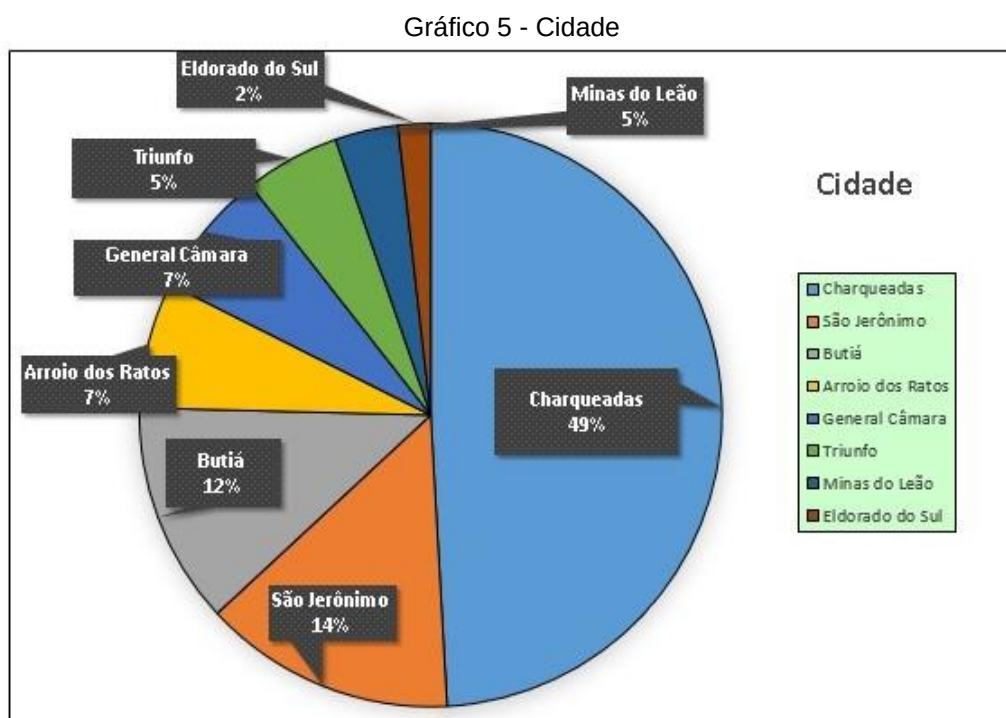
Para Pedro Henrique, a participação em gincanas foi importante para integrar as turmas de informática e mecatrônica, opinião que vai de encontro a de Carolina, que explica:

Essa parte de gincana também foi muito legal, mas aí eu acho que a parte da gincana é mais faz troca entre os próprios alunos de turmas diferentes dentro do IF, tanto os curso quanto turma, que aí primeiro ano se misturava junto com o segundo ano, tanto da mecatrônica quanto da informática, é pessoal da manhã junto com o pessoal da tarde. Porque como eu falei lá no início, não sei se é assim até hoje, mas quando eu estudava, eu via que era muito grupinho fechado entre eles dentro das turmas, que aí participar de gincana possibilitou conhecer várias outras pessoas de outros anos, fazer amizade com outros anos, às vezes até ver, trocar experiência do tipo: "Ai, tal professor vai me dar aula; tu já teve aula com ele?" (Carolina, 2025)

Fernanda participou da gincana no seu primeiro ano no IFSul e considera a experiência "muito divertida". Responsável pela área artística, afirma que foi algo "diferente das outras atividades que eu participava". Ativa na gincana desde o primeiro ano, Tainá diz que foi de participante a líder de equipe. Conta que teve "muitos aprendizados" e explica que, apesar da gincana, muitas vezes, ser levada "na brincadeira", ela trouxe aprendizados como melhora de comunicação, coordenação de grupo, gestão, entre outros.

A oportunidade de convivência com alunos de várias cidades da Região Carbonífera, evidente nas falas anteriores de alguns egressos, mostra o alcance do IFSul. Com alunos de várias cidades, o deslocamento pode (ou não) se tornar um

problema. No questionário, quando questionados em qual cidade moravam quando estudaram no IFSul, 28 egressos (49,1%) responderam que moravam em Charqueadas e 29 egressos (50,9%) responderam que moravam em outras cidades da Região Carbonífera, como São Jerônimo, Arroio dos Ratos, Butiá, Triunfo, entre outras. A figura a seguir mostra essa realidade de forma mais detalhada:



Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Após, seguiu-se o seguinte questionamento: Qual(is) o(s) meio(s) de transporte você utilizava para chegar ao IFSul? As respostas são apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 16 – Locomoção

Meio de Locomoção	Números de respondentes
Van escolar	54,4%
A pé	42,1%
Bicicleta	28,1%
Carro	28,1%
Ônibus	26,1%
Táxi/Uber	3,6%
Bote	3,5%
Barca	1,8%
Skate/Patinete	1,8%

Fonte: Elaborado pela autora. (2025).

Através das respostas, ficou evidente que a maioria dos egressos que utilizavam ônibus ou van escolar eram oriunda de outras cidades, enquanto egressos que moravam em Charqueadas, em sua maioria, se deslocavam de carro, bicicleta ou a pé. Como é o caso de Carolina, que podia escolher como ia para o IFSul: a pé, de bicicleta ou de carro, diferentemente de Matheus, que morava em Charqueadas, mas ia somente a pé. Levando em torno de 40 minutos, explica que os dias de chuva eram os mais difíceis: “[...] na ida era complicado, porque eu muitas vezes eu chovia no meio do caminho, eu não tinha pegado o guarda-chuva e ficava molhado até o final da aula”.

“Eu fui muito privilegiada porque eu moro há cinco minutinhos de carro do IF [...]”. É assim que Amanda explica como era feito o seu deslocamento até a Instituição; porém, algumas vezes ia a pé, levando em torno de 15 minutos, mas reconhece que a realidade de muitos colegas que moravam em outras cidades, era diferente. Realidade não compartilhada com Tainá, que, apesar de morar na mesma cidade, enfrentava problemas de locomoção, pois morava na zona rural, tendo que voltar de táxi para casa, pois não havia ônibus no horário que terminavam suas aulas.

Quem morava em outra cidade enfrentava uma realidade diferente, como é o caso de Livia, que na época do Ensino Médio morava em Triunfo e precisava pegar bote e van, para chegar no IFSul ou de Pedro Henrique, morador de Butiá, que pegava ônibus fretado às 6h e levava uma hora de deslocamento, chegando a deixar de participar de eventos por não ter como voltar para casa: “Teve alguns eventos que eu não consegui participar direito, tipo o Sarau Cultural, então ele sempre ia até a noite, né? Então não tinha como participar”. Situação diferente de Fernanda, que, apesar de morar em São Jerônimo, ia de van para a escola e não tinha problemas em participar de eventos extraclasse, pois havia maior disponibilidade de ônibus.

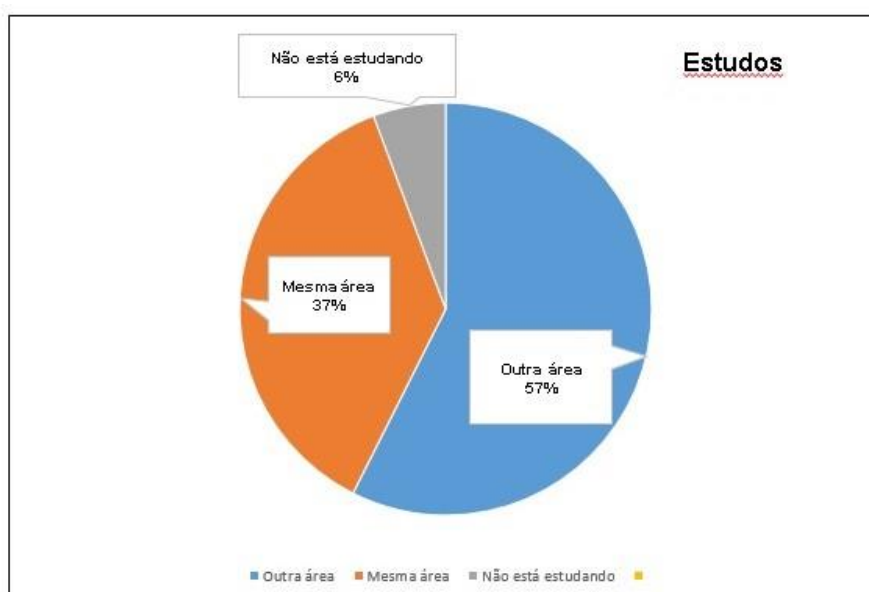
Caminhando junto as oportunidades, a Assistência Estudantil, muitas vezes, torna-se essencial para a permanência de alunos na Instituição. Tal fato é evidenciado por Ciavatta (2008), que afirma que a escola precisa estar atenta as necessidades materiais dos estudantes: “primeiro, as necessidades dos alunos para cumprir um percurso de estudos, em termos de locomoção, de alimentação, de renda mínima para se manter e manter-se na escola [...]” (Ciavatta, 2008, p. 15).

Para Pedro Henrique, foi necessário juntar o valor recebido de duas assistências (alimentação e transporte) para conseguir pagar o valor do ônibus fretado. Já Tainá, afirma que o valor recebido pela assistência fez “toda a diferença” e reflete que, se não houvesse assistência, talvez não pudesse pagar por um transporte. Essas situações mostram a importância da Assistência Estudantil para a permanência do estudante na instituição.

Apresento neste eixo questões referentes a acontecimentos ocorridos após a conclusão do Ensino Médio no IFSul, como, por exemplo, trajetórias de estudos e trabalho.

No questionário, quando foi perguntando se estavam ou não seguindo os estudos na mesma área do Ensino Médio Integrado, apresento as respostas:

Gráfico 6 - Estudos



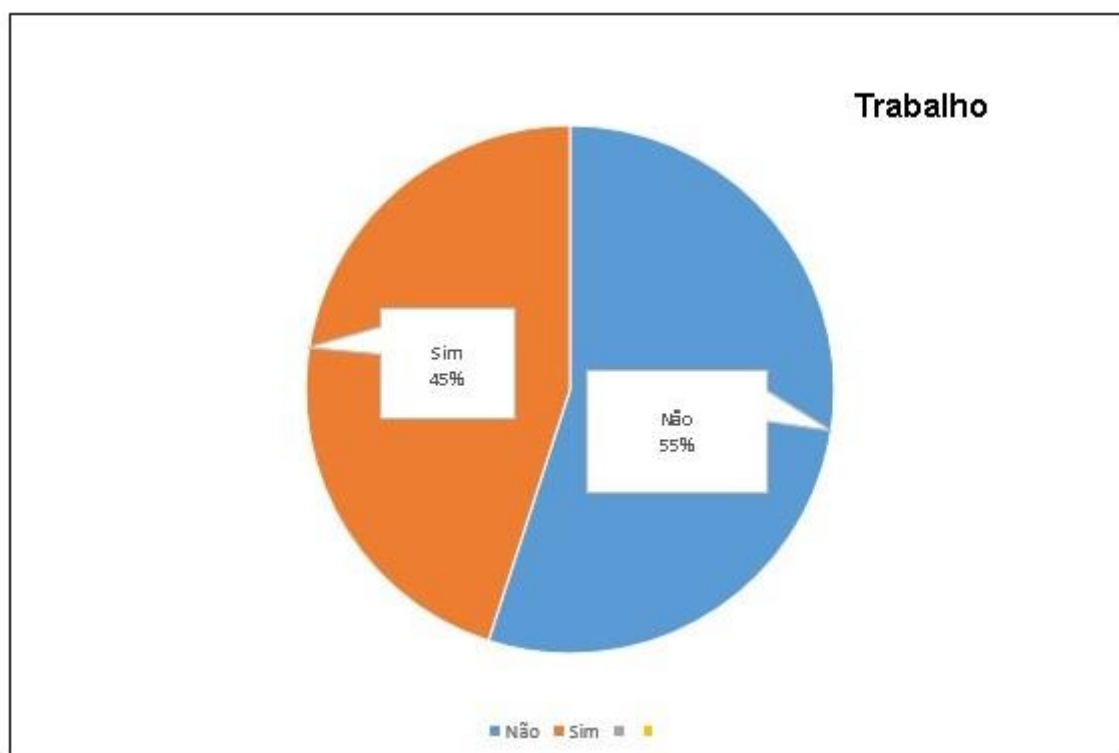
Fonte: (Elaborado pela autora. 2025).

A maioria dos egressos respondentes seguem estudando, porém em um área diferente da cursada no Ensino Médio Integrado. É o caso de Fernanda, que faz faculdade de administração enquanto tenta vestibular para medicina, conforme explica: “[...] eu sinto que várias coisas mudaram e no meio disso tudo também descobri que eu que eu me interesse por essa área da saúde, tanto da saúde mental, quanto realmente ali da medicina” ou de Lívia, que cursa fisioterapia na Faculdade Federal de Santa Maria e afirma que sempre foi “apaixonada pela área da saúde”. Já Amanda segue na área da informática, pois deseja “formar carreira” e Pedro

Henrique, que cursou técnico em informática e hoje cursa TSI, também no IFSul, conforme explica: “[...] eu fiz o Enem também. Eu não tirei uma nota muito boa no Enem, então eu não consegui entrar em nenhuma faculdade, não consegui entrar na UFRGS, UFPEL, ou alguma coisa do tipo, mas minha nota dava para entrar no IF de novo. Eu entrei no Tecnológico, em sistemas da internet no campus”.

Em relação à pergunta se ao trabalham ou não na mesma área do Ensino Médio Integrado foram obtidas 47 respostas, que estão evidenciadas no gráfico 7.

Gráfico 7 – Trabalho



Fonte: (Elaborada pela autora. 2025).

É o que acontece com a egressa Tainá, que saiu da informática, para a psicologia e hoje trabalha como psicóloga clínica: “[...] me formei e comecei a atuar no início de 2024 como psicóloga clínica [...]” e Carolina que explica: “[...] hoje trabalho como auxiliar de laboratório. Não tem nada a ver com o que eu me formei na época, né? Mas atualmente eu tô trabalhando como auxiliar de laboratório num laboratório de análise de vinho”. Diferentemente de Pedro Henrique, que trabalha on-line como programador/pesquisador, em uma empresa localizada em Porto Alegre.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional é um elemento de avaliação dos Mestrados Profissionais em Educação (MPE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É considerado item obrigatório para a conclusão de um mestrado profissional e conforme o Regulamento Geral do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional:

O trabalho de Conclusão de Curso constitui-se em um produto educacional que possua aplicabilidade imediata, considerando a tipologia definida pela Área de Ensino. O produto educacional deverá ser acompanhado de um relatório da pesquisa que contemple o processo de desenvolvimento e avaliação da aplicação do produto, podendo ser construído em forma de dissertação em formato tradicional ou de dissertação em formato de artigo, de acordo com a decisão da Comissão Acadêmica Local. (PROFEPT, 2018).

De acordo com Eliana Batalha (2019, p. 99), o produto Educacional é uma ferramenta que “se configura numa produção desenvolvida pelo orientador e orientando totalmente vinculado ao trabalho de dissertação”. É importante ser planejado desde o começo do curso ou durante as primeiras orientações e as discussões sobre sua elaboração deverão ocorrer de forma paralela ao desenvolvimento da dissertação. Conforme Eliana Batalha (2019, p. 29):

Ao planejar o Produto Educacional orientador e orientando devem considerar a participação dos sujeitos da pesquisa na aplicação do produto, uma vez que estejam inseridos no contexto educacional.

Conforme explica Victória Einsfeld (2022), podem ser considerados produtos educacionais: cartilhas, projetos de extensão, site, blog, podcast, elaboração de aulas, livro, palestras, minicurso, vídeo, entre outros.

O produto Educacional desenvolvido foi um documentário intitulado “Práticas Educativas em EPT: Relatos e experiências”. O documentário possui duração de 52 minutos e um segundo, e conta brevemente a história do IFSul na Região Carbonífera e apresenta relatos de egressos narrando suas trajetórias e experiências, evidenciando sua opinião sobre a contribuição do IFSul em suas vidas, permitindo assim, reconhecer a importância da Instituição na região através das oportunidades delas advindas. Conforme os critérios da CAPES:

É obrigatório que o produto educacional seja validado, registrado, utilizado nos sistemas de educação e que seja de acesso livre em redes on-line fechadas ou abertas, nacionais ou internacionais, especialmente em repositórios. (Batalha, 2019, p.124).

A avaliação do produto educacional foi realizada por meio de uma avaliação feita por egressos (participantes ou não desta pesquisa), professores e Técnicos Administrativos do IFSul Câmpus Charqueadas e integrantes do grupo de pesquisa GEPEJE, os quais trouxeram suas opiniões referentes a temática, impacto social do documentário, adequação ao projeto de pesquisa e adequação ao gênero audiovisual, não tendo sido necessário modificações no produto educacional.

Portanto, conforme afirma Batalha (2019), o Produto Educacional não é apenas uma exigência burocrática, mas o resultado de um trabalho científico, oriundo da dissertação, e visa dar um retorno à comunidade escolar. É necessário que esteja adequado à realidade dos sujeitos, assim como apresentar relevância social.

Na próxima seção apresento o que é um documentário, seu planejamento e execução, aplicação e avaliação.

6.1 O documentário como instrumento de narrativa dos egressos

Mas afinal, o que é um documentário? O documentário é um gênero audiovisual que segundo Michele Oliveira e Edmilson Marques (2016), Fernão Ramos define como uma narrativa constituída de “imagens-câmera”, porém muitas vezes é acompanhada de trilha sonora, animação, ruídos e falas, que estabelece temáticas sobre o mundo, desde que haja um espectador para receber essa narrativa. Oliveira e Marques (2016), consideram o documentário uma maneira de expressão, no qual uma história pode ser contada, seja através de atores (representação) ou mesmo pelos próprios protagonistas da história.

Bill Nichols (2012) destaca a existência de “seis tipos de vozes do gênero audiovisual documentário”: reflexiva, poética, expositiva, performática, observativa e participativa. Esta última, caracteriza-se pela realização de entrevistas em que o cineasta interage com o tema, o que corresponde a abordagem adotada neste documentário.

O documentário “Práticas Educativas em EPT: relatos e experiências” visa contemplar o segundo e terceiro objetivos específicos desta pesquisa que são

respectivamente: reconhecer trajetórias percorridas pelos egressos em relação às oportunidades de estudo e inserção no mundo do trabalho e elaborar um produto educacional em formato de documentário que conte brevemente a história do IFSul na Região Carbonífera e contenha relatos de egressos sobre suas trajetórias e experiências, destacando sua opinião sobre a contribuição do IFSul em suas vidas, permitindo assim, reconhecer a importância da Instituição na região através das oportunidades delas advindas.

O planejamento do documentário foi dividido em duas partes: (gravações com egressos e gravações com demais participantes), porém as gravações ocorreram de forma concomitante. A combinação das gravações ocorreu em junho de 2025, momento em que foi combinado com os egressos e demais participantes, via WhatsApp, sobre suas disponibilidades de datas e horários de gravação. Foi acordado com seis egressos que a gravação seria on-line, através da plataforma VDO.ninja e uma egressa combinou de realizar a gravação nas dependências do IFSul Câmpus Charqueadas. Sobre os outros quatro participantes, dois gravaram na sala de reuniões do gabinete da direção, no IFSul Câmpus Charqueadas (Paulo Araújo e Maria Francisca Johnson) e as outras duas gravações ocorreram em seus gabinetes de trabalho e foram gravadas por seus assessores (deputada federal Maria do Rosário Nunes, em Brasília e vereadora Paula Ynajá Vieira Nunes, em Charqueadas). Um dia antes da data combinada, entrei em contato para a confirmação da entrevista e encaminhamento do TCLE e do termo do uso de imagem. Todos foram assinados e devolvidos antes do momento da gravação.

6.1.1 Informações adicionais sobre a elaboração do documentário

O quadro 17 mostra informações sobre as gravações:

Quadro 17 – Datas, horários e locais das gravações

Participante	Data	Horário	Local
Lívia Ribeiro	07/06/2025	20h	On-line na plataforma VDO.ninja
Matheus Medeiros	12/06/2025	20h	On-line na plataforma VDO.ninja

Carolina Sampaio	17/06/2025	20h	On-line na plataforma VDO.ninja
Pedro Henrique Mietlick	18/06/2025	11h	On-line na plataforma VDO.ninja
Paulo Ricardo Almeida	20/06/2025	17h30	Sala de reuniões do gabinete da direção do IFSul Câmpus Charqueadas
Amanda Viera	24/06/2025	20h	On-line na plataforma VDO.ninja
Maria Francisca Johnson	26/06/2025	15h	Sala de reuniões do gabinete da direção do IFSul Câmpus Charqueadas
Tainá Picolotto	26/06/2025	19h	Sala de aula do IFSul Câmpus Charqueadas
Fernanda Heberle	28/06/2025	20h	On-line na plataforma VDO.ninja
Maria do Rosário Nunes	02/07/2025	20h	Câmara dos Deputados. Brasília
Paula Ynaja Nunes	04/07/2025	16h	Câmara de Vereadores de Charqueadas

Fonte: (Elaborado pela autora. 2025).

No quadro 18 apresento as fases da produção do documentário:

Quadro 18 – Fases da produção do documentário

Datas	Etapas	Procedimentos
05/2025	Pré-Produção	Elaboração do roteiro
06 e 07/2025	Produção	Gravações

06 a 08/2025	Pós-Produção	Edição
--------------	--------------	--------

Fonte: (Adaptação da dissertação de Sinara Stangherlin, 2024).

No quadro 19 apresento o roteiro do documentário, nele foi estruturado sua elaboração que serviu de guia para sua criação.

Quadro 19 – Roteiro do documentário

Capa 1: Pórtico do IFSul Câmpus Charqueadas Trilha sonora: Morning Jazz Delight / Ausku Studio Imagens: Acervo pessoal da pesquisadora, Darling Geruza Rio de Souza, Magda Margareth Scarpatti, Marcos Roberto Prietto Schvants e acervo Público do IFSul Câmpus Charqueadas, Acervo pessoal da pesquisadora
Capa 2: Logo do ProfET
Capa 3: Logo do IFSul
Título do Produto: Práticas Educativas em EPT: Relatos e experiências
Autora: Aline da Rocha Rodrigues
Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Daniela Medeiros de Azevedo Prates
Texto 1: Documentário criado como Produto Educacional do Mestrado ProfET
Texto 2: Charqueadas/RS, setembro de 2025
Vídeo 1: Imagens da passagem do tempo e transformação do local aonde hoje se localiza o IFSul Câmpus Charqueadas e narração da mestranda
Cena 1: Maria Francisca Johnson – Ex Secretária de Educação da década de 90 (1993 a 1996)
Cena 2: Paulo Ricardo Souza - Presidente da Fundação Educacional Comunitária Regional (FUNDACOR) – (1997 a 2004)
Cena 3: Paula Ynajú Vieira Nunes - Ex vice-prefeita de Charqueadas entre os anos de 2005 e 2008
Cena 4: Maria do Rosário Nunes - Deputada Federal e articuladora da implantação da Escola Técnica Federal em

Charqueadas, em 2006
Vídeo 2: Imagens com fotos de atividades realizadas dentro e fora do IFSul Câmpus Charqueadas, com narração da mestrand, fazendo passagem para o depoimento dos egressos
Cena 5: Depoimentos dos egressos - Egressos em cena: Amanda Vieira, Carolina Botelho, Fernanda Heberle, Lívia Ribeiro, Matheus Medeiros, Pedro Henrique Mietlick e Tainá Picolotto
Vídeo 3: Imagens com fotos da Mocitec e com narração da mestrand, finalizando o documentário
Imagem 1: Mensagem com foto de Paulo Freire sobre educar
Créditos Finais: Ficha técnica sobre o documentário
Direção Geral: Aline da Rocha Rodrigues
Filmagem e edição: Rodrigo Martins Ruiz

Fonte: (Adaptação da dissertação de Sinara Stangherlin, 2024).

Apresento a seguir imagens dos bastidores das gravações:

Figura 10 – Bastidores dos Egressos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2025

Figura 11– Bastidores Participantes



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. 2025

6.2 Avaliação do Produto Educacional

A avaliação do produto educacional foi realizada entre os dias oito e 14 de setembro de 2025, por meio da aplicação de um questionário no Google Forms, composto por dez questões. O formulário foi enviado, pela autora, por e-mail, para os egressos. Para os professores e técnicos administrativos, solicitou-se ao Gabinete da Direção do IFSul Câmpus Charqueadas o encaminhamento de um e-mail pedindo a contribuição na avaliação do produto educacional. Para os participantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventude e Educação (GEPEJE), o convite para avaliação foi enviado pelo grupo do WhatsApp.

O formulário recebeu nove respostas, não sendo possível identificar os respondentes. Os resultados mostraram que todos os respondentes consideraram que o documentário retrata o impacto da presença do IFSul Câmpus Charqueadas na vida dos egressos do Ensino Médio Integrado. Também houve concordância de quê, por meio dos depoimentos dos egressos, foi possível conhecer suas trajetórias e experiências no IFSul, bem como reconhecer a importância da Instituição na Região Carbonífera e as oportunidades por ela proporcionadas.

Quando questionados se o assunto e os elementos tratados são relevantes para a Instituição, comunidade e região, houve divergências de opiniões: 88,9% (oito), pessoas responderam que sim e 11,1% (um), respondeu que é relevante para

a Instituição e para a vida pessoal do aluno, mas considera que “a comunidade e a região continua com seus velhos problemas, forçando os egressos a buscar oportunidades de trabalho fora da região”.

Quando questionado se consideravam a criação de um documentário como produto educacional, uma boa forma de retratar o impacto do IFSul na vida dos egressos, 88,9% (oito) pessoas deram nota máxima (cinco) e 11,1% (um) deu nota média (três), porém sem explicar o porquê.

Todos os respondentes consideraram que a representação utilizada no documentário (em formato de depoimento), inseriu o espectador no universo da história, bem como a maneira como foram retratadas as experiências dos egressos e o impacto do IFSul em suas vidas foram feitas de maneira apropriadas. Assim como consideram apropriadas a maneira como foi retratada a parte histórica.

A última questão foi descritiva e estava aberta a observações, dúvidas, sugestões e comentários. As respostas foram: “Excelente produto educacional”, “Muito top”, entre outros e destaque três comentários mais detalhados:

Quadro 20 – Comentários sobre o produto educacional

Respondente 1: “Gostaria de parabenizar a organização do estudo e da produção do documentário pelo excelente produto educacional construído. Este é, sem dúvidas, um belo apanhado da história do IFSul, bem como do impacto real produzido na vida de tantas pessoas que passam por lá.”
Respondente 2: “Adorei o documentário, parabéns! É um trabalho muito importante para valorizar a instituição e a nossa região.”
Respondente 3: “O documentário pode melhorar tecnicamente, mas o conteúdo, as falas, me emocionaram muito. Talvez, um pouquinho longo, mas rever nossos alunos egressos e saber o que estão fazendo foi muito prazeroso.”

Fonte: (Produzido pela autora. 2025).

O questionário de avaliação do produto educacional encontra-se no Apêndice D.

Após a validação pela banca, o produto educacional foi compartilhado no repositório da Educapes, podendo ser acessado através do link:

<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1133481>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa situa-se na Linha de Pesquisa 1, Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT), Macroprojeto 2, inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT, teve como objetivo analisar o impacto da presença do IFSul Câmpus Charqueadas na vida de egressos do Ensino Médio Integrado aos curso de Informática e Mecatrônica entre os anos de 2016 e 2022.

A partir da análise dos dados produzidos, foi possível compreender que as trajetórias dos egressos não são iguais, porém, em alguns pontos, existe convergência. Há aspectos que lhes são comuns, como, por exemplo, morar na mesma região e o fato de, em sua maioria, virem de escolas públicas e estudarem no IFSul, porém também há aspectos divergentes, como, por exemplo, o significado que cada um atribui à experiência vivida no IFSul, que, por sua vez, conversa com sua própria história de vida.

O IFSul é considerado pelos egressos um “divisor de águas” em suas vidas, trazendo oportunidades, até então, inexistentes em suas experiências como estudantes, como, por exemplo, trabalhar com elaboração de projetos, pesquisas, participar de feiras, gincanas, jogos, entre outras atividades que contribuem para sua aprendizagem significativa.

A maioria dos egressos escolheu estudar no IFSul por considerar o ensino “de qualidade” e teve em suas famílias e amigos seus principais incentivadores.

Os dados mostram que, mais importante que ingressar, é permanecer; por isso, a Política de Assistência Estudantil mostra-se essencial para que a tríade “acesso, permanência e êxito” funcione corretamente.

A maioria dos egressos considera a Região Carbonífera um local tranquilo para se viver, mas com poucas oportunidades de trabalho, principalmente na área da informática, em que consideram haver trabalho apenas para “consertar computadores”. Porém, tem na Gerdau e no Pólo Petroquímico de Triunfo, os principais empregadores para quem cursa mecatrônica.

A importância da tríade “ensino, pesquisa e extensão” esteve presente inúmeras vezes em suas falas, evidenciando aprendizados que vão para além da sala de aula, fazendo-se presente por toda sua vida acadêmica, profissional e pessoal, mostrando-se relevante para sua formação humana e integral.

Apesar de a maioria dos egressos não seguir estudando ou trabalhando na mesma área cursada no Ensino Médio Integrado, todos atribuem valor à formação recebida, considerando as experiências vividas, amizades construídas, conhecimentos obtidos, um importante meio de crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

O documentário, como produto educacional, mostrou-se um importante meio de divulgação do IFSul Câmpus Charqueadas, tanto pelo resgate histórico realizado como através do reconhecimento dos egressos em relação às oportunidades vivenciadas na Instituição, permitindo reconhecer o impacto da presença do IFSul na Região Carbonífera através das trajetórias formativas e de trabalho de egressos dos cursos técnico integrados em Informática e Mecatrônica, considerando a perspectiva de formação humana e integral vivenciada no Ensino Médio Integrado.

Desejo que este trabalho possa contribuir com as próximas pesquisas sobre o IFSul Câmpus Charqueadas sobre egressos, assim como desejo que possa colaborar com a Instituição, pois a realização de pesquisas envolvendo egressos, conforme citado anteriormente, é um importante instrumento de avaliação Institucional.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Governo expandirá rede federal de ensino, com 100 novos campi**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-03/governo-expandira-rede-federal-de-ensino-com-100-novos-campi#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20governo,e%20criou%2038%20institutos%20federais>. Acesso em: 10 de abril de 24.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATALHA, Eliana Ratto de Castro. **Análise sobre a construção de produtos educacionais**: um estudo de caso no PPGCITED. Pelotas: IFSul campus Pelotas - Visconde da Graça. PPGCITED, 2019. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8546205. Acesso em: 27 de jul. de 25.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BOTELHO, Deliane Gomes. **Boletim do egresso**: proposta de acompanhamento de egressos do Ensino Médio Integrado do IFTM. Dissertação. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. Uberaba. 2020. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9348369. Acesso em: 24 de set. de 23.

BRASIL. **Decreto n. 3.860, de 9 de julho de 2001**. Dispõe sobre a organização do ensino superior, a avaliação de cursos e instituições, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D3860.htm. Acesso em: 19 de nov. 23.

BRASIL. **Decreto n. 5.154, de 23 de julho de 2004**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm. Acesso em: 10 de nov. de 23.

BRASIL. **Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos estados da República escolas de aprendizes artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 de nov. 23.

BRASIL. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de

Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 19 de nov. 23.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pesquisa Nacional de Egressos dos cursos Técnicos de Nível Médio da Rede Federal**. Brasília, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=819-relatversaofinal-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em 15 de out. de 23.

CABRAL, Carla Giovana. As mulheres nas escolas de engenharia brasileiras: história, educação e futuro. **Cadernos de gênero e tecnologia**. Curitiba, v.1, n.4, 2005. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6139>. Acesso em: 16 de out. de 24.

CABRAL, Dilma. **Colégio das Fábricas**. Arquivo Nacional. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/57-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-colonial/155-colegio-das-fabricas>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

CAMPELLO; Ana Margarida. “**Cefetização**” das Escolas Técnicas Federais: Projetos em disputa, nos anos 1970 e nos anos 1990. Disponível em: <https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/92>. Acesso em 15 de março de 24.

CASTRO, Clóvis Alexandre de; Plácido, Reginaldo Leandro; Medeiros, Ivonete Telles. **Educação Tecnológica no Brasil: A Geopolítica e a Geografia Política do processo histórico**. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/3983>. Acesso em: 15 de março de 24.

CEMBRANEL; Josiane Krackeker; SANDRI, Simone. **Formação Humana e Integral e suas possibilidades teórico-metodológicas no curso Técnico em Agropecuária**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_josianekrackeker.pdf. Acesso em: 27 de março de 24.

CENSO EDUCACIONAL 2022. **Cadernos RS no Censo 2022 – Educação**. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202506/caderno-rs-no-censo-educacao-maio-2025.pdf>. Acesso em 12 de jul. de 25.

Clavatta, Maria. Clavatta, Maria. A formação integrada à escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3,

Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>. Acesso em: 5 de dez. de 25.

CIAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho e Educação**. Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>.

Acesso em: 7 de dez. de 25.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. Disponível em:

<https://averdade.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Documento-32-MIRLA-CISNE-FEMINISMO-E-CONSCI%C3%80NCIA-DE-CLASSE-NO-BRASIL.pdf>. Acesso em: 4 de jul. de 25.

CNTC. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Disponível em:

<http://cnct.mec.gov.br/> Acesso em: 7 de abril de 24.

COR OU RAÇA. **Atlas Geográfico Escolar**. IBG. Disponível em:

<https://atlasescolar.ibge.gov.br/glossario/cor-ou-raca.html>. Acesso em 12 de jul. de 25.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Profissional: o grande fracasso da ditadura**.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro. Disponível em:

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/2913>. Acesso em: 12 de abril de 24.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. Luiz Antônio Cunha – São Paulo: Editora UNESP, Brasília, DF: Flacso, 2000.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil**. Revista

Brasileira da Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FNsjBnkcM5S5dPpbSqwNPGB/abstract/?lang=pt>.

Acesso em: 12 de jun. de 25.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado; LORDELO, José Albertino Carvalho. A

importância dos estudos com egressos na avaliação de programas. IN: **Estudos**

com Estudantes Egressos: concepções e possibilidades metodológicas na avaliação de programas. p. 15-21. EDUFBA. Salvador. 2012.

DECRETO LEI. **Decreto-Lei**. Legale. Disponível em:

<https://legale.com.br/blog/decreto-lei/>. Acesso em: 7 de jul. de 25.

DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE. **Taxas de Distorção Idade-Série**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/indicadores->

[educacionais/taxas-de-distorcao-idade-serie](#). Acesso em: 12 de jul. de 25.

DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE. **Panorama da distorção idade-série no Brasil.**

UNICEF. Disponível em:

https://www.unicef.org/brazil/media/461/file/Panorama_da_distorcao_idade-serie_no_Brasil.pdf. Acesso em: 12 de jul. de 25.

DUARTE, Marisa R. T. Palavra de Jovens sobre o Pro Jovem: estudos com egressos e a formação em avaliação de programas educacionais. **Revista Educação e Emancipação**. v.9, n.3, Belo Horizonte: Especial, 2016.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista. v. 20 n. 24, p. 213-225. Curitiba. 2004. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216/1859>. Acesso em: 10 de março de 24

Egresso, in **Dicionário Michaelis**. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=egresso> Acesso em 15 de out. de 23.

EINSFELD, Victória. **Trajetória de jovens-alunos egressos do IFSul – Campus Charqueadas**. Dissertação – (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul). Charqueadas. 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.xhtml?popup=true&id_trabalho=11387315. Acesso em 6 de agosto de 23.

ERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/cursopqdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 3 de jan. de 24.

ESCOLA NOVISTA. **Escola Nova**. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/escola-nova/>). Acesso em: 11 de jul. de 25.

ESCOTT E MORAES. **História da Educação Profissional no Brasil**: as políticas públicas e o novo cenário de formação de professores no Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. IN: IX Seminário Nacional de estudos e pesquisas “História, sociedade e educação no Brasil”. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. Disponível em:

https://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.51.pdf. Acesso em: 12 de março de 24.

ESPARTEL, Lélis Balestrin. **O uso da opinião dos egressos como ferramenta de avaliação de cursos:** o caso de uma instituição de ensino superior catarinense. Revista Alcance – Eletrônica. Itajaí, v. 16, n.1, p. 102 – 114, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4777/477748586007.pdf>. Acesso em: 21 de agosto de 25.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **A gênese do Decreto n. 5.154/2004:** um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: _____. (Org.) Ensino Médio Integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

GARCIA, Júlio César. **O Ensino Médio Integrado no Instituto Federal Goiano:** a percepção de professores sobre os desafios e possibilidades para a consolidação da formação humana integral. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3849/2/J%C3%9ALIO%20C%C3%89ZAR%20GARCIA.pdf>. Acesso em: 12 de março de 24.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas S.A. 6ª Ed., 2008.

GUIMARÃES, Cátia. **Educação profissional nos anos de chumbo.** Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/educacao-profissional-nos-anos-de-chumbo>. Acesso em: 12 de nov. de 24.

GUERREIRO, João Adolfo de Souza. **Entrevista sobre a tentativa de implantação de uma Escola Técnica Federal para Charqueadas na década de 90.** Concedida à Aline da Rocha Rodrigues. Charqueadas, 4 de junho de 2025.

GUITARRARA, Paloma. **O que é neoliberalismo?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-neoliberalismo.htm>. Acesso em 2 de set. de 25.

HIGA, Carlos César. **Bloqueio Continental.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/bloqueio-continental.htm>. Acesso em: 29 de junho de 2025.

IFES. Instituto Federal do Espírito Santo. **Assessoria de Acompanhamento dos Egressos** - Política de Egressos. 2023. Disponível em: <https://proex.ifes.edu.br/relacoes-empresariais-e-extensao-comunitaria/assessoria-de-acompanhamento-dos-egressos?start=1>. Acesso em: 26 de abril de 24.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Censo.** Rio

de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=210216>
1 Acesso em 21 de abril de 25.

IFSUL, Instituto Federal Sul-Rio-Grandense. **Relatório de Acompanhamento de Egressos**. 2019. Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/egressos-doc>. Acesso em: 25 de abril de 24.

KAPLÚN, Gabriel. Material Educativo: A experiência do aprendizado. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, n. 27, p. 46-60, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491/40205>. Acesso em: 27 de jul. de 25.

KRÜGER, E. **A reforma do Estado e as políticas públicas para a educação profissional, científica e tecnológica no Brasil**: da Escola Técnica Federal de Pelotas ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (1990-2013). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3172/KR%c3%9cGER%2c%20Edelbert.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov. 23.

KRUMEL, Ana Paula da Costa. **O movimento #OCUPATUDOCHARQUEADAS**: Um ato educativo para a participação em tempos de crise do sistema-mundo. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9432634. Acesso em: 29 de jul. de 25.

LICEU. **Informações sobre Liceus**. FATEC-ETC. Disponível em: <https://cursinhoparaetec.com.br/informacoes-sobre-o-liceu/>. Acesso em: 07 de jul. de 25.

LIMA E ALVES. **Ensino Técnico no Brasil**: breve histórico. Disponível em: <https://periodicos.cefetmg.br>. Acesso em: 16 de março de 24.

LISBOA, Vinícius. **Agência Brasil explica: o que é Sistema S?** Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-09/agencia-brasil-explica-o-que-e-o-sistema-s>. Acesso em: 24 de março de 24.

LOPONTE, Luciana Neves. **Educação Profissional**: Um estudo do impacto da Lei de implantação da Reforma do Ensino Técnico e suas decorrências no CEFET-RS (1997-2004). Dissertação. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/10530>. Acesso em: 20 de out. de 25.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva. **O debate acerca do ensino público nas discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961)**. Educação e Fronteiras. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/1558>. Acesso em: 11 de jul. de 25.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO. **Escola Nova**. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/escola-nova/>). Acesso em: 11 de jul. de 25.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semiestruturada**: análise de objetivos e de roteiros. IN: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos.

Disponível em:

https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 5 de abril de 24.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MEC. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio**.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf.

Acesso em 16 de março de 24.

MEC/SETEC/IFSUL. **Política de acompanhamento de egressos**. 2018. Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/egressos-doc>. Acesso em: 13 de out. de 23.

MEC. **Portaria nº 646, de 14 de maio de 1997**. Disponível em:

https://www.cfp.ufcg.edu.br/etsc/images/conteudo/resolucoes/PMEC646_97.pdf.

Acesso em: 16 de nov. de 25.

MEC/SETEC/IFSUL/PDI. **Plano de Desenvolvimento Institucional**: Abril de 2020 a dezembro de 2024. 2019. Disponível em:

<http://www.ifsul.edu.br/component/k2/item/1334-pdi-2020-2024-ifsul> . Acesso em: 20 jun. 24.

MEC. **Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)**.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proeja>. Acesso em: 18 de março de 24.

MELO, Josimeire Medeiros Silveira de. **História da educação no Brasil**. Ministério da Educação. Universidade Aberta do Brasil. Instituto Federal do Ceará. Diretoria de Educação a Distância. 2012. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/207142/2/Historia%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 24.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2007.

MINEIRO, Elaine C. G.M; LOPES, Frederico A. M. **Processo Histórico da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: das origens da educação profissional à criação dos Institutos Federais**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/60233> . Acesso em: 15 de março de 24.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. 2009**. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf. Acesso em 20 de março de 24.

MONOPÓLIO. **Dicionário Priberam**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/monop%C3%B3lio>. Acesso em: 11 de jul. de 25.

MONTANDON, Lenise Vieira de Souza. **O dualismo na educação profissional brasileira a partir das recomposições legais**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11036482. Acesso em: 31 de jan. de 24.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Revista Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v. 5, n.2, p. 154-164, jul-dez. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875/12399>. Acesso em: 30 de março de 24.

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração**. Holos, Natal, v.2, p.4-30, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110> > Acesso em: 22 out de 23.

MOURA, Dante Henrique; FILHO, Domingos Leite Lima. **A reforma do Ensino Médio**. Regressão de direitos sociais. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/760> Acesso em: 7 de abril de 24.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Bill Nichols, tradução Monica Saddy Martins-Campinas, SP: Papiurus, 2005. - (Coleção Campo Imagético)

NUNES, Paula Ynajú Vieira. **Entrevista sobre a implantação de uma Escola Técnica Federal em Charqueadas**. Concedida à Aline da Rocha Rodrigues. Charqueadas, 2 de junho de 2025.

OLIVEIRA, Ana Lucia Cavalca F. Franco de; COSTA, Fatima Roseni; DA COSTA, Paula Regina; CUNHA, Virginia Mara Próspero da. "Professores Iniciantes: em busca da construção da identidade." **Brazilian Journal of Development**. v.6, nº 4. Curitiba: p. 17097-17107, 2020.

OLIVEIRA, Francisco Chagas Torres de. **Marcas do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional nas trajetórias de vida de egressos do Instituto Federal do Ceará/Campus Fortaleza evidenciadas em um documentário**. Dissertação. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Ceará. 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8783113. Acesso em: 1 de agosto de 23.

OLIVEIRA, Michelle Gusmão; MARQUES, Edmilson Ferreira. **O documentário e suas especificidades**. Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Inovação, Inclusão Social e Direitos. 2016. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/8176>. Acesso em: 27 de jul. de 25.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. IFRN. Natal. 2011.

PINHEIRO Eliana Moreira, KAKEHASHI Tereza Yoshiko e ANGELO, Margareth. **O uso de filmagem em pesquisas qualitativas**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.13 n.5, 717-722, set./out. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/rTXQQvSG5QDyfn5GpBzwvb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 de março de 24.

PRIETTO, Marcos Roberto Miranda. **Entrevista sobre o início da Escola Técnica Federal em Charqueadas**. Concedida à Aline da Rocha Rodrigues. Charqueadas, 30 de abril de 2025.

PROFEPT. **Área de Concentração**. Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/areadeconcentracao?start=2>. Acesso em: 16 de out. de 24.

PROFEPT. Instituto Federal do Espírito Santo. **Regulamento**. Vitória, 2018. Disponível em: <https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/16413-regulamento13julho>. Acesso em: 23 de jul. de 2025.

Província, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/prov%C3%ADncias>. Acesso em: 14 de junho de 2025.

PNE. **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> Acesso em: 24 de abril de 24.

RAMOS, M. **A Reforma do Ensino Médio Técnico nas Instituições Federais de Educação Tecnológica: da Legislação aos fatos**. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (org.). *A Formação do Cidadão Produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico*. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_da_educacao_profissional_tecnologica/a_formacao_do_cidadao_produtivo_a_cultura_de_mercado_no_ensino_medio.pdf. Acesso em: 19 de nov. de 23.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e Política da Educação Profissional**. 1. ed. Curitiba: IFPR EAD, 2014. (Coleção Formação Pedagógica, v. 5).

RAMOS, Marise Nogueira. Ensino médio integrado: da conceituação à operacionalização. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, a.11, v. 19, n. 39, p.15 - 29, jan./ jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/educacao/article/view/10243>. Acesso em: 08 set. 25.

RAMOS, M. Filosofia da Práxis e Práticas Pedagógicas de Formação de Trabalhadores. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 207-218, jan-abr, 2014.

SAN SEGUNDO, Mário; MARTINS, André Rosa. **Os ataques aos Institutos Federais: a restauração neoliberal radical no governo Temer**. Universidade e Sociedade - ANDES-SN, n.6, p. 140-155 jan. 2018. Disponível em: <https://issuu.com/andessn/docs/61>. Acesso em: 4 de abril de 24.

SAVIANI, D. Trabalho e Educação – Fundamentos histórico- ontológicos da relação trabalho e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, Anped, v.12, n.34, jan.-abr., 2007.

SCARPATTI, Magda. **Entrevista sobre a tentativa de implantação de uma Escola Técnica Federal e de uma Escola Técnica Municipal em Charqueadas na década de 90**. Concedida à Aline da Rocha Rodrigues. Charqueadas, 6 de maio de 2025.

SILVA, Daniel Neves. **Vinda da família real para o Brasil**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/corte-portuguesa.htm>. Acesso em 12 de junho de 2025.

SILVA, Daniel Neves. **Revolução Francesa**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/revolucao-francesa.htm>. Acesso em: 12 de junho de 2025.

SILVA, Daniel Neves. **A Era Napoleônica**. História do mundo. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/eranapoleonica.htm>. Acesso em: 12 de junho de 2025.

SILVA, Daniel Neves. **Período Joanino**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/periodo-joanino.htm>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

SILVA, Estevam. **Acordos MEC-USAID: como EUA e ditadura militar se uniram para atacar a educação brasileira**. Ópera Mundi, 20 de fevereiro de 2025. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/pensar-a-historia/acordos-mec-usaid-como-eua-e-ditadura-militar-se-uniram-para-atacar-a-educacao-brasileira/#:~:text=Os%20Acordos%20MEC%20DUSAID%20tinham,do%20ensino%20de%20ci%C3%A4ncias%20humanas>. Acesso em: 16 de junho de 2025.

SILVA, Juliana Pinheiro da. **O Ensino Médio Integrado e a construção dos projetos de vida da juventude egressa do IFAM Câmpus Presidente Figueiredo**. Dissertação. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Manaus. Manaus. 2022. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/1115>. Acesso em: 14 de agosto de 23.

SILVA, Pérsida Pereira da. **Relações de trabalho e gênero a partir do olhar das servidoras do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Câmpus Camaquã**. Dissertação. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – Câmpus Charqueadas. 2023. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13765826. Acesso em: 4 de jul. de 25.

SILVA, Taís Andrade da. **Dos ideais da redemocratização a defesa da iniciativa privada: o anteprojeto de Clemente Mariani, de 1948 e o substitutivo de Lacerda, de 1958**. – Discussões para a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. XXVII Simpósio Nacional de História. 2011. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308153093_ARQUIVO_textofinalANPUH2011.pdf. Acesso em: 11 de jul. de 25.

Soldo, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2025. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/soldo>. Acesso em: 13 de junho de 2025.

SOUZA, de Mariana Barbosa; HOFF, Tuize Silva Rovere. **O governo Temer e a volta do neoliberalismo no Brasil: possíveis consequências na habitação popular.** Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/urbe/a/3MJh66qb4LrfjwrFLdyttrQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 7 de abril de 24.

STAATS, Lucimeire Silva. **Trajetórias de desistência de jovens-alunos do IFSul Câmpus Charqueadas.** Dissertação. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas. Charqueadas. 2021. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10818911 Acesso em 19 de abril de 25.

TECH LEAD. **Tech lead:** tudo sobre a profissão. Quero Bolsa. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/carreiras-e-profissoes/tech-lead>. Acesso em: 2 de ag. de 25.

THOMSON, Alistair. **Memórias de Anzac:** colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br> Acesso em: 1 de maio de 24.

TORRES. Caroline da Silva. **Experiência formativa e inserção no mundo do trabalho de egressos do Ensino Médio Integrado.** Dissertação. (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Salgueiro. 2020. Disponível em: <https://releia.ifsertao-pe.edu.br/jspui/handle/123456789/583>. Acesso em: 12 de setembro de 23.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa:** um debate em aberto. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 12 de agosto. 23.

YIN. Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016. ISBN 9788584290833.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a):

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de pesquisa intitulado: “A PRESENÇA DO INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL) CÂMPUS CHARQUEADAS NA REGIÃO CARBONÍFERA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O IMPACTO DO INSTITUTO NA VIDA DE EGRESSOS”. Esta pesquisa está vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), Edital ProfEPT Nº 02/2022 do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense Câmpus Charqueadas. Nessa pesquisa pretendemos Investigar o impacto da presença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Charqueadas na vida de egressos do Ensino Médio Integrado, para tanto será necessário reconhecer as trajetórias percorridas pelos egressos em relação às oportunidades de estudo e inserção no mundo do trabalho, bem como obter seus relatos contando suas trajetórias e experiências, destacando sua opinião sobre a contribuição do IFSul em suas vidas, permitindo assim, reconhecer a importância da Instituição na região através das oportunidades delas advindas.

A pesquisa será feita no IFSul Câmpus Charqueadas ou via Google Meet (o local será escolhido conforme a disponibilidade do entrevistado) e deverá durar em torno de duas horas e será realizada através de uma entrevista semiestruturada. Para a coleta de dados será utilizado a gravação da entrevista. A entrevista será gravada e filmada, unicamente para os propósitos da pesquisa e meios de divulgação científica e educacional (feiras de iniciação científica, congressos, anais, revistas, etc.). Após a entrevista e transcrição de áudio da mesma, você terá acesso ao material para eventuais concordâncias e/ou discordâncias.

A sua participação na pesquisa poderá ter alguns riscos, como de origem psicológica, pois ao relembrar acontecimentos de sua trajetória é possível que o sinta algum desconforto, estresse e ansiedade, devido a alguma lembrança que

possa causar sofrimento. Caso isso ocorra, o você será encaminhado para o Serviço de Psicologia do Campus, a fim de receber o acompanhamento necessário. Além disso, diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida, poderá realizar o contato imediato com um dos pesquisadores responsáveis pelo estudo que fornecerá os esclarecimentos necessários.

A sua participação na pesquisa poderá lhe proporcionar a oportunidade de uma reflexão sobre sua trajetória, sobre momentos de desafios e superação pessoal, fazendo com que ao rememorar esses fatos possam servir de inspiração para outras pessoas, assim como irá contribuir com a Instituição de ensino pois os egressos podem compartilhar informações fundamentais para a gestão e planejamento dos Institutos, tanto para repensar sua relevância interna - sua missão - quanto externa, os impactos na sociedade, na região de contexto e na vida de quem estão formando, por isso a importância da sua participação.

Ao participar desta pesquisa, saiba que você tem direito:

- de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isso traga qualquer prejuízo a você;
- a não ser identificado e que as informações relacionadas à sua privacidade são confidenciais;
- de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar seu interesse em continuar participando da pesquisa;
- de não ter despesas ou ônus financeiro relacionado à sua participação nesse estudo;
- de que, caso tenha despesas (e de seu acompanhante, se aplicável) relacionadas à participação na pesquisa, terá direito a compensação material das mesmas;
- de se recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.
- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, de acordo com a Resoluções 466/2012, 510/2016 e outras do Conselho Nacional de Saúde relacionadas à ética em pesquisa.

=====

Concordo em participar da pesquisa intitulada: “A PRESENÇA DO INSTITUTO

FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE (IFSUL) CÂMPUS CHARQUEADAS NA REGIÃO CARBONÍFERA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O IMPACTO DO INSTITUTO NA VIDA DE EGRESSOS”.

Recebi uma via assinada e rubricada deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Local, ____ de ____ de ____.

Nome e
Assinatura do(a) participante

Nome e
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Contato do pesquisador:

Nome: Aline da Rocha Rodrigues

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense Câmpus Charqueadas

Telefone: (51) 995.120.862

e-mail: alinerocha3105@gmail.com

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, por favor consulte o

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) responsável pela avaliação. Um CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

CEP/IFRS

E-mail: cepesquisa@ifrs.edu.br

Endereço: Rua General Osório, 348, Centro, Bento Gonçalves, RS, CEP: 95.700-000

Telefone: (54) 3449-3340

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE RECONHECIMENTO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Culturas-juvenis: trajetos e projetos de jovens-aluno do IFSul

Link para acesso ao questionário:

<https://forms.gle/DT6VTVGnBeporjQj9>

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM REDE MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA - PROFEPT INSTITUTO FEDERAL SUL RIO-GRANDENSE - CÂMPUS CHARQUEADAS

Início - apresentação: pedir que o egresso se apresente.

Nome, idade, curso, ano de conclusão e ocupação atual.

Quadro 21 – Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Experiência de vida: Primeiramente, gostaria de pedir que você contasse sobre sua história de vida, sua origem, suas experiências marcantes. Qual objeto você trouxe? Você pode nos contar porquê você escolheu ele?

Você pode relatar para nós como foi sua experiência durante o ensino fundamental e qual sua relação com os estudos? Estudou em escola pública ou privada? Gostava de estudar? Era estimulado pelos pais? Participava de feiras da escola e demais eventos?

Perspectiva para o Ensino Médio: Conhecimento sobre o IFSul e preparação para o processo seletivo: a experiência “do antes”.

Quando estava para terminar o ensino fundamental, quais eram as suas expectativas quanto ao ensino médio?

Como você ficou conhecendo o IFSul e porque escolheu cursar o Ensino Médio Integrado no nele? Quais foram suas motivações para cursar o Ensino Médio Integrado no IFSul? Teve incentivo/influência de alguém? Se sim, de quem?

Como foi a sua preparação para o processo seletivo? O que te levou a escolher/cursar informática/mecatrônica? Quais eram suas expectativas em relação ao Instituto e ao curso?

Desafios na aprendizagem: durante o Ensino Médio Integrado – experiências e vivências

Quais foram as primeiras impressões que você teve quando começou a estudar no IFSul?

Sentiu muita diferença em relação à escola que cursou o ensino fundamental?

Conte sobre os **desafios e conquistas** que você viveu ao longo do seu Ensino Médio Integrado e que influencia elas tiveram na sua vida pessoal e profissional. Você teve suporte da Instituição quando necessário?

Conte como era o seu **processo de aprendizagem**: tinha alguma dificuldade? Caso sim, como você fez para superá-las? Teve suporte dos professores e da Instituição?

O IF contribuiu para seu desenvolvimento profissional e acadêmico?

Se sim, conte como. Caso não, o que você acha que poderia ser melhorado para que isso ocorresse?

Quais foram as **experiências** que você não tinha vivido até então e **que o IF te proporcionou**? Elas foram relevantes para você?

Experiência com pesquisa e extensão: a Formação Humana e Integral

Pedir que mostre o objeto que trouxe e explique sua história.

Para além da sala de aula, quais as atividades de ensino, pesquisa e extensão que você participou? Quais experiências, espaços que o IFSul te proporcionou você viver/conhecer?

(Laboratórios, biblioteca, quadra de esportes, palestras, feiras científicas, saída de campo, desenvolvimento de projetos, iniciação científica, jogos, grêmio estudantil, gincana etc.)

O que você aprendeu com essas atividades/experiências que você acha que pôde utilizar depois, seja na sua vida acadêmica, profissional ou pessoal? Qual a importância que teve para você essas oportunidades? Elas te ajudaram no seu desenvolvimento integral? Se sim, conte como. Se não, o que você acha que poderia ser melhorado para que isso ocorresse?

Quais conteúdos que você aprendeu (teoria) e que teve a oportunidade de vivenciar (prática)?

A prática fez com que você compreendesse o conteúdo de uma maneira mais fácil?

Qual sua avaliação quanto aos conhecimentos obtidos no curso? E quanto as disciplinas?

Como você avalia seu relacionamento com seus professores? E com seus colegas de turma? Como você avalia o curso em relação às suas expectativas?

Qual a **importância** que você atribui à **formação recebida no IFSul**, tanto para sua trajetória de vida, quanto para a sua realização pessoal? Quais são os seus planos para o futuro? Como você se vê daqui dez anos?

Mobilidade urbana: experiência do ir e vir até o IFSul.

Em qual cidade você morava enquanto cursava o Ensino Médio Integrado no IFSul? Quanto tempo você levava da sua casa até o IFSul?

Qual meio de transporte você utilizava para chegar até o IFSul? Havia algum custo?

Você conseguia chegar a Instituição com facilidade ou enfrentava alguma dificuldade? Se você tinha alguma dificuldade, como fazia para contorná-las? Morava longe? Como era sua rotina?

Você recebeu algum tipo de auxílio enquanto estudava no IFSul? Ele foi importante para que você pudesse continuar seus estudos? Deixou de participar de algum evento ou atividade por causa do transporte?

Pandemia: os desafios de aprender em meio ao caos.

Você estava estudando no IFSul durante o período da pandemia? Caso sim, esse acontecimento impactou seus estudos de alguma forma? Conte-nos como foi essa experiência.

Você estava trabalhando na época da pandemia? Caso a resposta seja, sim, esse acontecimento impactou seu trabalho de alguma forma? Conte-nos como foi essa experiência.

Como você percebe os efeitos da pandemia na sua vida e na vida de sua família? Houve alguma mudança? Em quais sentidos?

Local de estágio: experiência formativa e profissional na Região Carbonífera

Como que foi/é para você morar na Região Carbonífera? Estudar no IFSul fez com que você

tivesse outras percepções sobre a região?

Você realizou o estágio obrigatório do EMI na Região Carbonífera? Se a resposta for sim, como você conseguiu esse estágio e em qual local ele foi realizado? Qual era sua função? Caso a resposta seja não, conte-nos por quê. Chegou a tentar estágio e não teve oportunidades?

Caso você não tenha realizado a prática profissional (estágio), você realizou qual atividade para cumprir com as horas complementares?

Qual sua opinião sobre as oportunidades de emprego/estágio na Região Carbonífera?

Você acha que a cidade está preparada para receber os profissionais formados pelos cursos técnicos do IFSul?

Depois de se formar você teve oportunidade de trabalho dentro da Região Carbonífera?

Qual a importância que a Região Carbonífera tem nas suas escolhas de vida?

Desenvolvimento pessoal e profissional: a vida pós o Ensino Médio Integrado.

Você pode relatar para nós como foi o seu percurso acadêmico e profissional após a conclusão do EMI? Trabalha? Estuda? É na mesma área do Ensino Médio Integrado? Por quê?

Quais **expectativas** que você tinha ao final do curso quanto a **inserção no mundo do trabalho**? Elas foram supridas? Vocês se sentia preparado para atuar na sua área de formação?

Todo o conhecimento obtido durante o Ensino Médio Integrado contribuiu para a sua inserção e desenvolvimento no mundo do trabalho?

Como você vê os rumos profissionais que seus colegas seguiram? Como é para você ver eles hoje em outra realidade?

Para finalizar, tem algo que não citou e que você gostaria de falar? Gostaria de deixar um recado para alguém que fez parte da sua vida no IF? E para os estudantes, tanto do Ensino Fundamental como do IF, gostaria de falar algo?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Questionário de Avaliação do Produto Educacional

Link para acesso:

<https://forms.gle/mKbVRtJ8g3io4kzYA>